

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT

**MODIFICAÇÃO CORPORAL EXTREMA:
O CHOQUE E O PROTESTO DE UMA MERCADORIA ESTRANHA**

GOIÂNIA

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese

2. Nome completo do autor

Luciano de Castro Tomazett

3. Título do trabalho

Modificação corporal extrema: o choque e o protesto de uma mercadoria estranha

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT, Discente**, em 16/03/2021, às 15:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Tadeu João Ribeiro Baptista, Usuário Externo**, em 16/03/2021, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1946815** e o código CRC **E2E0F75E**.

LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT

**MODIFICAÇÃO CORPORAL EXTREMA:
O CHOQUE E O PROTESTO DE UMA MERCADORIA ESTRANHA**

Tese apresentada à Banca Examinadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Educação Brasileira. Linha de pesquisa Cultura e Processos Educacionais. Orientador: Professor Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista. Coorientador: Professor Dr. Lênin Tomazett Garcia.

GOIÂNIA

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

TOMAZETT, Luciano Castro de
Modificação corporal extrema: [manuscrito] : o choque e o protesto de uma mercadoria estranha / Luciano Castro de TOMAZETT. - 2021.
142 f.

Orientador: Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro BAPTISTA; co-orientador Dr. LÊNIN Tomazett GARCIA.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2021.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias, gráfico, tabelas.

1. Modificação corporal extrema. 2. Alienação. 3. Desumanização. 4. Protesto. 5. Choque. I. BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata Nº 9 da sessão de Defesa de Tese de **LUCIANO DE CASTRO TOMAZETT** que confere o título de Doutor(a) em **Educação**, na área de concentração em **Educação**.

Aos **dez dias do mês de março de dois mil e vinte e um (10/03/2021)**, a partir da(s) **09:00**, em plataforma virtual no link público de <https://meet.google.com/vcs-gavt-yah>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada *“Modificação corporal extrema: o choque e o protesto de uma mercadoria estranha”*. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Tadeu João Ribeiro Baptista (PPGE/FE/UFG)**, doutor **Educação** pela **UFG**, com a participação do Coorientador Prof. Dr. **Lênin Tomazett Garcia (FEFD/UFG)**, doutor **Educação** pela **UFG** e dos demais membros da Banca Examinadora: Prof^ª. Dr^ª. **Anita Cristina Azevedo Resende (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Ciências Sociais** pela **PUC/SP** - membro titular interno; Prof. Dr. **André Barcellos Carlos de Souza (FE/UFG)**, doutor **Educação** pela **UFG** - membro titular externo, Prof^ª. Dr^ª. **Renata Leite Soares (FE/UFG)**, doutora em **Psicologia** pela **UnB** - membro titular externo e Prof^ª. Dr^ª. **Sissília Vilarinho Neto (FEFD/UFG)**, doutora **Educação** pela **UFG** - membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. **Tadeu João Ribeiro Baptista**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos dez dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista

Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia

Prof^ª. Dr^ª. Anita Cristina Azevedo Resende

Prof. Dr. André Barcellos Carlos de Souza

Prof^ª. Dr^ª. Renata Leite Soares

Prof^ª. Dr^ª. Sissília Vilarinho Neto

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Tadeu João Ribeiro Baptista, Usuário Externo**, em 10/03/2021, às 13:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Renata Leite Soares, Professor do Magistério Superior**, em 10/03/2021, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andre Barcellos Carlos De Souza, Professor do Magistério Superior**, em 10/03/2021, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anita Cristina Azevedo Resende, Usuário Externo**, em 11/03/2021, às 01:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sissilia Vilarinho Neto, Professora do Magistério Superior**, em 15/03/2021, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lênin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 15/03/2021, às 19:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1927015** e o código CRC **BA5E2E22**.

Referência: Processo nº 23070.011452/2021-21

SEI nº 1927015

AGRADECIMENTOS

Aos trabalhadores professores e funcionários administrativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás.

Aos amigos do IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aos amigos do CAS-Goiânia, agradeço a todos.

Ao professor e orientador Tadeu João Ribeiro Baptista, pelas contribuições, disciplinas no PPGE/UFG, na banca de mestrado, nas orientações a distância, pelo apoio ao longo do meu processo formativo.

Aos professores da banca examinadora na qualificação: Anita Resende, André Barcellos, Lênin Garcia, Renata Soares e Sissília Vilarinho que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos do grupo COEESA:

Milena, Vinícius, Nelson, Aryana, Wanessa, Pâmela, Luciano Campos e Lohany.

Aos amigos e parceiros de orientação:

Dênis, Augusto, Weber, Renato, Bárbara, Nathália, Kelly e Aline.

Aos professores das disciplinas que tive a oportunidade de cursar: Maria Margarida, Anita Resende, Juliana Chaves, e especialmente a professora Rita Márcia, na orientação e incentivos durante e depois do mestrado.

À minha família, meus pais que são exemplo de vida, meus irmãos e irmãs. À Cláudia e Luciana pelo apoio e paciência. Também agradeço ao professor e amigo Lênin pela coorientação e ajuda, muito obrigado!

RESUMO

O objeto deste trabalho é a *modificação corporal extrema*, a qual utiliza as técnicas de tatuagens, piercings, alargadores, implantes, escarificações e nulificações para produzir alterações radicais no corpo. Almejamos compreender como a *modificação corporal extrema* sintetiza as forças sociais que produzem o estranhamento e tensionam a perda da humanidade. Uma vez que não há um termo para se referir às pessoas que realizam a *modificação corporal extrema*, propomos uma nova palavra, denominando os adeptos como *mutassomaxiados*. A base teórica é formada por Marx, Lukács, Gramsci, Benjamin e Marcuse. O processo determinante do objeto investigado é a ruptura entre o sujeito e o objeto, em que os homens passaram a vender o trabalho na forma histórica de força de trabalho, assegurada pela propriedade privada. Nesta forma de organização social, o trabalho alienado depositado no objeto se esconde nele mesmo, desenvolvendo o fetiche e a reificação, produzindo a referida perda da humanidade – que não é plena e definitiva, mas é ampla e substancial –, pois, o homem perde o objeto, a si e ao outro, comprometendo a sua própria constituição. Neste contexto histórico, compreendemos que a *modificação corporal extrema* é um protesto contra estas perdas que limitam e empobrecem a condição humana, utilizando uma aparência estranha à hegemônica, capaz de provocar o choque e o espanto, denunciando a desumanização da vida, se desumanizando, ou seja, buscando uma imagem corporal que se aproxime do não humano. Entretanto, de maneira contraditória, a *modificação corporal extrema* é uma mercadoria, carregando em si mesma todos os fundamentos constitutivos do capitalismo, contra o qual se protesta e despreza, nos revelando que estamos diante de um objeto que expressa as perdas e a precarização do humano, mas também é um movimento de resistência e enfrentamento ao estabelecido.

Palavras-chave: *Modificação Corporal Extrema*; Alienação; Desumanização; Protesto; Choque.

ABSTRACT

The object of this work is *extreme body modification*, which uses the techniques of tattoos, piercings, stretchings, implants, scarifications and nullifications to produce radical changes in the body. We aim to understand how *extreme body modification* synthesizes the social forces that produce strangeness and tension the loss of humanity. Since there is no term to refer to people who perform *extreme body modification*, we propose a new word, calling fans as *mutassomaxiados*. The theoretical basis is formed by Marx, Lukács, Gramsci, Benjamin and Marcuse. The determinant process of the investigated object is the rupture between the subject and the object, in which men began to sell labor in the historical form of the labor force, ensured by private property. In this form of social organization, the alienated work deposited in the object hides in itself, developing the fetish and reification, producing the aforementioned loss of humanity – which is not complete and definitive, but is wide and substantial –, because, man loses the object, itself and the other, compromising its own constitution. In this historical context, we understand that *extreme body modification* is a protest against these losses that limit and impoverish the human condition, using an appearance that is foreign to the hegemonic, capable of provoking shock and astonishment, denouncing the dehumanization of life, dehumanizing themselves, or that is, seeking a body image that approaches the non-human. However, in a contradictory way, *extreme body modification* is a commodity, carrying within itself all the constitutive foundations of capitalism, against which it protests and despises, revealing to us that we are facing an object that expresses the losses and precariousness of the human, but it is also a movement of resistance and facing the established.

Key-words: *Extreme Body Modification*; Alienation; Dehumanization; Protest; Shock.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|-----|
| Fotografia 1: Homem Lagarto..... | 14 |
| Fotografia 2: Mulher Vampiro..... | 14 |
| Fotografias 3 e 4: Revista tatuada na coxa..... | 72 |
| Fotografias 5, 6 e 7: Boca costurada..... | 82 |
| Fotografias 8 e 9: Alargador na bochecha..... | 84 |
| Fotografias 10, 11 e 12: Casal decepa o dedo como símbolo de casamento..... | 110 |
| Fotografia 13: Pocketing fora de moda..... | 111 |
| Fotografias 14, 15 e 16: Zombie Boy com tatuagens cobertas por maquiagem..... | 112 |
| Fotografia 17: Tatuagem na pele..... | 134 |
| Fotografia 18: Tatuagem no globo ocular - eyeball..... | 134 |
| Fotografia 19: Piercing na sobrancelha..... | 135 |
| Fotografia 20: Pocketing..... | 135 |
| Fotografia 21: Alargador na orelha e nariz..... | 136 |
| Fotografia 22: Implante subdermal..... | 136 |
| Fotografia 23: Implante no globo ocular..... | 137 |
| Fotografia 24: Implante magnético..... | 137 |
| Fotografia 25: Implante transdermal..... | 138 |
| Fotografia 26: Escarificação química..... | 138 |
| Fotografia 27: Escarificação cutting..... | 139 |
| Fotografia 28: Escarificação peeling ou skin removal..... | 139 |
| Fotografia 29: Escarificação burning..... | 140 |
| Fotografia 30: Escarificação branding..... | 140 |
| Fotografia 31: Língua bifurcada..... | 141 |
| Fotografia 32: Orelha de elfo – ear point..... | 141 |
| Fotografia 33: Nulificação - remoção do umbigo..... | 142 |
| Fotografia 34: Nulificação - remoção dos dedos..... | 142 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Introdução | 14 |
| | |
| Capítulo 1 – O processo histórico e a sociedade capitalista | 25 |
| 1.1 – Trabalho ontológico: metabolismo homem – natureza..... | 25 |
| 1.2 – A história das formas sociais do trabalho e da propriedade | 28 |
| 1.3 – Propriedade privada e trabalho alienado..... | 31 |
| 1.3.1 – Os processos do trabalho alienado | 34 |
| 1.4 – A mercadoria: universalização da troca..... | 36 |
| 1.4.1 – O trabalho assalariado..... | 40 |
| 1.5 – Fetiche e reificação..... | 41 |
| 1.6 – A contradição capital-trabalho..... | 45 |
| | |
| Capítulo 2 – Choque e individualismo: educando o sujeito contemporâneo | 49 |
| 2.1 – A esteira produtiva repartida: a suposta liberdade isolada..... | 50 |
| 2.1.1 – Americanismo e fordismo: um passado que ressoa no presente..... | 50 |
| 2.1.2 – Acumulação flexível: descentralizar e superar..... | 54 |
| 2.1.3 – A aparente liberdade: educando para o individualismo competitivo..... | 58 |
| 2.2 – Presentificação e trabalho assalariado..... | 62 |
| 2.3 – Perda da experiência e a sensação de choque..... | 66 |
| 2.3.1 – Desinformação: a comunicação desconectada e presentificada..... | 70 |
| 2.3.2 – Sociedade da sensação: a necessidade do choque como fascínio e espanto..... | 74 |
| 2.3.3 – O corpo que choca: conceito, manifestação e desenvolvimento..... | 78 |
| | |
| Capítulo 3 – O protesto como necessidade e a mercadoria como mediação | 86 |
| 3.1 – A produção do sujeito para o objeto..... | 87 |
| 3.1.1 – Racionalidade instrumental e sociedade unidimensional..... | 87 |
| 3.1.2 – A consciência feliz de uma realização que não se realiza..... | 91 |
| 3.1.3 – A forma mercadoria universal: <i>acho interessante me servir de tela</i> | 93 |
| 3.2 – As faces do protesto..... | 96 |
| 3.2.1 – A Grande Recusa..... | 97 |

| | |
|--|-----|
| 3.2.2 – Marcas corporais: os legados <i>hippie, punk, body art e body primitive</i> | 101 |
| 3.2.3 – Violência da privação: a matriz das violências sociais..... | 104 |
| 3.2.4 – Estranhamento e negação ao humano: do ódio ao suicídio..... | 106 |
| 3.3 – <i>Modificação corporal extrema</i> : a contradição de uma mercadoria indigesta..... | 109 |
| 3.3.1 – Moda e mercado: <i>você se esforça, mas você vira cópia</i> | 109 |
| 3.3.2 – Perdas e resistências: a luta legítima de um corpo que é mercadoria..... | 113 |
| 3.4 – Narcisismo: o necessário resgate do outro coisificado..... | 115 |
| 3.4.1 – O vazio narcísico do espírito de uma época..... | 116 |
| 3.4.2 – Uma estratégia de sobrevivência: <i>eu sou o sonho das pessoas</i> | 117 |
| Considerações finais | 123 |
| Referências bibliográficas | 128 |
| Apêndice: Técnicas de modificação corporal extrema | 134 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma exposição da pesquisa que teve como objeto a *modificação corporal extrema*, a qual se refere às transformações voluntárias e radicais infligidas ao corpo, remodelando, removendo ou acrescentando elementos artificiais ou naturais. Adotamos esta expressão – *modificação corporal extrema* –, objetivando um recorte terminológico mais preciso acerca do objeto, pois, *body modification* ou modificação corporal, podem acenar para diversas possibilidades, perpassando por tradições culturais e religiosas, por questões médicas e de cirurgias estéticas, pelo mercado de beleza e fitness. Até mesmo os âmbitos funcional e higiênico podem ser considerados espécies de modificação corporal.

As principais técnicas utilizadas nestas modificações corporais são: tatuagens, piercings, alargadores, implantes, escarificações e nulificações, cuja lista mais detalhada e fotografada encontra-se no apêndice I. A sua concepção estética é uma apropriação das culturas milenares e tribais, assim como uma aproximação com a aparência dos animais ou dos personagens mitológicos – como o homem lagarto e a mulher vampiro, apresentados nas fotografias a seguir –, compondo uma imagem capaz de provocar o choque, o estranhamento ao olhar, para o outro e para si próprio.



Fotografia 1: Homem Lagarto
Fonte: acervo Martin Bureau/AFP
Disponível em: <<http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2012/10/homem-lagarto-diz-nao-se-arrepender-de-transformacoes.html>>
Data de acesso em: 13/04/2020.



Fotografia 2: Mulher Vampiro
Fonte: Archivo Medios Públicos EP
Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Mar%C3%ADa_Jos%C3%A9_Cristerna>
Data de acesso em: 13/04/2020.

Ainda na esfera dos vocábulos, observamos que não há uma designação específica para se referir à pessoa que realiza a *modificação corporal extrema*, na maioria dos casos a opção utilizada é o termo *adepto*. Diante desta lacuna decidimos ousar, propondo uma nova palavra. Para tal, recorreremos à técnica denominada combinação, que possibilita a junção de radicais de matrizes linguísticas diferentes no processo de hibridismo, pois, articulamos *mutare* e *maximum* do latim, e *soma* do grego. Assim, chegamos ao termo *mutassomaxia*, como um substantivo capaz de expressar a concepção acerca da *modificação corporal extrema*, em que os adeptos, agora são os *mutassomaxiados*.

Diante desta definição sintética e preliminar do objeto, a nossa proposta investigativa foi orientada para compreendermos como a *modificação corporal extrema* sintetiza as forças sociais que produzem o estranhamento e tensionam a perda da humanidade? Nosso itinerário nos conduziu para a necessária apreensão dos processos sócio-históricos envolvidos no fenômeno, especialmente as forças sociais envolvidas na produção da vida, ou seja, o trabalho alienado e a propriedade privada.

São estas forças que produzem a categoria central deste estudo, a perda da humanidade, compreendida como expressão da limitação e do isolamento, da coisificação e do empobrecimento da dimensão humana. Embora esta perda seja real e significativa, ela não é plena e definitiva, uma vez que é fruto desta sociedade, é transitória, assim como esta particularidade histórica o é. Para além da magnitude deste fato em si, ele também justifica a importância desta investigação, pois, para transitarmos pelos meandros deste objeto, é preciso compreender quais elementos estão em causa, como este processo produz e tensiona o estranhamento entre os homens, tensionando a perda do outro e de si.

Esta é a universalidade desta pesquisa, envolvendo a produção de um modo de vida, cuja limitação alcança todos nós, de diferentes formas e intensidades. Neste sentido, esta pesquisa dialoga com a formação humana, e, portanto, com a educação comprometida com o processo fundamental de constituição do homem na relação com o outro, com a natureza, com a realidade. Este movimento se refere à formação do ser verdadeiramente humano, – não como um apêndice da máquina, ou aquele que vive para satisfazer as necessidades básicas como beber, comer, e procriar –, mas aquele que

se diferencia dos animais e vive de maneira consciente, que exercita o seu potencial racional e transcende os limites do imediato.

Assim, esta exposição de pesquisa procura construir sínteses concretas que nos revelam movimentos históricos importantes, colaborando com a formação do homem e iluminando a nossa compreensão de maneira mais substancial acerca do todo, da vida. *A modificação corporal extrema* é justamente a expressão disso que fora perdido e que se busca, ou seja, é um fenômeno que nos provoca reflexões mais amplas e complexas, nos encaminhando para compreender algo sobre como o indivíduo encontrou a sua perda na condição de vida contemporânea.

Para desenvolvermos estas reflexões e compreensões acerca do objeto, é necessário um método capaz de articular a organicidade, a interdependência e a transitoriedade histórica das forças sociais que constituem o todo. A raiz desta questão se encontra na relação sujeito-objeto, a qual pode ser apreendida nas esferas da causalidade, da conexão dos sentidos ou da contradição. Considerando que se trata de relações sociais, estruturas e processos, somente uma ciência comprometida com a história é capaz de alcançar e revelar a verdade contraditória, pois, a realidade não é transparente, e uma descrição positiva e afirmativa da aparência não é suficiente para a construção do conhecimento. Neste sentido, a aparência é o nosso ponto de partida, iluminando o passado que se atualiza no presente, portanto, não há correspondência empírica imediata, mas um construto como síntese lógica e histórica, no pensamento e na realidade material, dos nexos constitutivos do objeto investigado.

Assim, diferenciamos o método da metodologia, a qual apresentamos apenas os elementos necessários para o desenvolvimento desta exposição. Neste contexto, o trabalho com o tema envolvendo as modificações corporais, seja pelas ações de tatuagem, piercing, e outros mecanismos, já foi meu objeto de estudo, quando realizei a dissertação de mestrado, defendida no ano de 2017, com o título: “A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação”, neste mesmo programa de pós-graduação. Esta oportunidade me colocou em contato com este tipo de campo de pesquisa, momento que adquiri familiaridade com este objeto, e me concentrei no estádio de futebol como lócus privilegiado de coleta de dados, para captação de material empírico.

Esta experiência me possibilitou um *ir a campo*, assim como a elaboração de questionário, produzindo um itinerário de pesquisa específico para esse público. Tal

experiência me colocou em condição de observar e analisar outras pesquisas, conferindo-lhes credibilidade e validade, sobretudo em relação à especificidade das perguntas aos sujeitos. É preciso apreender nestas pesquisas, uma certa coerência entre o que se perguntou e o que se respondeu, haja vista que em alguns questionários nem sempre o que se pergunta é o que se observa como resposta, assim como a expressão imediata das respostas pode revelar elementos ocultos na aparência. Esta é a diferença qualitativa da pesquisa, capaz de lhe atribuir validade científica.

Ademais, na pesquisa de mestrado – cujas respostas também serão aproveitadas –, já me deparei com a necessidade de elaboração e reelaboração de questionário, em que a validade é apreendida na sua capacidade de extrair o essencial a partir da expressão imediata, fazendo a mediação desses questionários com o fundamento teórico, ou seja, com o que se quer pesquisar, com os conceitos que se quer arrancar do campo empírico¹.

Assim, o conhecimento alcançado no trabalho de mestrado, principalmente no que se refere à formação de pesquisador, me posicionou no lugar privilegiado, capaz de olhar para as pesquisas realizadas, com um olhar de quem já as produziu. Neste sentido, não é apenas um olhar de julgamento de um leitor científico – o que já seria suficiente para o tipo de pesquisa pretendido – mas sim, de alguém que já produziu e se preocupa em produzir ciência nesse campo, com um público semelhante, nesse tema envolvendo as modificações corporais, embora na pesquisa anterior (TOMAZETT, 2017), nem todas as modificações analisadas possam ser consideradas extremas.

Diante da minha entrada neste campo de pesquisa e trabalhando com o público que atua modificando seus próprios corpos, me senti provocado a continuar este estudo no doutorado. No entanto, concentrando agora naquilo que seria *o mais desenvolvido*, o mais chocante e espantoso, admirável e fascinante, aparentemente na forma mais impactante e mais sensível aos olhos, a *modificação corporal extrema*. Ao fazer uma revisão bibliográfica e pesquisar acerca deste público em específico, me

1 O processo acadêmico que percorremos anteriormente também colaborou para a formação e o aperfeiçoamento da nossa condição de pesquisador, pois, participamos do GEPECC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Cidades, com o projeto denominado: “*O futebol profissional e a cidade de Goiânia: análise das articulações entre o processo de urbanização e as torcidas organizadas*”, bem como do trabalho de conclusão do curso de graduação em educação física: “*A paixão pelo futebol e a construção de uma nova identidade*”. Em ambos estudos realizamos pesquisas empíricas, com a técnica de observação participante e utilização de questionário semiestruturado. A partir desta experiência desenvolvemos o nosso projeto de mestrado supracitado.

deparei com 17 trabalhos que pesquisaram exatamente este objeto, conforme observaremos a seguir.

Nesta fase da pesquisa, seguimos o planejamento acerca da identificação e localização das fontes, ou seja, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso de graduação, bem como da leitura, seleção e fichamento dos textos. Para tal, após a fase de teste e calibragem da ferramenta de pesquisa, utilizamos os termos *modificação corporal extrema* e *body modification*, presentes nos títulos, palavras-chave ou nos resumos dos trabalhos. Investigamos no site que hospeda o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo>), bem como no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br/>). Ademais, localizamos alguns trabalhos nos próprios sites repositórios institucionais, como na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Universidade de Brasília – UNB e Universidade Fernando Pessoa – UFP de Portugal.

Nesta investigação, inicialmente fomos contemplados com 45 trabalhos. Em seguida aplicamos três *critérios de exclusão*, primeiramente percebemos 2 trabalhos duplicados, uma vez que investigamos nos 2 sites citados: Capes e Biblioteca Digital. Logo após excluímos 21 trabalhos que se vinculavam com outras áreas, como cirurgias transexuais, doenças infecciosas e no âmbito da moda. Por fim, o nosso último critério excluiu os 5 trabalhos que não possuíam pesquisa com dados primários, totalizando 28 subtrações, e finalizando as 17 pesquisas com entrevistas diretas dos *mutassomaxiados*, conforme o quadro 1.

Quadro 1: Relação dos trabalhos selecionados para análise

| Nº | Autor | Título | Nível | Instituição | Ano |
|----|-------------------|---|-------------------------------|---|------|
| 1 | BRAZ, C. A. | Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo | Mestrado em Antropologia | Universidade Estadual de Campinas UNICAMP | 2006 |
| 2 | PEREIRA, F. M. G. | Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais: aproximações interetnográficas entre Recife e Madri | Doutorado em Antropologia | Universidade Federal de Pernambuco UFPE | 2007 |
| 3 | RIBEIRO, M. R. | Primitivos modernos: a modificação corporal e o retorno do corpo animal entregarás teu corpo/animal em sacrificio ao grande outro | Mestrado em Psicologia Social | Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS | 2007 |

Quadro 1: Relação dos trabalhos selecionados para análise (continuação)

| Nº | Autor | Título | Nível | Instituição | Ano |
|----|----------------------|--|----------------------------------|--|------|
| 4 | LOECK, Leonardo. | Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas | Graduação em Educação Física | Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS | 2010 |
| 5 | SILVEIRA, A. A. | As produções discursivas de jovens sobre as práticas do body modification | Mestrado em Educação em Ciências | Universidade Federal do Rio Grande – FURG | 2010 |
| 6 | GONZAGA, E. S. F. | As práticas de modificações corporais e a formação de identidades somáticas | Mestrado em Comunicação | Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia - UFG | 2011 |
| 7 | MANGUINHO, J. V. F. | Arte prazer e bisturi: construção corporal através da body modification | Mestrado em Antropologia | Universidade Federal do Rio Grande do Norte UFRN | 2012 |
| 8 | DIAS, B. S. F. | Os limites do corpo: modificações corporais | Graduação em Educação Artística | Universidade Estadual Paulista – UNESP | 2014 |
| 9 | GONÇALVES, A. S. | Corpos modificados ao extremo – o eu, o outro e a sociedade | Doutorado em Sociologia | Universidade de Brasília – UNB | 2015 |
| 10 | ARAÚJO, A. M. A. | Corpo e subjetividade: estudo sobre body modification e suspensão corporal | Mestrado em Educação | Universidade Federal de Santa Catarina UFSC | 2015 |
| 11 | DUARTE, B. N. | O futuro do corpo: tecnociência, pirataria e metamorfose | Doutorado em Ciências Sociais | Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF | 2015 |
| 12 | NASCIMENTO, M. A. N. | <i>Corpos (con)sentidos</i> : cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares | Doutorado em Psicologia | Universidade Estadual Paulista – UNESP | 2015 |
| 13 | RODRIGUES, M. A. F. | O Corpo como objecto de marca(s): modificações corporais e a procura de significado num território não demarcado | Doutorado em Ciências Sociais | Universidade Fernando Pessoa – Portugal UFP | 2015 |
| 14 | NOGUEIRA, N. S. | Corporalidades, body modification e a sociedade contemporânea | Graduação em Saúde Coletiva | Universidade de Brasília – UNB | 2015 |
| 15 | PEREIRA, B. P. | “O mais profundo é a pele”: processos de construção de identidade por meio da tatuagem | Mestrado em Sociologia | Universidade Federal de São Carlos UFSCAR | 2016 |
| 16 | LESSA, L. L. | Representação simbólica da tatuagem e seu significado | Mestrado em Psicologia | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP | 2017 |
| 17 | TOMAZETT, L. C. | A marca no corpo: futebol, tatuagem e educação | Mestrado em Educação | Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação – UFG | 2017 |

Fonte: Elaboração própria

Desta maneira, boa parte dos trabalhos foi selecionada por apresentar o termo *modificação corporal extrema* ou *body modification* no título, no resumo ou nas palavras-chave (**Pesquisas 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14**). Porém, embora alguns trabalhos não se intitulam neste escopo, eles foram selecionados devido aos seguintes *critérios de inclusão*. **Pesquisa 6:** se posiciona como modificação corporal radical, contudo, a descrição dos indivíduos nos possibilita concluir que se trata do fenômeno que denominamos *modificação corporal extrema*, ou seja, eles possuem tatuagens, piercings (mamilo, lóbulo, orelhas e umbigo), lóbulo dilatado, língua bifurcada, perfuração genital, escarificação na perna, alargadores de 20mm nas orelhas. **Pesquisa 15:** o tema é a tatuagem, porém, a pesquisa é direcionada para os profissionais, portanto, os entrevistados produzem a *modificação corporal extrema*. **Pesquisa 16:** o foco desta investigação é a tatuagem, entretanto, os entrevistados possuem até 81% do corpo coberto por tatuagens. **Pesquisa 17:** este trabalho foi realizado por nós, tendo como objeto o torcedor de futebol tatuado com a imagem do time ou da torcida. São modificações corporais que transitam pelos temas da *modificação corporal extrema*, pois, o torcedor possui nove tatuagens e pretende fazer mais dez, manifestando o desejo pela visibilidade, pelo choque – para si e para o outro –, pela metamorfose contínua e cada vez mais intensa.

Destacamos ainda que o nosso pré-projeto apontava a princípio para uma nova pesquisa de campo, porém, ao estabelecermos o primeiro contato com o objeto – almejando produzir o roteiro e as perguntas para a entrevista semi-estruturada –, e com a experiência adquirida nas pesquisas anteriores, a riqueza do material empírico saltou diante dos nossos olhos, mesmo sendo produzido por pesquisas orientadas por referenciais teóricos diferentes, a dinâmica das respostas lançaram o conteúdo para além daquilo que se perguntou. Assim, por um lado a experiência enquanto pesquisador nos amparou para apreender no detalhe, na parte, no sutil², algo significativo na constituição

2 Para elucidar este modo de apreensão sutil, relatamos um exemplo em que o pesquisador solicita ao entrevistado a descrição das suas modificações corporais, o qual responde: “*Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com branding nas costas. [...] eu estou fazendo remoção de pele, de tecido, com escarificação que é feito com bisturi. Não terminei, mas ainda estou fazendo. Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meias esferas de teflon, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone. [...] Ah, eu tenho a língua bifurcada. Tem dois riscos, que é um trabalho de arte feito com bisturi*” (GONÇALVES, 2014, p. 133). Observamos os termos: ‘*Não terminei, mas ainda estou fazendo*’ e ‘*mas esse ano pretendo mudar*’. São estes termos que a nossa experiência nos possibilita apreender e categorizar de maneira mais ampla, neste caso estabelecendo um diálogo entre o processo de metamorfose contínua e o nosso referencial teórico, conforme desenvolveremos ao longo desta exposição.

do todo, por outro lado, em alguns casos, as próprias perguntas direcionadas ao público coincidiram com o nosso roteiro, as quais colaboraram com a elucidação do nosso problema de pesquisa. Dentre estas, destacamos as principais³:

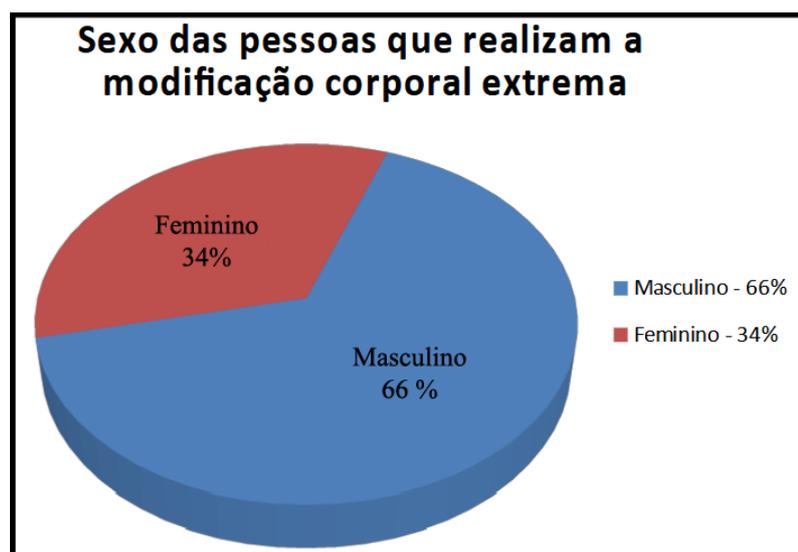
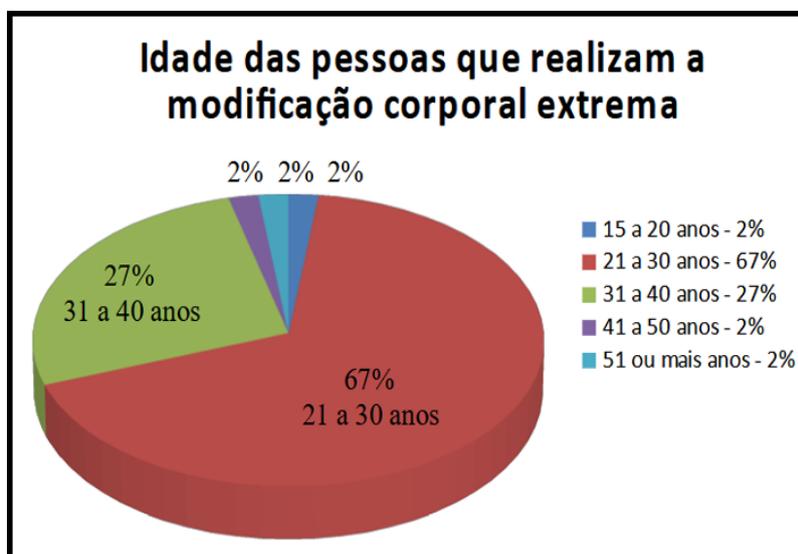
O que te levou a fazer tantas Modificações Corporais? Você está satisfeito com o corpo que você possui? Quantas Modificações Corporais você ainda pretende fazer? Você sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por causa de suas Modificações Corporais? Você se espelha em alguém para te inspirar nas Modificações Corporais? Houve alguma mudança no seu estilo de vida após as Modificações Corporais? (LOECK, 2010, p. 73-74).

Portanto, a coleta de dados em termos de perguntas e respostas que se constituem como material empírico, são coincidentes com os objetivos que foram pensados para esta pesquisa. Este fato foi fundamental, pois, ele nos possibilitou adentrar a *pesquisa documental*, uma vez que as análises dos autores não modificam o conteúdo das respostas dos *mutassomaxiados*. Assim, obtivemos a condição de acessar as respostas através de “[...] documentos de primeira mão, que *não receberam qualquer tratamento analítico*” (GIL, 2008, p. 51, grifo nosso). Ademais, também houve a preocupação para que os sujeitos históricos participantes das pesquisas analisadas não perdessem a sua voz direta nesta investigação, a qual, em alguns trabalhos, contou com a entrevista transcrita de maneira integral, o que permite outras análises nesta investigação.

Considerando que a própria revisão de literatura nos conduz para o desenvolvimento das análises, evitando a necessidade da reinvenção da roda, identificamos que estas pesquisas nos proporcionaram um importante canal de acesso ao sujeito que realiza as *modificações corporais extremas*. Contudo ainda há uma dupla proficuidade, pois, por um lado, obtivemos uma gama maior de sujeitos quantitativamente, que se caracteriza também por pessoas de outros estados e países, o que amplia o universo acerca da nossa possibilidade analítica qualitativamente, por outro lado, procuramos avançar sobre a compreensão dos meandros das respostas, para além daquilo que o sujeito diz na aparência, e que foi apresentado nas pesquisas anteriores.

³ Usaremos o itálico para indicar as passagens advindas das pesquisas que fazem parte da análise documental realizada, para diferenciá-la das citações dos autores que compõe o referencial teórico geral do trabalho.

Não se trata, portanto, de um arranjo metodológico, mas de aproveitar da experiência adquirida no campo de pesquisa, assim como daquilo que já se encontra disponível na literatura. Reiteramos a riqueza deste canal de acesso ao sujeito, uma vez que o nosso universo foi composto de 230 entrevistas com os *mutassomaxiados*, fato que nos possibilitou embrenhar mais profundamente no fenômeno. Neste sentido, o perfil apontou para o predomínio masculino e jovem, conforme os gráficos a seguir.



Fonte: Elaboração própria

A riqueza apreendida nas pesquisas realizadas em todo o Brasil – no interior e nos grandes centros urbanos, de norte a sul do país, assim como na Europa –, foi incomparável; lembrando que a produção de uma nova pesquisa de campo seria até mesmo mais fácil, porém, menos proveitosa. Ademais, podemos considerar que estas

pesquisas detenham validade em seu conteúdo empírico, mesmo porque são pesquisas já publicadas, as quais passaram pelo crivo científico de bancas de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação, conselho editorial de periódicos nacionais e internacionais e de comitês de ética, os quais procuram atestar a segurança aos participantes de cada investigação. Todos esses procedimentos, embora pareçam formalidades, constituem um importante processo para a avaliação científica – a avaliação pelos pares.

Contudo, neste trabalho, a reflexão científica lógica e histórica não é a mesma, pois, a que se empreende nesta pesquisa é de outra ordem, por ter como fundamento e referência autores como: Karl Marx (1818-1883), Georg Lukács (1885-1971), Antonio Gramsci (1891-1937), Walter Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898-1979). Este fato modifica o método de análise e a perspectiva de reflexão aqui desenvolvida.

Ademais, as análises desenvolvidas nos trabalhos pesquisados provêm de diferentes áreas do conhecimento (quadro 1), cujo campo epistêmico perpassou majoritariamente pelo movimento pós-moderno, o qual tende a compreender o corpo como pós-humano-cyborg entre outros, assim como, pela perspectiva antropológica-identitária. Apesar das análises destes autores tratarem este objeto de estudo a partir de outras perspectivas epistemológicas, entendemos a sua relevância científica frente a este fenômeno muito presente na atualidade.

Assim, não propomos realizar uma análise afirmativa do que os sujeitos disseram, este seria um simulacro investigativo. A pesquisa que propomos parte do ponto de vista histórico, da revelação, da descoberta, do desobscurecimento das relações sociais implicadas no processo de *modificações corporais extremas*, é isto que este trabalho pretende fazer.

Neste sentido, organizamos a estrutura da tese em três capítulos. No primeiro, refletimos sobre *o processo histórico e a sociedade capitalista*, envolvendo a relação entre a estrutura social e o sujeito. Para desenvolvermos este tema perpassamos pela obra de Karl Marx, almejando conhecer o funcionamento genérico desta sociedade, com suas mediações e categorias que articulam as forças produtivas e as relações de produção. Esta é uma base fundamental para investigar os nexos constitutivos da

sociedade burguesa, a contradição capital-trabalho, envolvendo o trabalho alienado, a propriedade privada, a forma mercadoria, o fetiche e a reificação.

Seguindo o nosso itinerário no capítulo 2, *choque e individualismo: educando o sujeito contemporâneo*, abordamos os temas em que a perda da experiência e a presentificação engendram a sensação e o choque como novas necessidades, estabelecendo um diálogo com a *modificação corporal extrema*. Este contexto é produzido na origem pela ruptura sujeito-objeto que aliena os homens, cujo desenvolvimento perpassa pelo americanismo e acumulação flexível, atualizando o passado que ressoa no presente, capaz de acirrar o isolamento e o individualismo, naturalizando a forma de vida alienada e reificada.

No capítulo 3, *o protesto como necessidade: a mercadoria como mediação*, mantendo um dialogando com os fundamentos históricos, nos propomos iluminar o processo em que as pessoas que realizam a *modificação corporal extrema* negam a sociedade capitalista, cujo protesto é mediado pela mercadoria, a representante de tudo aquilo que ele próprio repudia. Para desenvolver esta contradição adentramos em temas como a racionalidade instrumental e a grande recusa – um movimento de protesto mundial –, a violência social e o narcisismo, compreendendo uma especificidade deste objeto investigado, ou seja, a perda humana mercadorizada, mas também a resistência ao capitalismo.

Contudo, o anseio por uma síntese final e a angústia pela sua ausência conclusiva, sempre nos convidam às análises unilaterais ou dicotômicas. Nas relações sujeito-estrutura, indivíduo-sociedade, pode ocorrer a sobreposição da objetividade ou da subjetividade, em que uma das instâncias tende a desaparecer, produzindo uma realidade sem indivíduo ou sem sociedade. Portanto, é necessário conservar o olhar voltado para o desenvolvimento dos processos apreendidos nestas articulações, mantendo a tensão, a contradição.

Obviamente também não encontraremos correspondência empírica imediata nas análises aqui procedentes ao longo desta exposição, como respostas que explicam o objeto. Mesmo porque esta pesquisa não busca exatamente isso, pois, essa é a aparência, o que se busca aqui, na verdade, é produzir uma teoria da história que se faça história da teoria. Portanto, aparência e essência não coincidem, uma vez que a produção da ciência busca na história o seu tribunal de verdade.

CAPÍTULO 1

O PROCESSO HISTÓRICO E A SOCIEDADE CAPITALISTA

As contribuições de Karl Marx foram fundamentais para desenvolvermos a base epistemológica deste capítulo, cujo tema central é a relação estabelecida entre a estrutura social e o sujeito histórico. Para alcançarmos uma compreensão substantiva acerca deste tema realizamos uma incursão na própria história, pois, trata-se de conhecer o mecanismo genérico do funcionamento desta sociedade para além da sua aparência, captando uma base que detém os elementos que perpassam e conectam organicamente o seu desenvolvimento.

Assim, almejamos investigar os nexos constitutivos da sociedade burguesa, com o olhar voltado para o desenvolvimento das categorias, das mediações e dos processos apreendidos nas articulações entre as forças produtivas e as relações de produção, nesta particularidade histórica. Estes pressupostos são fundamentais para orientar o percurso do nosso estudo, estabelecendo o recorte temático específico e significativo para esta pesquisa, bem como apontando o nosso ponto de partida, *o primeiro ato histórico*.

1.1 - Trabalho ontológico: metabolismo homem – natureza

É notório que desde os primeiros momentos da história o ser humano se revelou como um ser portador de carências, de precisão, buscando formas para a realização das condições indispensáveis para a vitalidade do seu corpo orgânico e manutenção da vida. Este é o primeiro ato histórico, que consiste na produção dos

meios de subsistência para a satisfação das necessidades básicas, ou seja, “[...] temos de começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana, e portanto, também, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem ‘fazer história’” (MARX; ENGELS, 2009, p. 40).

Uma vez satisfeitas as necessidades imediatas – comer, beber, vestir e habitar –, observando o alcance deste processo, a partir das condições materiais conquistadas produzimos *novas necessidades*. Assim, compreendemos que as atividades sociais se desenvolvem, produzem e reproduzem as condições de vida, pois, partindo do núcleo original de reprodução da vida, a família, “[...] que a princípio é a única relação social, torna-se mais tarde, quando o aumento das necessidades cria novas relações sociais e o aumento dos homens cria novas necessidades” (MARX; ENGELS, 2009, p. 42).

Ademais, o próprio ato produtivo requer uma forma de intercâmbio entre os homens, resultando que o modo como os indivíduos cooperam para a produção e reprodução das condições de existência humana, de preservação do ser, constitui a força produtiva específica daquelas relações de produção. Esta questão guarda desdobramentos fundamentais, pois, no momento em que o homem estabelece relações com a natureza – compreendida como o seu corpo inorgânico que inclui os outros homens –, modifica-o, modificando também o próprio homem. “Revela-se, assim, logo de princípio, uma conexão materialista dos homens entre si, a qual é requerida pelas necessidades e pelo modo de produção, e é tão velha como os próprios homens” (MARX; ENGELS, 2009, p. 43). Este processo se refere ao metabolismo homem-natureza, o trabalho ontológico.

Entretanto, observamos que os animais também transformam a natureza, tornando-a útil e produzindo o necessário para a sua sobrevivência e da sua prole, ou seja: “Sem dúvida o animal também produz. Faz ninho, uma habitação, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Mas só produz o que é estritamente necessário para si ou para as suas crias” (MARX, 1993, p. 165). Os animais produzem unilateralmente, relacionado à sua realidade física e conforme a espécie a qual pertencem, já o homem produz universalmente para além das necessidades imediatas, “[...] produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz

verdadeiramente na liberdade de tal necessidade, [...] o homem sabe como produzir de acordo com o padrão de cada espécie (MARX, 1993, p. 165).

Este é o processo que caracteriza o trabalho como atividade específica e essencial do gênero humano, cujo universo criativo lhe possibilita ampliar os horizontes conforme a sua imaginação. Neste sentido: “Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias” (MARX, 1983, p. 149). Porém:

[...] o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo na sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (MARX, 1983, p. 149-150).

O elemento fundamental neste processo consiste na diferenciação do homem como ser genérico, possibilitando o desenvolvimento da consciência e a sua ascensão do reino natural para a condição de *ser social*. Neste contexto em que o homem trabalha para satisfazer as suas necessidades, não importa: “A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa” (MARX, 1983, p. 45). Sejam necessidades materiais ou espirituais, ao satisfazê-las, novas necessidades são produzidas e reproduzidas, constituindo novas relações, processos, valores, padrões, ideias; multiplicando-se conforme o estágio de desenvolvimento da particularidade histórica em questão.

Todavia, é importante destacar que a carência humana não é apenas orgânica, mas é uma precisão que transita também pela esfera espiritual, revelando a indissociabilidade entre as dimensões material e imaterial, não há separação. Assim, a consciência e os sentimentos se impregnam de materialidade, nos possibilitando compreender que o homem não tem apenas fome de comida, mas também de arte. Desta forma apreendemos uma vinculação entre a subjetividade e a objetividade, potencializando precisamente a humanidade humana como ser social na constituição do sujeito histórico. Um caminho em que suas objetivações se depositam na realidade que já fora modificada por outras subjetividades, as quais concomitantemente lhe constituem.

Os desdobramentos deste contexto nos possibilitam apreender que o desenvolvimento universal do gênero humano se submete a determinadas condições históricas, no momento em que a ontologia se subordina à particularidade, ou seja: “Um negro é um negro. Só em determinadas condições é que se torna um escravo” (MARX, 2010, p. 45)⁴. É isso que precisamos apanhar nesta sociedade, uma complexidade que não se revela na aparência, mas na realidade através dos seus nexos constitutivos, apreendendo a importância do movimento histórico, o qual expressa as alterações na própria forma de vida vivida. É a história que pode nos esclarecer precisamente quais são os elementos e os processos que determinam as modificações acerca da forma das atividades humanas realizadas.

1.2 - A história das formas sociais do trabalho e da propriedade

Neste sentido, o próprio conceito de história adquire relevância. O seu significado comum diz respeito à sucessão dos acontecimentos, demarcados por fatos emblemáticos, descobertas, invenções, personagens, recortada por episódios simbólicos e heroicos, delimitando os períodos e as transições, as fases e os séculos, envolvendo a marcha do progresso atingido pela civilização na modernidade. A principal crítica de Marx (2008) a estas concepções se concentra no fato delas ocorrerem despregadas da história real, perdendo substâncias importantes nas relações sociais entre os homens e a natureza, em que, sob determinadas condições, produzem a vida. Segundo o autor, eles observam e descrevem os acontecimentos e os indivíduos de maneira isolada e

4 Observamos a força da determinação da particularidade histórica no momento em que ela submete a própria natureza aos seus domínios. Este processo é mais uma manifestação do avanço do capital, pois, a partir do surgimento da ‘casa do terror’ para os pobres – as fábricas –, a jornada de trabalho ultrapassou o seu limite máximo, ao ponto em que: “Os próprios conceitos de dia e noite, rusticamente simples nos velhos estatutos, confundiram-se tanto que um juiz inglês, ainda em 1860, teve de empregar argúcia verdadeiramente talmúdica, para esclarecer ‘juridicamente’ o que seja dia e o que seja noite. O capital celebrava suas orgias” (MARX, 1983, p. 220). Ademais, a determinação da particularidade alcança vários níveis. Podemos revisitar a invenção da ferrovia, em que a produção mineral carvoeira necessitava de um transporte de grande potência, impulsionado por máquinas, capaz de carregar grande quantidade de carvão de maneira rápida, trazendo à superfície e levando-o aos destinos e aos portos. “Esta imensa indústria, [...] era grande o bastante para estimular a invenção básica que iria transformar as indústrias de bens de capital: a ferrovia” (HOBSBAWM, 1982, p. 60).

independente, portanto: “Esta é a aparência, e a aparência estética somente, das pequenas e grandes robinsonadas” (MARX, 2008, p. 240).

A concepção materialista de história diverge radicalmente de tudo isso, não se submetendo à cronologia ou personagens. A história genuína é fundamentada, é o movimento do real, é o processo e é transitória, é o ponto de partida e é o percurso, é a realidade verdadeira, como uma fonte de onde as categorias retêm os elementos mais significativos para a sua própria constituição, portanto, é concreta na materialidade e no pensamento. Esta história nos diz como a sociedade se articula nas relações sociais de produção, vinculando passado, presente e futuro, que nela se envolvem e se desenvolvem.

A riqueza e a importância desta breve concepção de história residem no fato dela iluminar a nossa compreensão acerca de quais elementos são realmente significativos para a investigação em curso, ou seja: “Essa concepção de história assenta, portanto, no desenvolvimento do processo real da produção, partindo logo da produção material da vida imediata e na concepção da forma de intercâmbio intimamente ligada a esse modo de produção e por ele produzida” (MARX; ENGELS, 2009, p. 57-58). Neste sentido, o que realmente importa é como se produz a vida, sendo *o processo real da produção, o trabalho*, a força motriz original de todo o engenho social.

Deste processo resulta que o modo como os indivíduos cooperam para a produção e reprodução das condições de existência humana, de preservação do ser, constitui a força produtiva específica das relações de produção em causa⁵. Esta é a substância fundamental da história real, a *história das formas sociais do trabalho*. “Revela-se, assim, logo de princípio, uma conexão materialista dos homens entre si, a qual é requerida pelas necessidades e pelo modo de produção, e é tão velha como os próprios homens” (MARX; ENGELS, 2009, p. 43).

Diante desta realidade compreendemos que o modo de produção, a especificidade do sistema de cooperação, a forma de organização da sociedade,

5 Ao longo das suas pesquisas – junto com seus pares –, Marx desenvolveu alguns conceitos que são importantes para este momento, dentre estes destacamos: a) *Relações de produção*: se refere à forma como os homens realizam seus contratos para produzir as condições materiais necessárias à vida, cujo elemento central é o trabalho; b) *Forças produtivas*: é o conjunto que agrega os instrumentos e os meios de produção, ou seja, desde as ferramentas até a própria fábrica, assim como a matéria-prima e a força de trabalho, em que o trabalhador vende a sua capacidade de produzir objetos, por um intervalo de tempo (MARX, 2008).

fundamenta todo o contexto social, pois: “O moinho movido pelo braço humano nos dá a sociedade com o suserano; o moinho a vapor dá-nos a sociedade com o capitalista industrial” (MARX, 1985, p. 106). Os desenvolvimentos e as transformações que envolvem as forças produtivas e as relações de produção, as quais ocorrem na realidade material, modificam as relações sociais nos âmbitos objetivo e subjetivo, alcançando todas as dimensões da sociabilidade humana, isto é, os sentimentos, os afetos, os desejos, as necessidades – a vida.

Conforme o necessário rigor científico, Marx (1985) também investigou as outras formas de produção, as formações econômicas anteriores ao capitalismo, objetivando apreender o *mecanismo geral das transformações sociais*. Assim, apreendemos que há uma correspondência entre um determinado estágio de desenvolvimento das forças produtivas e a formação das relações de produção, seja na antiguidade com os escravos e as castas, no medievo feudal com os servos e os estamentos, ou na modernidade burguesa com o trabalho assalariado e as classes (MARX, 1985).

Estas modificações de longo prazo nos possibilitam apreender a lenta e crescente separação entre o homem e a natureza, o seu laboratório original. Para tal, o homem, como *um animal social de tipo especial*, desenvolveu e aperfeiçoou novas formas de cooperação, criando funções cada vez mais especializadas, constituindo o acirramento da divisão social do trabalho.

Assim, partindo das relações originais, primitivas, os indivíduos passaram a constituir grupos, tribos, associações, cuja complexidade converteu a organização comunitária em societária, formando cidades, países, nas quais captamos as formas de organização social humana. O nível de desenvolvimento alcançado conduziu as relações de produção para um momento de modificações significativas na forma de produção material da vida, ou seja:

As relações sociais em que os indivíduos produzem, *as relações sociais de produção alteram-se, portanto, transformam-se com a alteração e o desenvolvimento dos meios materiais de produção, as forças de produção. As relações de produção, na sua totalidade, formam aquilo que se dá o nome de relações sociais, a sociedade, e, na verdade, uma sociedade num estágio histórico e determinado de desenvolvimento, uma sociedade com um caráter próprio, diferenciado* (MARX, 2010, p. 45-46).

A questão central neste *estágio histórico e determinado de desenvolvimento* é a constituição das classes burguesa e proletária, um movimento de ruptura, revolucionário. A divisão social do trabalho, expressada neste momento pela separação e oposição entre a cidade medieval e o campo, é um elemento fundamental, pois, não a união, mas a interação e a associação entre os grupos constituíram os diversos burgos. Desta forma eles adquiriram força e passaram a agir em defesa dos seus interesses próprios e contra os interesses feudais, produzindo a classe burguesa. Este processo possibilitou também a acumulação de riqueza monetária, mas apenas como montante erário, na forma de dinheiro, não como capital, ainda (MARX, 1985).

Ademais, essa nova configuração propiciou um maior intercâmbio, a produção do excedente e da troca, o desenvolvimento dos ofícios urbanos, das manufaturas e a gradual dissolução do trabalho servil, agregando os camponeses libertos e os não-proprietários dos meios de produção, originando a classe proletária. Neste sentido: “A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida, mais diferenciada” (MARX, 2008, p. 266), ou seja:

As categorias que exprimem suas condições, a compreensão de sua própria organização a tornam apta para abarcar a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva arrastando, enquanto tudo o que fora antes apenas indicado se desenvolveu, tomando toda sua significação etc. (MARX, 2008, p. 266).

Diante desta reestruturação social, por um lado, a classe burguesa em formação conquistou uma posição de domínio, detendo os instrumentos e os meios de produção. Por outro lado, a classe trabalhadora possui a sua própria força de trabalho. Porém: “O que nos interessa, neste ponto, é o que segue. O processo de dissolução que transforma a massa de indivíduos de uma nação, etc, em potenciais trabalhadores assalariados livres” (MARX, 1985, p. 98). Este desenvolvimento propiciou um refinamento na forma de apropriação do trabalho, uma vez que o escravo e o servo não interessavam mais para este novo sistema em processo de formação.

1.3 - Propriedade privada e trabalho alienado

Embora as relações de exploração do homem pelo homem não tenham sido inventadas pela sociedade burguesa, constituindo uma estrutura social de oposição entre

os grupos e dispendo-os de modo hierárquico; a forma de produção fundamentada pela liberdade aparente é uma criação desta particularidade histórica. Neste contexto, o homem é supostamente livre para possuir e produzir, para negociar e trabalhar. Porém, Marx (1993) nos alertou que esta liberdade é falsa, não se tratando de uma condição de vida autêntica e verdadeiramente livre.

A falsidade desta liberdade pode ser apreendida observando justamente as determinações que envolvem as relações de produção, em que a estrutura social conservou a condição de oposição entre as classes, assim como a sua hierarquia. Desta vez, o trabalhador pode vender a sua força de trabalho livremente, entretanto, por um lado, o trabalho não deixou de ser forçado, pois: “O trabalho é vida, e se a vida não for todos os dias permutada por alimento depressa sofre danos e morre” (MARX, 1993, p. 116). Por outro lado, ele pode escolher para quem vender a sua força de trabalho, mas não escolhe a classe.

Mas o operário, cuja única fonte de rendimentos é a venda da sua força de trabalho, não pode deixar *toda a classe dos compradores*, isso é, a *classe dos capitalistas*, sem renunciar à existência. *Ele não pertence a este ou àquele capitalista, mas à classe dos capitalistas*, e compete a ele encontrar quem o queira, isto é, encontrar um comprador nessa classe dos capitalistas (MARX, 2010, p. 37).

De maneira ampla compreendemos que as categorias propriedade e trabalho – enquanto apropriação e modificação da natureza –, acompanham o desenvolvimento sócio-histórico da humanidade desde a sua origem. Neste sentido, Marx (1993) nos esclareceu que a propriedade sempre existiu historicamente, determinando as formas sociais do trabalho, mas a propriedade privada é específica desta sociedade, organizando a sua estrutura classista, uma vez que, “[...] toda a sociedade se deve dividir em duas classes, os *possuidores* de propriedade e os *trabalhadores* sem propriedade” (MARX, 1993, p. 157)⁶.

Esta estrutura classista é fundamental para o surgimento e a consolidação da sociedade burguesa, pois: “E somente ao chegar no século XVIII e na ‘sociedade burguesa’ é que as diferentes formas das relações sociais se erguem diante do indivíduo

⁶ Em alguns momentos Marx afirma que os trabalhadores são proprietários da força de trabalho, a sua única e a mais miserável mercadoria, diferente deste momento em que os trabalhadores aparecem sem propriedade. Esta questão é esclarecida a partir do momento em que a força de trabalho passa a integrar os meios de produção, juntamente com a matéria-prima, ambos pertencentes ao capitalista. Portanto, a força de trabalho pertence ao trabalhador somente como premissa, uma vez que ao final, é o capitalista que a detém.

como um simples meio para seus fins privados, como uma necessidade exterior” (MARX, 2008, p. 241). É este engenho que assegura a aparente igualdade e liberdade por se reportar à relação entre proprietários, ou seja, capitalistas e proprietários da força de trabalho estabelecem relações de troca entre as suas propriedades.

Para além destas características, a nova forma de posse compreendida como propriedade privada adquire outro elemento fundamental, qual seja, a garantia do direito celebrado entre as partes através dos processos jurídicos, pois: “Eles devem, portanto, reconhecer-se reciprocamente como proprietários privados. Essa relação jurídica, cuja forma é o contrato [...] é uma relação de vontade, em que se reflete a relação econômica” (MARX, 1983, p. 79).

Ademais, a forma moderna de apropriação sob a configuração da propriedade privada se tornou constitutiva dessa sociedade como um princípio organizativo. Nesta disposição, as relações estabelecidas entre os homens ocorrem orientadas pelo interesse privado, ou seja, são aproximações movidas pelo proveito pessoal, portanto, a verdadeira conexão entre eles como uma interseção não se realiza. Assim, o outro deixa de ser uma possibilidade de ampliação das relações e se torna uma limitação, um impedimento para as suas ações, em que a propriedade privada, “[...] leva cada homem a ver nos outros homens, não a *realização*, mas a *limitação* da sua própria liberdade” (MARX, 1993, p. 57).

Este amplo movimento histórico foi fundamental para impulsionar a consolidação da separação social, produzindo a alienação do sujeito, restringindo de maneira especial as relações entre os homens. Trata-se da criação de uma nova estrutura social que possibilita a realização da ruptura sujeito-objeto no processo do trabalho. Neste contexto, Marx (1993) nos revelou o ponto mais profundo e determinante, qual seja: “Só no derradeiro ponto de culminação da propriedade privada é que se revela o seu segredo, a saber, por um lado, que ela é o *produto* do trabalho alienado e, por outro, que ela é o *meio* através do qual o trabalho se aliena, a *realização da alienação*” (MARX, 1993, p. 169).

1.3.1 - Os processos do trabalho alienado

Assim, compreendemos que a propriedade privada é a chave que estabelece as condições necessárias para que o trabalho seja comercializado na forma de *força de trabalho*, produzindo inicialmente, a separação entre o trabalhador e o produto do trabalho, implicando desdobramentos diretos e significativos nas relações entre os homens. Esta chave é o princípio fundamental que abre o caminho para que o trabalho seja expropriado de forma privada, em que o capitalista compra a força de trabalho do operário, o qual se vê obrigado a vendê-la para garantir a própria subsistência, originando o estranhamento, a separação entre o trabalhador e o produto do seu ofício, o *trabalho alienado*.

O capitalista paga, por exemplo, o valor de um dia da força de trabalho. A sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe, portanto, durante o dia. [...] O capitalista, mediante a compra da força de trabalho, incorporou o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos constitutivos do produto, que lhe pertencem igualmente (MARX, 1983, p. 154).

Neste processo a força de trabalho não é apenas um conceito, mas um desenvolvimento histórico que converte a objetivação humana, a ação trabalhada do sujeito histórico em mercadoria. A ruptura sujeito-objeto ocorre devido à forma de organização da produção, em que os instrumentos de produção e a matéria-prima pertencem ao capitalista, o qual também adquire a força de trabalho. Desta forma, o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, cuja objetivação alienada não gera afirmação e reconhecimento, mas negação e estranhamento. O objeto, fruto do seu labor, não habita mais o universo do trabalhador.

Avançando com a nossa compreensão observamos que o processo produtivo também se torna estranho para o trabalhador, pois, considerando que o trabalho é vendido por um determinado tempo, assumindo a forma histórica de força de trabalho, a sua própria ação não lhe pertence, produzindo objetos que são hostis a ele. O potencial criativo, as possibilidades ampliadas pela universalidade humana na relação com a natureza e com o outro se perdem e se convertem em desrealização, em negação do ser genérico. A objetivação do trabalhador não lhe possibilita uma experiência de reconhecimento, mas é para ele um momento de limitação e sofrimento, ou seja: “O seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é *trabalho forçado*. [...] O seu caráter estranho

ressalta claramente do facto de se fugir do trabalho como da peste” (MARX, 1993, p. 162).

Neste movimento captamos uma engenhosidade do capital, cujos mecanismos supostamente são dotados de autonomia, produzindo uma aparência que se converte na realidade ilusória. Assim, o processo produtivo parece funcionar por si, de maneira independente, uma vez que o trabalho se encontra determinado pelo objeto na esteira produtiva. A importância deste fato reside na compreensão de que o trabalho se submete ao domínio heterônomo, do objeto, revelando que a vida foi reduzida a meio de vida, é ela própria que está sendo comercializada, ou melhor, expropriada e depositada no objeto, restando efetivamente para ele uma existência alienada. Deste modo compreendemos que – para além do objeto e do ato produtivo –, o trabalhador também perde a si, ou seja:

[...] o objecto do trabalho é a *objectivação da vida genérica do homem*: ao não reproduzir-se apenas intelectualmente, como na consciência, mas activamente, ele duplica-se de modo real e intui o seu próprio reflexo num mundo por ele criado. Pelo que, na medida em que o trabalho alienado subtrai ao homem o objecto da sua produção, furta-lhe igualmente a sua *vida genérica*, a sua objectividade real como ser genérico [*sic!*] (MARX, 1993, p. 165-166).

Diante deste contexto em que a força de trabalho não é mais uma forma de produzir a vida humanizada, mas a vida se reduz ao trabalho produtivo, a universalidade criativa humana não é mais acessada, constituindo um sujeito desumanizado, negando a sua essência genérica. Estas perdas implicam na ausência de reconhecimento da sua própria humanidade, cuja ruptura alienante implica no isolamento do indivíduo e na perda da sua essência como ser coletivo, comprometendo a relação fundamental de um homem com o outro. Assim, apreendemos um estranhamento que se estabelece frente ao próprio gênero humano.

Uma consequência imediata da alienação do homem a respeito do produto do seu trabalho, da sua vida genérica, é a *alienação do homem* relativamente ao *homem*. Quando o homem se contrapõe a si mesmo, entra igualmente em oposição com os outros homens. O que se verifica com a relação do homem ao seu trabalho, ao produto do seu trabalho e a si mesmo, verifica-se também com a relação do homem aos outros homens, bem como ao trabalho e ao objecto do trabalho dos outros homens. De modo geral, a afirmação de que homem se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra igualmente alienado da vida humana [*sic!*] (MARX, 1993, p.166).

É esta base material que detém as condições históricas específicas, em que o homem trabalha, objetiva-se e constitui a sua própria subjetividade internalizando a realidade. Uma vez que o trabalho ontológico é a mediação fundamental para a produção da vida, sob as determinações desta particularidade histórica o trabalho assume a forma alienada, comprometendo a constituição subjetiva humana e produzindo certas perdas na sua humanidade, um processo que “[...] transforma em desvantagem a sua vantagem sobre o animal, porquanto lhe é arrebatada a natureza, o seu corpo inorgânico” (MARX, 1993, p. 165-166).

1.4 – A mercadoria: universalização da troca

Contudo, uma análise mais ampla nos revela outros desdobramentos deste contexto, em que o trabalho, sob a chave da propriedade privada, foi convertido em força de trabalho, em mercadoria. Conforme observamos desde o primeiro ato histórico, o trabalho ontológico é a mediação fundamental para a produção das condições materiais, portanto, desta vez é o trabalho-mercadoria, a força de trabalho que se tornou a forma universal de produção da vida, alcançando todos os objetos.

Assim, inicialmente, a natureza modificada pelo trabalho produz objetos destinados a satisfazer as necessidades humanas, materiais ou espirituais, do estômago ou da fantasia, os quais se realizam no seu próprio consumo e se confirmam na sua dimensão utilitária. Porém, a forma mercadoria possui um caráter místico, capaz de disfarçar e esconder certos elementos. Segundo Marx (1983, p. 70): “Como valor de uso, não há nada misterioso nela, [entretanto] Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas”, pois:

A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se por com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa (MARX, 1983, p. 70).

Esta cisma estranha e fantasmagórica que o objeto assume ao se converter em mercadoria, se refere ao processo em que ela adquire justamente o seu potencial mercantil, incorporando a força de trabalho que lhe outorga certa autonomia, ou seja, ela se torna um produto que pode ser comercializado no mercado, sendo portadora, ao mesmo tempo, do valor de uso e do valor de troca. Embora o valor de uso seja necessário e não desapareça por completo, pois, é ele que carrega do valor de troca, o seu potencial útil se subordina à dimensão permutável do objeto. Isso ocorre pelo fato da mercadoria não se destinar ao consumo imediato na sociedade burguesa, mas ao mercado, abstraindo na imediatividade, o seu caráter útil.

Desta forma, a característica qualitativa do trabalho se dilui na força de trabalho produtora das coisas, pois, sob a forma mercadoria, o objeto: “Deixa já de ser mesa ou casa ou fio ou qualquer outra coisa útil” (MARX, 1983, p. 47). Ademais, uma vez que a sua utilidade e finalidade específica se refere ao seu proveito para o outro, nesta nova configuração o valor de uso se torna valor social, se realizando no próprio movimento mercantil como valor de troca e não mais na satisfação da necessidade. Neste sentido:

A constante repetição da troca transforma-a em um processo social regular. Com o correr do tempo, torna-se necessário, portanto, que parte do trabalho seja intencionalmente feita para a troca. A partir desse momento, consolida-se por um lado, a separação entre a utilidade das coisas para as necessidades imediatas e sua utilidade para troca. Seu valor de uso dissocia-se de seu valor de troca. Por outro lado, torna-se a relação quantitativa, em que se trocam, dependente da sua própria produção. O costume fixa-as como grandezas de valor (MARX, 1983, p. 82).

Neste movimento, o capitalista, ao se dedicar à produção de uma determinada mercadoria, observa prioritariamente o seu potencial mercantil e a posteriori o seu caráter socialmente útil, para então conduzi-la ao mercado para ser trocada. Ele “[...] não fabrica as botas por causa delas mesmas [...]. Produz-se aqui valores de uso somente porque e na medida em que sejam substrato material, portadores do valor de troca” (MARX, 1983, p. 155). Ao chegar ao mercado com suas dezenas de botas ele se depara com outras mercadorias que de forma mútua se trocam, estabelecendo assim uma relação social baseada na troca entre objetos, as relações sociais se tornam relações mercantis.

Nesta conversão, Marx (1983) nos revela o ‘duplo caráter social do trabalho’, a passagem em que, o *trabalho concreto* produtor de valor de uso,

determinado pelas suas características qualitativas e pelo seu reconhecimento no objeto, se torna *trabalho abstrato*, determinado pelo seu caráter impessoal e por propriedades quantitativas. Este momento se refere à mudança no destino do produto do trabalho, passando do uso para a troca, diluindo o trabalho concreto em abstrato, uma força de trabalho qualquer, um ingrediente necessário para a produção da mercadoria, “[...] uma simples gelatina de trabalho humano indiferenciado” (MARX, 1983, p. 47).

Esse processo é fundamental para a constituição das mercadorias, contribuindo para elas se tornarem intercambiáveis, mesmo que tenham características físicas distintas e sejam destinadas a atender diferentes necessidades. O trabalho abstrato indiferenciado se revela através do trabalho alienado, compreendido como ingrediente, o *fermento vivo* constituinte da mercadoria. Sendo assim, ele habita todas as mercadorias, se tornando o elemento comum, pois, ele subsiste como um equivalente proporcional para a determinação do valor do artigo mercantil, baseado no *trabalho humano indiferenciado*, ou seja:

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados [...] que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. [...] Como medir então a grandeza do seu valor? Por meio do quantum nele contido da “substância constituidora do valor”, o trabalho. A própria quantidade de trabalho é medida pelo seu tempo de duração, o e tempo de trabalho possui, por sua vez, sua unidade de medida nas determinadas frações de tempo, como hora, dia etc (MARX, 1983, p. 47).

Portanto, é a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria que determina o seu valor, bem como, de maneira proporcional: “Trabalho mais complexo vale apenas como trabalho simples *potenciado* ou, antes, *multiplicado*, de maneira que um pequeno quantum de trabalho complexo é igual a um grande quantum de trabalho simples” (MARX, 1983, p. 51). Obviamente, além dos gastos relativos com os meios de produção, são consideradas também as circunstâncias do trabalho, as condições de produção, o desenvolvimento tecnológico e a sua aplicabilidade, inclusive o tempo de trabalho necessário para a formação do trabalhador. Em suma, analisa-se toda a cadeia produtiva que envolve o processo e estabelece o valor da mercadoria.

Esses elementos mencionados são determinados também a partir da mesma base, da quantificação da força de trabalho depositada do objeto. “O que estas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho

humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores – valores mercantis” (MARX, 1983, p. 47).

Este é o processo em que o elemento humano constitutivo do ser se transfere e se materializa na forma de substância objetivada, a energia vital humana se funde com o objeto. O que antes era trabalho em potencial, no processo produtivo se torna força de trabalho de fato. Porém, o ingrediente humano depositado no objeto continua oculto, pois, podemos “[...] virar e revirar uma mercadoria, como queiramos, como coisa de valor ele permanece imperceptível” (MARX, 1983, p. 54).

Embora o trabalho não se apresente na expressão mais imediata da mercadoria, é notório que as pessoas possuam a capacidade de perceber o valor monetário do objeto, que cresce conforme o *quantum de trabalho* acumulado nele. Para além do *quantum de trabalho* fundido à mercadoria, outro elemento fundamental em questão reside no próprio processo produtivo, em que temos de um lado o trabalhador no labor diário, um movimento apreendido pela análise do trabalho alienado, revelando que a atividade genérica humana é aniquilada e ele se isola; as possibilidades de reconhecimento e universalização são obstruídas, produtor e produto se tornam estranhos e hostis. De outro lado temos o capitalista, ele não trabalha, neste momento isso nos basta. Portanto, trabalhador e capitalista não são os produtores efetivos, específicos, reconhecidos na mercadoria, a qual assume o protagonismo na sua produção, cuja força de trabalho, o ingrediente humano objetivado passa a ser da própria mercadoria, se ocultando nela mesma. Porém, o autor nos alerta:

Recordemo-nos, entretanto, que as mercadorias apenas possuem objetividade de valor na medida em que elas sejam *expressões da mesma unidade social de trabalho humano*, pois sua objetividade de valor é puramente social e, então, é evidente que ela pode aparecer apenas numa relação social de mercadoria para mercadoria. Partimos, de fato, do valor de troca ou da relação de troca das mercadorias para chegar à pista de seu valor aí oculto (MARX, 1983, p. 54, grifo nosso).

Diante deste contexto compreendemos que o trabalho humano é a substância social determinante do valor da mercadoria, o qual assume a forma histórica de força de trabalho, se ocultando na mercadoria devido à forma como ela é produzida. Revelado este movimento e caminhando um passo a mais, Marx (2010) nos aponta o desenvolvimento deste processo, pois, nesta particularidade histórica, a mercadoria trabalho é negociada sob a forma de trabalho assalariado.

1.4.1 – O trabalho assalariado

Na sociedade mercantil o trabalho é apropriado conforme a lógica da propriedade privada, sustentada pelo contrato jurídico que assegura a venda da força de trabalho, alienando-a do sujeito. Neste processo o operário não deposita apenas a sua objetividade, materializando a sua substância no ato produtivo, é mais que isso: “O trabalhador põe sua vida no objecto; porém, agora ela já não lhe pertence a ele, mas ao objecto. Quanto maior a sua actividade, tanto mais o trabalhador se encontra sem objecto. O que se incorporou no objecto do seu trabalho já não é seu” [*sic!*] (MARX, 1993, p. 160).

Desta forma, a força de trabalho é arrancada do trabalhador, como uma ‘gelatina de trabalho humano indiferenciado’, não representando mais que um ingrediente nesse processo constitutivo da mercadoria. O operário compulsoriamente vende a sua força de trabalho para garantir a própria subsistência, não há outra escolha. Neste movimento: “O capitalista compra, com uma parte da fortuna que tem, do seu capital, a força de trabalho do tecelão, exatamente como comprou, com outra parte da sua fortuna, a matéria-prima – o fio – e o instrumento de trabalho – o tear” (MARX, 2010, p. 35).

Mas a força de trabalho em ação, o trabalho, é a própria atividade vital do operário, a própria manifestação da sua vida. [...] A sua atividade vital é para ele, portanto, apenas um meio para poder existir. Trabalha para viver. [...] O que o operário produz para si próprio é o salário; e a seda, o ouro e o palácio reduzem-se, para ele, a uma determinada quantidade de meios de subsistência, talvez a uma roupa de algodão, a umas moedas, a um quarto no porão (MARX, 2010, p. 36).

O desenvolvimento deste processo que estamos acompanhando é fundamental, uma vez que se trata da desumanização do trabalhador, é a sua redução a um simples *ingrediente* para a constituição do objeto. Também confirmamos a verdade a respeito da desigualdade revelada na troca entre proprietários, pois, as condições em que a permuta ocorre não deixa dúvida sobre a desvantagem do trabalhador. O que ele recebe nessa permuta é o salário como uma ínfima parte de recursos para mantê-lo vivo, ou seja, o salário: “Assemelha-se ao óleo que se aplica a uma roda para a manter em movimento” (MARX, 1993, p. 174), assim:

[...] o trabalhador recebe apenas a parte mínima e absolutamente indispensável do produto; precisamente tanto quanto necessita para existir como trabalhador, não como homem, e para gerar a classe escravizada dos trabalhadores, não a humanidade (MARX, 1993, p.107).

No sistema mercantil, por um lado, o capitalista é o possuidor das mercadorias, as quais ele passa a acumular, acumulando também o trabalho nelas objetivado, isso é o seu capital. Por outro lado, para o trabalhador proletário, “[...] o trabalho não pode ser nem acumulado nem poupado [...]. Para que a vida do homem seja uma mercadoria, deve então admitir-se a escravatura. Por conseguinte, se o trabalho é uma mercadoria, surge como mercadoria da mais miserável espécie” (MARX, 1993, p. 116).

Este é o fruto da forma de organização social do capital, cuja força tende a converter o próprio homem em mercadoria, uma vez que ao vender a sua força de trabalho ele vende a si, a sua vida. Uma realidade que é produto da relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e a formação das relações sociais de produção, em que a precarização da existência humana ainda se amplia e aprofunda na luta diária pela sobrevivência, expressada na luta entre o *trabalhador* e uma *verdadeira entidade*, pois: “Na sociedade burguesa, por exemplo, o trabalhador existe apenas subjetivamente, sem objeto; porém aquilo que o *enfrenta* tornou-se, agora, uma *verdadeira entidade comum* que ele trata de devorar e pela qual é devorado” (MARX, 1985, p. 91).

1.5 – Fetichismo e reificação

Neste ponto destacamos uma síntese histórica capaz de originar um engendramento enigmático, em que a força de trabalho, a substância humana se transfere para o produto, passando a ser aparentemente um elemento do próprio objeto. Desta forma as mercadorias podem ser trocadas entre si, estabelecendo equivalência através da quantificação da substância humana acumulada, as quais agora pertencem e se escondem nele mesmo, no objeto. “O trabalho está objetivado e o objeto trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia na forma de mobilidade aparece agora como propriedade imóvel na forma do ser, do lado do produto. Ele fiou e o produto é um fio” (MARX, 1983, p. 151).

Este engendramento enigmático é o processo em que, não apenas a força de trabalho, mas a vida humana é depositada no objeto, cuja expressão imediata a

naturaliza, atribuindo vida às coisas, as quais vão adquirindo prestígio e autonomia no mundo das trocas mercantis. Esta relação obscura: “Não é nada mais que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1983, p. 71).

Este prestígio atribuído ao mundo dos objetos se desenvolveu de maneira crescente, ao ponto em que estes conquistaram a capacidade de exibir aos próprios homens a sua nova característica, a humanidade objetivada. Neste caminho, as relações sociais se tornaram independentes dos homens, agora as coisas são autônomas e humanizadas, enquanto os homens são anexos desumanizados. Desta forma, considerando que as mercadorias estabelecem permuta entre si, o sujeito se torna cada vez mais dispensável, e mundo das coisas assume a preponderância sobre ele, ou seja, a criatura domina o criador. “Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos de trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias” (MARX, 1983, p. 71).

Esta subjugação do sujeito ao objeto é em si relevante, contudo, os desdobramentos do fetichismo são ainda mais complexos, uma vez que alcançam as relações sociais e a própria razão do sujeito na modernidade. Marx (1993) nos esclareceu que tal alcance possui poder suficiente para converter as relações humanas em representações econômicas, no ponto em que a falta de dinheiro pode inviabilizar, por exemplo, o desenvolvimento da vocação genuína do indivíduo nos estudos, de outro modo, “[...] se não tenho a verdadeira vocação para estudar, mas tenho a vontade e o dinheiro para isso, então tenho a vocação *autêntica*” (MARX, 1993, p. 233).

Diante deste contexto, a lógica do mercado, a forma mercadoria, passou a organizar o funcionamento da sociedade burguesa. Considerando que o homem não está livre da necessidade de produzir as suas condições de sobrevivência, isto o conduz a utilizar a maior parte do seu tempo para esta finalidade, a realização desta tarefa está subordinada justamente à lógica mercantil, a qual se converteu na razão da sociedade capitalista de maneira totalitária, “[...] graças ao aparecimento de um conjunto econômico *autônomo* que tende a apoderar-se de modo exclusivo de tôdas as manifestações da vida humana [*sic!*]” (GOLDMANN, 1979, p. 112).

Neste caminho percorrido chegamos ao ponto em que podemos destacar alguns elementos fundamentais acerca da alienação e do fetichismo. Entre estes

apreendemos, por um lado, a ruptura entre o sujeito e o objeto, conduzindo o indivíduo ao isolamento frente aos outros homens, rompendo com as relações sociais essenciais, por outro lado, houve a inversão sujeito-objeto, em que o processo relativo à venda da força de trabalho tende a converter o homem em mercadoria, atribuindo preponderância ao objeto e o subjugando à razão burguesa, orientando-o a aderir e a afirmar a sua própria negação. O desenvolvimento deste contexto nos revela um ponto de chegada em que o caráter social do trabalho se apresenta, “[...] não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como *relações reificadas entre as pessoas e relações sociais entre as coisas*” (MARX, 1983, p. 71, grifo nosso).

Estas rupturas e inversões, obscurecimentos e mistérios revelados, formam uma base e nos possibilitam compreender o processo que se refere à reificação, a condição mais desenvolvida acerca da coisificação do homem. Partindo da fundamentação proposta por Marx, Lukács (2003) orienta o nosso estudo apontando os elementos decisivos deste fenômeno. Podemos ressaltar a fragmentação do processo produtivo e a crescente especialização; o desenvolvimento da racionalidade instrumental e da previsibilidade das operações padronizadas; e a progressiva constituição de uma consciência unitária, estruturada pela lógica da razão mercantil.

Para o capitalista, almejando incrementar a produtividade e extrair o máximo da força de trabalho adquirida no mercado, a fragmentação da produção em etapas é um processo capaz de alavancar este desenvolvimento. Porém, este mecanismo funciona de maneira entrelaçada à especialização das funções, pois, a segmentação produtiva em fases independentes possibilita ações menores, mais ágeis e lucrativas, assim como um controle mais preciso e eficiente da produção. Contudo, a fragmentação se amplia e desconecta o todo, os produtos parecem surgir nas vitrines de modo independente e autônomo, desintegrando não apenas a esfera social, porquanto, “[...] essa fragmentação do objeto da produção implica necessariamente a fragmentação do seu sujeito” (LUKÁCS, 2003, p. 203).

Desta forma o trabalhador passou a funcionar na esteira produtiva como uma peça de uma grande engrenagem, pois, a sua função se restringe às atividades parciais e de reprodução mecânica, não apenas físico, mas também intelectual, uma vez que o pensamento também se uniformiza. Assim, o sujeito se tornou um instrumento, orientado pela racionalidade produtiva, cujo crivo de metas e de sucesso é determinado

pelo cálculo econômico, pela quantificação e pela previsibilidade das ações padronizadas. Neste sentido: “Seu trabalho não é mais o trabalho dêste ou daquele indivíduo; na contabilidade da empresa, é o trabalho de um operário anônimo que custa tal soma e produz tal lucro [*sic!*]” (GOLDMANN, 1979, p.122).

Ademais, este processo não se aplica apenas ao homem singular, mas a uma particularidade que subordinou a universalidade e se tornou totalitária, administrando a razão burguesa e se convertendo em uma matriz de conduta, a qual passou a estruturar as consciências de maneira unitária. Este movimento se refere justamente à universalização da forma mercadoria, determinando e padronizando objetos e objetivações, produtos e produtores, pois: “Somente quando toda a vida da sociedade é pulverizada dessa maneira em atos isolados de troca de mercadorias, pode surgir o trabalhador ‘livre’; ao mesmo tempo, o seu destino deve tornar-se o destino típico de toda a sociedade” (LUKÁCS, 2003, p. 208).

Goldmann (1979, p. 138) elucida o fenômeno da reificação afirmando que se trata da substituição “[...] do qualitativo pelo quantitativo, do concreto pelo abstrato e que está estreitamente ligado à produção para o mercado, [tendendo] a apoderar-se progressivamente de todos os domínios da vida social e a substituir as outras diferentes formas de consciência”. Ademais, esta realidade produz um tipo específico de sujeito, o “[...] *Homo-oeconomicus*, que administra racionalmente um mundo abstrato e puramente quantitativo de ‘valôres de troca’ [*sic!*]” (GOLDMANN, 1979, p. 121).

Almejando desenvolver esta questão relativa à substituição e unificação das diferentes formas de consciência, o autor se refere a uma sequência de relações mercantis, “[...] entre o criador de gado, o curtidor de couro, seus operários, seus empregados, o revendedor, o negociante de sapatos e, finalmente, o último, o consumidor” (GOLDMANN, 1979, p. 122). Todas estas atividades são aparentemente isoladas, o lastro que as une como relações sociais, humanas, se dilui nas trocas monetárias, especialmente na forma dinheiro⁷, neste sentido:

7 O obscurecimento da substância humana, da natureza social do trabalho inscrita na mercadoria se desenvolve e se complexifica quando elas passam a se relacionar com o equivalente geral, o dinheiro: “Sendo todas as mercadorias meros equivalentes particulares do dinheiro e o dinheiro seu equivalente geral, elas se relacionam como mercadorias particulares em relação ao dinheiro, como a mercadoria geral” (MARX, 1983, p. 83). O crescente aperfeiçoamento desse processo torna ainda mais nebulosa a apreensão do fato de que dinheiro, assim como todas as mercadorias, é determinado pela quantificação do trabalho objetivado, ou seja: “É exatamente essa forma acabada – a forma dinheiro – do mundo das

[...] essas funções só são desempenhadas *implicitamente*; elas se enfraquecem e muitas vezes desaparecem totalmente da consciência dos homens, e mesmo os poucos vestígios que ainda permanecem não mais tem contato *mediato* com a vida e a ação cotidianas [*sic!*] (GOLDMANN, 1979, p. 127).

Neste processo, aparentemente o que se dilui de modo fundamental e pode desaparecer são as mediações, os lastros, a consciência que somos seres dependentes, sociais. Destituídas das mediações, o presente prescinde do passado, as relações sociais impregnadas de humanidade são obscurecidas, atribuindo autonomia a estrutura mercantil, a qual passa a constituir a estrutura subjetiva do homem de maneira espelhada. Este é o ponto que queremos chegar, pois, “[...] somente nesse caso pode-se descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2003, p. 193).

É este o mecanismo capaz de inculcar nos homens toda a limitação produzida por uma racionalidade instrumentalizada. Orientada pela razão mercadológica burguesa, “[...] a estrutura da reificação, no curso do desenvolvimento capitalista, penetra na consciência dos homens de maneira cada vez mais profunda, fatal e definitiva” (LUKÁCS, 2003, p. 211). Neste sentido, destacamos a importância da ruptura entre o sujeito e o objeto através do trabalho alienado, bem como a dissolução do trabalho concreto em trabalho abstrato, pois, é este trabalho impessoal que colabora para consolidar a instrumentalização do próprio sujeito, tornando-o apêndice da máquina, ele fica mais suscetível às determinações da reificação de modo extremo.

1.6 - A contradição capital-trabalho

Neste momento podemos compreender a magnitude e o alcance destes temas, como determinações nos âmbitos objetivo e subjetivo acerca dos processos e articulações que envolvem a estrutura social, cujo desenvolvimento se refere às relações produzidas pelo sujeito histórico. Para alcançarmos um constructo substancial, Marx

mercadorias que objetivamente vela, em vez de revelar, o caráter social dos trabalhos privados e, portanto, as relações sociais entre os produtores privados” (MARX, 1983, p. 73).

(1985, p. 111, grifo nosso) nos esclarece que é preciso investigar minuciosamente, “[...] quais eram suas respectivas necessidades, suas forças produtivas, seu modo de produção, as matérias-primas da sua produção – enfim, *quais eram as relações entre os homens que resultavam de todas estas condições de existência*”.

O ponto mais distante e fundamental é aquele em que o ser humano na busca pela realização das suas necessidades básicas estabeleceu relações com a natureza e com os outros homens. O fato decisivo neste processo é a relação do homem com o próprio homem, pois, é na relação com o outro que ele se reconhece, um processo recíproco e constitutivo do ser social. O trabalho se consolida como a mediação fundamental no metabolismo entre o homem e a natureza, revelando que o potencial humano reside na sua condição de vida como ser coletivo, que luta de modo conjunto e consciente para se estabelecer e se desenvolver.

Portanto, as transformações ocorridas nas formas de organização social, reconhecidas como antiga, feudal e moderna, constituem, em cada uma delas, um conjunto de determinações que modificam as relações sociais. De modo especial observamos a substituição da forma de realização do trabalho empreendida pelo escravo, pelo servo e pelo trabalhador assalariado, sendo esta última forma a mais sofisticada, implementada na sociedade mais desenvolvida, a sociedade burguesa, a qual tende a converter o próprio homem em mercadoria.

Ademais, estas transformações captadas no movimento do real, nas formas das organizações sociais, nos possibilitam compreender duas questões fundamentais. Por um lado, estes fatos comprovam a subordinação da ontologia à particularidade histórica, pois, é ela que determina a condição de vida do sujeito, por outro lado, confirmam que a verdade não é definitiva, as categorias produzidas não são eternas, uma vez que são regidas por leis próprias e valem enquanto durar as mediações que a sustentam.

Os mesmos homens que estabeleceram as relações sociais de acordo com a sua produtividade material produzem, também, os princípios, as ideias, as categorias de acordo com as suas relações sociais. Assim, estas ideias, estas categorias são tão pouco eternas quanto as relações que as exprimem. Elas são produtos históricos e transitórios (MARX, 1985, p. 106).

Desta forma, apreendemos a falsidade escondida na tendência em naturalizar um estágio de desenvolvimento das relações de produção como eternas e imutáveis. Esta questão coloca de imediato a importância de uma epistemologia que

visa atravessar o véu da aparência e apreender a essência, investigando os nexos internos dos fenômenos sociais, revelando as mediações constitutivas da particularidade histórica, ou seja:

Quando se estuda a marcha das categorias econômicas e em geral qualquer ciência social histórica, sempre convém recordar que o sujeito – a sociedade burguesa moderna, nesse caso – se encontra determinado na mentalidade tanto quanto na realidade, e que as categorias, portanto, exprimem formas de vida (MARX, 2008, p. 267).

Este é o processo em que o concreto é produzido no pensamento como resultado, não como um ponto de partida inventado, pois, este conhecimento advém da própria realidade, porém, revelando os elementos ocultos na aparência imediata. Portanto, não são as ideias, as representações que produzem a realidade, mas ao contrário, é a partir da materialidade, do modo como a realidade é produzida nas relações sociais e históricas, que se determina o pensamento, as ideias, a consciência, ou seja: “Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2009, p. 31-32).

Assim, considerando que as categorias exprimem as condições e as formas de vida determinadas pela realidade, o percurso histórico realizado, investigando os nexos internos colaborou justamente para revelar as questões fundamentais para uma compreensão mais consistente destas categorias e suas mediações na sociedade burguesa. Acompanhamos o movimento processual de separação entre o homem e a natureza, em que, o seu caráter gregário foi se dissolvendo, pois: “O homem só é individualizado, porém, mediante o processo histórico” (MARX, 1985, p. 90). Uma separação que avança e acirra historicamente, cuja forma mais desenvolvida é constituída no presente, no modo de produção capitalista.

Ademais, compreendemos que na sociedade burguesa o trabalho alienado e a propriedade privada engendram o fetiche da mercadoria, cujo fator determinante reside na forma como ela é produzida. Nesse processo perdemos a percepção da mediação do trabalho na transformação da natureza. Convertido em trabalho alienado, abstrato, a aparência trata de apresentar as mercadorias como detentoras aparentemente naturais da substância humana, atribuindo ao objeto a condição de verdadeiro sujeito, pois, ao acumular o trabalho de forma oculta, os objetos tomam para si a autonomia e a dignidade do autêntico sujeito, produzindo o fenômeno em que a criatura domina o criador.

Apresentamos uma base material densa que se desdobra nos campos objetivo e subjetivo e alcança a dimensão social como um todo. Desta forma caminhamos para decifrar o segredo dessa sociedade, qual seja, a constituição de uma vida falsa e ilusória produzida pelo trabalho social oculto na mercadoria, o qual se desdobra na subjugação do sujeito pelo objeto, um segredo fundado na origem, pela contradição capital – trabalho.

São estes fundamentos que asseguram a conversão da oposição senhor-servo em contradição capital-trabalho. Sob a chave da propriedade privada as classes burguesa e trabalhadora conservam a relação entre exploradores e explorados, mas sob a falsa liberdade desenvolvem a condição relativa ao trabalhador que produz e não possui ou acessa o produto do seu trabalho, cujo fruto é apropriado pelo sujeito que não trabalha, não produz, ou seja, “[...] o produto é propriedade do capitalista, e não do produtor direto, do trabalhador” (MARX, 1983, p. 154). Eis a contradição fundamental, insolúvel e constitutiva da sociedade capitalista.

As consequências deste engenho são desastrosas, produzindo uma ruptura histórica – portanto, não definitiva –, entre o sujeito e o objeto, estabelecendo o domínio do mundo das coisas sobre os homens, o qual passa a limitar e a determinar as ações humanas e as relações sociais. Um processo em que o homem perde o produto e o processo produtivo, a si e ao outro, ou seja, é a impossibilidade do reconhecimento do gênero humano, da humanidade na realidade social, no plano da sociabilidade, comprometendo o potencial humano como ser coletivo e consciente.

A importância deste contexto reside no fato de que esta condição de alienação e de ruptura sujeito-objeto, implica na alienação da vida humana, esta é a condição do sujeito contemporâneo. Um sujeito que não se reconhece mais como ator, mas como espectador da história, como ser passivo, perdendo, segundo Marx (1993), a sua vantagem sobre os animais. Desta maneira ele perde toda a referência para se constituir, se reconhecer e se diferenciar, comprometendo também a sua percepção do sentido de classe e de pertença – seja individual ou coletivamente –, subsistindo apenas a possibilidade de uma vida alienada, ilusória e isolada.

CAPÍTULO 2

CHOQUE E INDIVIDUALISMO: EDUCANDO O SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Estes são alguns processos do amplo e complexo palco onde o homem protagoniza a história, atravessando as dimensões espaço-temporais, contextualizando elementos objetivos e subjetivos, individuais e coletivos. Neste percurso não podemos perder de vista a base fundamental apresentada por Marx, investigando o *mecanismo geral das transformações sociais*, nos revelou na própria história o que realmente importa para a produção da vida, ou seja, a *história das formas sociais do trabalho*.

É este movimento apanhado que nos possibilita compreender os frutos enganadores do modo de produção capitalista, em que a ruptura sujeito-objeto é produzida no processo do trabalho alienado, alienando o sujeito, uma condição assegurada pela propriedade privada. Dentre estes frutos que se desenvolvem e se complexificam a longo prazo, destacamos o americanismo como expressão de um modo de vida que nos alcança, exacerbando o individualismo, a presentificação, a perda da experiência, o choque e a sua conversão em necessidade, capaz de tocar a sensação e ativar a percepção atrofiada. Na sociedade burguesa este processo é mediado pela mercadoria, a qual, de maneira totalitária, alcança tudo. É o percurso histórico que nos revela estas relações.

2.1 - A esteira produtiva repartida: a suposta liberdade isolada

A riqueza deste processo reside no fato dele nos apontar pistas substanciais acerca do nosso objeto, revelando qual é o passado que vive no presente, pulsando na forma de vida do sujeito contemporâneo. Dentre os elementos que se desenvolvem neste contexto, a fragmentação da emblemática esteira produtiva se destaca, pois, ela é capaz de acirrar a precária condição de vida alienada, alcançando a consciência do trabalhador e a sua vida como um todo.

2.1.1 – Americanismo e fordismo: o passado que ressoa no presente

Neste contexto em que a mecanização do trabalho repartido e fragmentado se desenvolveu, Antonio Gramsci (2002) nos apresenta contribuições significativas, especialmente acerca do bloco histórico⁸ designado *americanismo*. A importância deste tema para o nosso estudo se refere justamente ao resgate do passado que atua no presente, como um conjunto de modificações constitutivas do cidadão americano, sendo este o cidadão predominante na sociedade ocidental. Assim, o americanismo emergiu potencializando a possibilidade de realização pessoal, em que, a partir da materialidade, a nova esteira fabril era capaz de aumentar a produtividade, o consumo e o sucesso, alcançando o todo e a parte, cimentando novos hábitos e costumes, em todas as esferas da sociedade.

Captando as premissas reveladas pela própria materialidade, a esfera produtiva apresentou os primeiros sinais de que algumas modificações históricas estavam ocorrendo, colaborando para localizarmos o contexto desenvolvido pelo autor.

8 Reconhecemos a magnitude da obra gramsciana, em que o bloco histórico ocupa posição central, contudo, considerando que o nosso recorte epistemológico aponta para o americanismo, pedimos licença para desenvolvermos apenas este tema. Ademais, de maneira sintética podemos afirmar que o bloco histórico é a unidade entre a estrutura socioeconômica e a superestrutura política-ideológica. Por um lado, a estrutura se refere às forças produtivas, ao mundo da produção, às relações de classes intrínsecas a esta esfera, cujo desenvolvimento reorganiza os agrupamentos sociais e as suas funções, posicionando-as no sistema produtivo. Por outro lado, a superestrutura é constituída pelas sociedades civil e política, uma junção em que a função mais significativa reside na forma de organização social, estabelecendo as condições necessárias para a difusão da ideologia dominante e para a manutenção do sistema (GRAMSCI, 2000).

Neste sentido, a grande depressão de 1929 evidenciou que a *saúde da economia* não goza de imunidade absoluta, assim como a crise do capital seria orgânica e mais ampla do que se imaginava. Deste modo, era preciso recuperar as forças produtivas em duas frentes urgentes para se evitar o colapso geral, isto é, aumentando a produtividade para equilibrar a esfera do consumo, bem como recuperar a taxa de lucro que vinha desenhando uma forte queda (GRAMSCI, 2001).

Diante desta conjuntura, o autor ressalta a resposta do capital envolvendo a modificação da forma em que organização populacional se encontrava, ou seja, para este novo bloco histórico em formação seria imprescindível que a população fosse racionalizada, e, por conseguinte, as *classes parasitárias*. Para a superação da crise e o retorno ao equilíbrio, seria necessário que todas as camadas sociais estivessem de alguma forma engajadas ao processo produtivo, caso contrário estas representariam peso e risco ao funcionamento do sistema como um todo.

Na realidade, o americanismo, em sua forma mais completa, exige uma condição preliminar: “a racionalização da população”, isto é, que não existam classes numerosas sem uma função no mundo da produção, isto é, classes absolutamente parasitárias. A “tradição” européia, ao contrário, caracteriza-se precisamente pela existência de tais classes, criadas por estes elementos sociais: o clero e os intelectuais, a propriedade fundiária, o comércio [*sic!*] (GRAMSCI, 2002, p. 346).

Caminhando um passo a mais, a racionalização se tornou a palavra de ordem para o desenvolvimento deste processo, em que o fordismo representou a forma de organização técnico-produtiva perfeita para atender à marcha do progresso. Assim, o americanismo – concebido na América do Norte –, possibilitou a superação do modelo europeu, uma vez que, “[...] os diversos problemas examinados deveriam ser os elos da cadeia que marcam precisamente a passagens do velho individualismo econômico para a economia programática” (GRAMSCI, 2001, p. 241).

Neste caminho racional, um dos processos envolvidos na constituição da *economia programática* reside no acirramento da individualização – não no seu sentido individual, ordinário –, mas no sentido em que as corporações passaram a possuir aquilo que podemos denominar de identidade empresarial. Uma reconfiguração em que os trabalhadores formam uma unidade orgânica, pelo fato destes aprofundarem a sua especialização e cada operário executar operações específicas. Deste modo o que se articula organicamente são as fases, mantendo a ênfase nas tarefas individuais e

acirrando a fragmentação do processo produtivo, resultando deste quadro, o aumento da produtividade.

Neste sentido o indivíduo deve responder às exigências advindas deste novo modo de produzir, implicando no aumento produtivo imediato, caso contrário: “Ocorrerá inelutavelmente uma seleção forçada: uma parte da velha classe trabalhadora será impiedosamente eliminada do mundo do trabalho e talvez do mundo *tout court*” (GRAMSCI, 2001, p. 266). Portanto, por um lado, não se trata de uma escolha, uma opção para o trabalhador, por outro lado, a especialização não representa a superação do trabalho maquinal e automático, caracterizando o *gorila amestrado* apontado por Taylor⁹. Estes movimentos não são outros senão os próprios desenvolvimentos históricos, pois:

[...] não se trata de novidades originais: trata-se apenas da fase mais recente de um longo processo que começou com o próprio nascimento do industrialismo, uma fase que é apenas mais intensa do que as anteriores e se manifesta sob formas mais brutais, mas que também será superada através da criação de um novo nexos psicofísico de um tipo diferente dos anteriores e, certamente, um tipo *superior* (GRAMSCI, 2001, p. 266).

Este é o ponto fundamental, capaz de produzir um novo tipo humano superior através da transformação psicofísica, o qual detém uma qualificação diferenciada em dois níveis interdependentes. O primeiro diz respeito ao nível imediato, em que o trabalhador se qualifica em operações técnico-produtivas mais especializadas e específicas. O segundo se refere às modificações quanto à sistematização do trabalho, possibilitando uma nova forma de consumo da força de trabalho, mais rápida, mais eficaz, em um mesmo tempo médio. Estas capacidades caracterizam o operário moderno, submetendo-o ao sacrifício ainda mais extenuante e brutal.

Contudo, mesmo diante desta realidade, a promessa apresentada pela palavra de ordem moderna se torna irresistível – a racionalidade –, a qual se reveste pelo dinamismo e pela ideia de progresso do fordismo, sendo reafirmado por uma expressão

9 O taylorismo é um padrão de administração que objetiva a racionalização do trabalho com ênfase nas tarefas e divisão das funções, incrementando a eficiência e a produtividade. Neste sentido, segundo Antunes (2011, p. 124): “Taylor, o mestre da engenharia científica do capital, propugnava que os trabalhadores deveriam ser controlados rigidamente pelos tempos e movimentos, sob comando de uma camada de gestores, administradores e engenheiros que *elaboravam e concebiam* a produção que, por sua vez, seria executada pela classe dos trabalhadores manuais. [...] E Ford aplicou a engenharia de Taylor em sua produção seriada e homogeneizadora, de modo a aumentar as economias de escala e, conseqüentemente, os lucros oriundos da produção automotiva, consolidando a sociedade de massa do século XX”.

imediate que se confirma na realidade, como os altos salários, a riqueza e o lucro para alguns merecedores, bem como a possibilidade de uma vida melhor e o sucesso para todos. Justamente este processo colabora para a consolidação da nova hegemonia americana, uma vez que este não é imposto externamente, mas fundamentado a partir de uma conectividade orgânica com a massa, combinando domínio e direção, persuasão e consenso.

Este processo nos permite apreender um movimento imprescindível, qual seja, um modelo que nasce na fábrica, se expande e se constitui como um caráter político, cultural, social, econômico, ideológico, alcançando todas as esferas da sociedade. O americanismo expressa a síntese deste caráter, envolvendo as estruturas físicas e mentais para além da fábrica, ou seja, mecanismos psicofísicos. Ademais, neste ponto: “Parece ser possível responder que o método Ford é ‘racional’, isto é, deve se generalizar; mas, para isso, é necessário um longo processo, no qual ocorra uma mudança das condições sociais e dos costumes e hábitos individuais” (GRAMSCI, 2001, p. 275).

A racionalidade incorporada pela organização técnico-produtiva fordista possui força suficiente para realizar tal generalização, porquanto, ela se produz e se confirma na realidade. Este é o processo que sustenta o proibicionismo conectando-o à esfera da produção, intervindo nos hábitos e costumes dos indivíduos, o qual equaciona a questão sexual pela monogamia, o consumo de álcool pela moderação, a vocação laboriosa americana como uma característica natural. Neste sentido a concepção hegemônica combina coerção e adesão, sujeitando os homens às normas e controles que objetivam disciplinar a força de trabalho. “É deste ponto de vista que se devem estudar as iniciativas ‘puritanas’ dos industriais americanos do tipo Ford. É certo que eles não se preocupam com a ‘humanidade’, com a ‘espiritualidade’ do trabalhador, que, no nível imediato, são esmagadas” (GRAMSCI, 2001, p. 267).

Diante de todo este contexto, apreendemos os elementos necessários para a constituição do americanismo. Um movimento histórico que se origina a partir da fábrica, da materialidade, cujo processo de racionalização técnico-produtivo encontra a sua origem no fenômeno do fordismo. Esta estrutura de produção produz um novo tipo de homem, uma nova mentalidade, a qual se generaliza, alcança o todo e elabora um modo de vida com características específicas, o americanismo. Assim, este estudo nos

possibilita compreender que o americanismo e o fordismo se constituem e se retroalimentam.

Contudo, a estrutura fundamental classista se manteve contraditória, pois, o americanismo, “[...] é algo que pode ser deduzido do fato de que nada mudou no caráter e nas relações dos grupos fundamentais: trata-se de um prolongamento orgânico e de uma intensificação da civilização européia, que apenas assumiu uma nova epiderme no clima americano *[sic!]*” (GRAMSCI, 2001, p. 281). Embora a esfera prática não seja o reino para a confirmação da teoria, este processo nos revela onde devemos buscar a verdade, um lugar capaz de nos apresentar os movimentos mais significativos e determinantes, a história.

A questão fundamental que não podemos perder de vista reside no processo constitutivo de um novo tipo de homem, um novo sujeito que assume a forma do indivíduo contemporâneo, capaz de atender às novas exigências determinadas pela realidade material. Este é o novo nexo psicofísico, o qual produz e é produzido por um novo modo de vida, uma forma ideológica cultural americana que se desenvolve e funda uma nova civilização. Criatura de um passado que ressoa no presente, gesta e desenvolve a história, sendo fundamental para a formação dos novos hábitos e costumes, constituindo uma forma de vida individualista e empreendedorista, características imprescindíveis para alterar a forma de acumulação de capital – a *acumulação flexível*.

2.1.2 – Acumulação flexível: descentralizar e superar

Observamos o desenvolvimento deste contexto que funda a *acumulação flexível*, uma reestruturação produtiva que alcança o todo, mediada por um conjunto de modificações que implementam inovações e automações, novas logísticas e fluxos de informações, criam uma aparente participação operária na estrutura empresarial horizontalizada, formando times de trabalho organizados em células. Deste modo, percebemos alterações no aparato produtivo, assim como na organização do trabalho, um fenômeno que, a partir da materialidade, evoluiu a técnica e se propagou

mundialmente, constituindo “[...] a nova fase do capital, da qual o toyotismo é a melhor expressão” (ANTUNES, 2011, p. 129).

Neste sentido, o avanço representado pelo fordismo no âmbito técnico-produtivo e pelo americanismo no ideológico-cultural – embora sejam os guardiões da base que possibilitou o engendramento do empreendedorismo individual –, neste momento se converteram em entrave para o desenvolvimento do capital. De maneira interdependente, a produção em massa planejada para a fabricação de grandes volumes, barateava o custo geral das mercadorias e ampliava o lucro; entretanto, ao mesmo tempo, inviabilizava a flexibilização e o remanejamento rápido de recursos e materiais, enrijecendo o ciclo produção-distribuição-consumo.

A produção orientada pela racionalidade capitalista criou uma nova forma de divisão mais eficiente, capaz de colaborar para resolver tais entraves, porém, sem perder os avanços realizados pela fragmentação do sistema fordista. Esta nova forma, ao se submeter às forças competitivas, decompõe o todo de maneira crescente, constituindo a sua própria superação. Este mecanismo é fundamental para solucionar os problemas advindos da rigidez fordista, cujas partes repartidas possibilitam ações rápidas e adaptações facilitadas, criando a *acumulação flexível*, inovando mercados e mercadorias, modernizando os diversos setores com organizações mais versáteis.

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional [sic!] (HARVEY, 2008, p. 140).

Esta nova configuração mais flexível e versátil nos revela que o capital está mais organizado e firme, através das características adquiridas de mobilidade que ampliam a sua resistência aos possíveis abalos, às crises – embora não seja uma espécie de imunização definitiva. Apreendemos este movimento na subcontratação de trabalhadores mediante a ampliação do mercado mundial e na modificação da forma de consumo da força de trabalho, em que a fragmentação possibilitou uma maior especialização, e conseqüentemente mais produtividade, assim como na adoção de mecanismos que objetivam converter a antiga produção em massa para pequenos lotes,

não reduzindo, mas ampliando o atendimento ao mercado, tanto no sentido logístico como na especificidade dos produtos.

A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica. A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidades e qualidades fugidias [...] que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais (HARVEY, 2008, p. 148).

Dialogando com este processo, de maneira sintética podemos afirmar que o *toyotismo* é um sistema de produção de mercadorias mais flexível, cujo objetivo é aumentar a produtividade e o lucro, maximizando o uso da matéria prima e minimizando o tempo de produção, melhorando a qualidade dos artigos com uma mão de obra especializada e multifuncional, atendendo as demandas específicas de mercado¹⁰. Segundo Antunes (2006, p. 34): “Foi a partir destes condicionantes históricos que se gestou o modelo japonês, que aqui estamos chamando de *toyotismo*.”, o qual detém alto nível de precisão na sua operação propiciada pela aplicação de um conjunto de técnicas. Neste sentido:

Novos processos de trabalho emergem, onde o *cronômetro* e a *produção em série* e de *massa* são ‘substituídos’ pela flexibilização da produção, pela ‘especialização flexível’, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (ANTUNES, 2006, p. 24).

Entretanto, se *novos processos de trabalho emergem*, o seu fundamento permanece o mesmo, qual seja, a exploração do trabalho vivo. Apreendemos a expressão deste novo disfarce no instante em que os trabalhadores deixaram os postos de trabalhadores, operários, para se tornarem colaboradores das empresas. Desta forma eles passaram a formar verdadeiros times de trabalho:

[...] as divisórias desapareceram, o trabalho é organizado em células, combinando multifuncionalidade, [...] metas, competências, assumindo uma *aparência* mais “participativa”, mais envolvente e menos despótica, quando comparada à da fábrica taylorista (ANTUNES, 2011, p. 127).

10 Vejamos um arquétipo deste processo capaz de incrementar a competência na produção das grandes aeronaves: “Por trás de cada parafuso está um olhar atento, um toque preciso e décadas de desenvolvimento tecnológico, que permitiram à maior fabricante de aviões comerciais do mundo bater um novo recorde no mês passado. Em março, foram fabricadas 42 aeronaves [...] Os componentes que integram a aeronave vêm de 21 países diferentes, do sistema elétrico às poltronas. Até a pintura final do avião é feita pela equipe da Boeing, com a logomarca de cada cliente” (NOGUEIRA, 2014).

Assim, observamos que no sistema taylorista-fordista o despotismo era mais explícito, já neste momento, diferentemente, o trabalhador se envolve e se convence voluntariamente acerca da importância de se sacrificar em nome da prosperidade da empresa¹¹. Segundo o depoimento do sindicalista citado por Antunes (2006, p. 37), neste engenho, “[...] os engenheiros do chão da fábrica deixam de ter um papel estratégico e a produção é controlada por grupos de trabalhadores. [...] A Toyota trabalha com grupos de oito trabalhadores... Se apenas um deles falha, o grupo perde o aumento”.

Desta forma todo o conjunto produtivo é reconfigurado, ou seja, não apenas a organização do trabalho, mas a estrutura do aparato é destituída da sua condição verticalizada, sendo instituída uma nova configuração mais horizontal. Este novo desenho estrutural possibilita uma maior participação do próprio operário, assim como a entrada dos parceiros, como os terceirizados e os subcontratados. Neste sentido, o trabalhador, “[...] na lógica da integração toyotista, deve *pensar e agir* para o capital, para a produtividade, sob a *aparência* da eliminação efetiva do fosso existente entre *elaboração e execução* no processo de trabalho” (ANTUNES, 2006, p. 42).

Diante de todo este contexto compreendemos que os trabalhadores atuam contra seu próprio interesse de maneira dupla, pois, por um lado, eles se tornaram déspotas de si mesmos, por outro lado – revelando a falácia dos times de trabalho organizados em células –, eles colaboram para aprofundar a fratura na classe operária, hierarquizando e antagonizando o trabalhador polivalente e multifuncional com os seus pares. Assim: “Se Gramsci fez indicações tão significativas acerca da concepção *integral* do fordismo, do ‘novo tipo humano’, em consonância com o ‘novo tipo de

11 “Vale aqui registrar o depoimento do atual presidente da Nissan, Carlos Ghosn, um brasileiro que foi levar o processo de liofilização organizacional da transnacional nipônica ao limite. Depois de iniciar o processo de reestruturação da empresa – que custou a demissão de 21 mil trabalhadores – e desenvolver a ampliação da capacidade instalada que, segundo ele, operava em ‘sete fábricas de montagem com 50% de utilização da capacidade instalada e pode produzir a mesma coisa em quatro, com 70% da capacidade’, e acrescentou, ao referir-se à força do Japão: ‘Os operários japoneses, ou seja, o operário que trabalha na fábrica, o vendedor de carros, o técnico no centro de manutenção, essas pessoas que realmente fazem a economia são de uma lealdade impressionante à empresa. Eles são capazes de fazer qualquer esforço, acima de todos os padrões que já vi... É comum, por exemplo, ver pessoas da Nissan trabalhando até a meia-noite. A força do Japão, sem nenhuma dúvida, é na base japonesa, é essa força organizacional, é essa motivação, é essa lealdade. Não é o patrão de um lado e o empregado de outro lado. Não. Todo mundo junto em torno da empresa. E especialmente quando a empresa se encontra em dificuldade” (ANTUNES, 2005, p. 49-50).

trabalho e de produção’, o toyotismo por certo aprofundou esta *integralidade*” (ANTUNES, 2006, p. 42).

2.1.3 – A aparente liberdade: educando para o individualismo competitivo

Este ponto é fundamental, pois, foi neste processo que a lógica produtivista transpôs os muros da fábrica e alcançou o conjunto da sociedade, estabelecendo uma aparente condição de conexão entre os indivíduos, mas, na verdade, acirrando a ruptura entre os trabalhadores e posicionando-os como oponentes, mesmo no âmbito interno à classe proletária. Apreendemos os frutos enganadores da propriedade privada atuando neste fenômeno, colaborando para que o interesse próprio suplante o coletivo, o individualismo e a competição se solidifiquem como elementos constitutivos da forma de vida contemporânea, apontando “[...] para um individualismo muito mais competitivo como valor central numa cultura empreendedimentista que penetrou em muitos aspectos da vida” (HARVEY, 2008, p. 161).

Herbert Marcuse (1997) colabora com a nossa compreensão acerca do desenvolvimento deste processo, o qual *penetrou em muitos aspectos da vida*, alcançando até os momentos mais inócuos de descontração e descompromisso produtivo, pois: “Agora a alegria permitida seria organizada. A paisagem idílica, o sítio da felicidade dominical, se converte em pista de treinamento, o piquenique pequeno-burguês se torna competição ao ar livre. O ser inofensivo gera a sua própria negação” (MARCUSE, 1997, p. 128).

O trágico deste cenário é que ele alcança a parte e o todo, ou seja, são fundamentos que produzem pessoas e objetos, reproduzindo vidas e consciências. Esta é a expressão da invasão da lógica produtiva em todas as esferas das relações sociais, no ponto em que estas relações também se converteram em competição. Apreendemos a manifestação deste processo entre as pessoas que realizam a *modificação corporal extrema*, conforme este relato:

Eu tinha uma namorada que tinha a orelha alargada, [...]. Ela começou alargar, aí eu disse: então vou alargar essa porra. Aí ela começou com 3 (milímetros) e eu em uma semana já tava com 5”. [...] É que nem quando ele

[Henrique] fez a tatuagem dele, eu fiz primeiro e acho que de uma certa forma eu que influenciei ele (MANGUINHO, 2012, p. 97-98).

A gênese mais distante e fundamental deste processo consiste na ruptura sujeito-objeto, na alienação que restringe as relações humanas verdadeiras. Diante desta concepção de mundo que supostamente prescindem do outro, a lógica mercantil engendra a aparente autonomia e independência, apontando para a superação do outro convertido em concorrente. Somente observando o movimento histórico de maneira ampla é que podemos apreender os desdobramentos deste ponto original, o qual produz desenvolvimentos importantes para a constituição desta sociedade, tais como a fragmentação social e o isolamento individual. Todo este processo desintegrador cria um elemento ilustre e indispensável para o funcionamento desta sociedade: o indivíduo.

É este o movimento capaz de converter um simples piquenique em concorrência, o qual ressoa nesta forma trágica de ser sujeito na atualidade em que a individuação¹² ontológica se subordina ao individualismo competitivo, caracterizando o indivíduo, o representante particular das leis do capital, uma vez que estas leis invadem, dilaceram e transformam até as relações mais ingênuas em concorrência, em negatividade.

Assim, a história moderna sintetiza um conjunto de elementos interdependentes, constitutivos do indivíduo contemporâneo, os quais produzem o seu reconhecimento com o sistema socioprodutivo, assim como a capacidade de ele *gerar a sua própria negação*. Dentre estes elementos que o caracterizam, destacamos a busca pela eficiência máxima, a produtividade e o sucesso sustentados pelo esforço individual, a formação baseada em competências e habilidades.

Contudo, talvez o elemento mais importante seja a competição, pois, por um lado ela perpassa de forma transversal todos estes supracitados, por outro lado, atua de

12 Destacamos os termos: individuação e individualização. Individuação se refere ao processo de constituição e diferenciação do sujeito, pelo qual se adquire consciência acerca das possibilidades de autonomia e liberdade, mas ao mesmo tempo da sua dependência e respeito para com o outro, – seja nas relações com a coletividade como pertença ou com seus pares enquanto pessoas. Entretanto, os estudos marxianos nos viabilizam inferir que na sociedade capitalista este processo de formação ocorre efetivamente como individualização, pois, embora as atividades individuais acompanham a história, estas eram integradas, integrando os indivíduos. Atualmente, orientados pela lógica de mercado, temos apenas agrupamentos de pessoas que formam os centros urbanos e funcionam em razão das trocas mercantis, o sujeito não importa mais. Desta forma, a individualização se refere ao processo que destitui o ser da possibilidade de reconhecimento do outro e de si mesmo, indiferenciando-o, perdendo a autenticidade humana de uma existência multifacetada e rica em experiências, conduzindo o sujeito a vivenciar a vida de modo isolado em relação ao próprio gênero humano (MARX, 1985; MARX; ENGELS, 2009).

maneira ininterrupta, objetivando superar os rivais nos diversos espaços e grupos de convivência, afastando e inibindo as relações humanas entre os indivíduos. Este processo aponta para o desenvolvimento de um fenômeno, em que o: “Individualismo é a forma que a liberdade assume em uma sociedade na qual a aquisição e utilização da riqueza depende do trabalho competitivo” (MARCUSE, 1999b, p. 99).

Dialogando com o nosso objeto, esta liberdade aparente se realiza de maneira individual, reforçando o fetiche pela exclusividade, e contribuindo na decisão das escolhas dos *mutassomaxiados*, ou seja: “[...] eu fiz uma por que nunca vi em ninguém” (SILVEIRA, 2010, p. 50). “[...] não é muita gente que tem, né? Todos os piercings, todo mundo tem. Então...eu achei legal, assim, pelo...porque ninguém tem, assim” (BRAZ, 2006, p. 99).

Ademais, uma vez que o indivíduo se orienta motivado *por que nunca vi em ninguém*, pela competição interna, pela almejada diferença drástica; ele se orienta, na verdade, por determinações heterônomas. Portanto, considerando que este processo não é explícito, o *mutassomaxiado* age sob uma autonomia apenas aparente, a qual ele crê ser verdadeira, conforme observamos nas entrevistas: “Mas a modificação corporal tem uma questão de escolha, você é totalmente ativo dessa escolha” (MANGUINHO, 2012, p. 125).

[...] a tatuagem foi esse divisor de águas, a de ter minha identidade e poder me achar também... Tatuagem foi uma coisa que se eu fosse pela opinião da minha mãe, eu estaria com óculos, cabelo pra trás, calça até o umbigo – legal né? E votando no PSDB (LESSA, 2017, p. 86).

Observando este movimento orientado pelo interesse próprio, pelo individualismo competitivo, compreendemos que se trata de um processo que vem de longe, envolvendo e educando os trabalhadores, ou seja: “Ao manipular a máquina, o homem aprende que a obediência às instruções é o único meio de se obter resultados desejados. Ser bem-sucedido é o mesmo que adaptar-se ao aparato” (MARCUSE, 1999b, p. 80). Entretanto, a lógica produtiva não se restringe somente à fábrica, cuja racionalidade alcança o todo e a parte, os processos simples e os complexos¹³.

13 Acerca deste processo, Herbert Marcuse (1999b, p. 79-80) comenta: “Vejam um exemplo simples. Um homem que viaje de carro a um lugar distante escolhe sua rota num guia de estradas. Cidades, lagos e montanhas aparecem como obstáculos a serem ultrapassados. O campo é delineado e organizado pela estrada: o que se encontra é um subproduto ou anexo da estrada. Vários sinais e placas dizem ao viajante o que fazer e pensar; até chamam a atenção para as belezas naturais ou marcos históricos. Outros pensaram pelo viajante e talvez para melhor. Espaços convenientes para estacionar foram construídos onde as mais amplas e mais surpreendentes vistas se desenrolam. Painéis gigantes lhe dizem onde parar e

Toda esta condição ampla e complexa consiste justamente em uma releitura atualizada daquilo que Marcuse (1999b, p. 89) havia anunciado, ou seja: “A multidão é assim a antítese da ‘comunidade’, e a realização pervertida da individualidade”. Assim a compreensão acerca da comunidade, da importância do outro para a constituição do próprio indivíduo supostamente se dissolve, pois, o que se apresenta diante dos nossos olhos são apenas pessoas, aparentemente independentes e autônomas.

Esta concepção de si e do mundo é fundamental, uma vez que rompe com os nexos históricos, descolando o sujeito da realidade e responsabilizando o indivíduo individual pela constituição da sociedade, compreendida como um conjunto de pessoas. Observamos a manifestação deste processo nesta entrevista: “*Eu me interessei mais pela body modificação...por mim mesmo, não pela...não pela aparência estética das pessoas ou dos outros, foi... por mim mesmo. Achar que tem a ver comigo, entendeu?*” (BRAZ, 2006, p. 83). Ademais, este descolamento se manifesta também como separação social, um processo desejado pelo *mutassomaxiado*, conforme observamos: “[...] *não sou um garoto comum na rua. [...] Elas visualmente me colocam separado das massas*” (BRAZ, 2006, p. 90).

Não é por acaso que o indivíduo apreende a realidade desta maneira, parcial e isolada, pois, ela produz e é produzida de modo fragmentado, fragmentando o próprio sujeito. Esta concepção de existência é engendrada pela forma de produção da vida – pelo trabalho –, que ao multiplicar as funções no aparato, aparentemente multiplica as possibilidades humanas, enquanto na verdade as restringe, mas “[...] dão ao objeto humano a sensação de que ele se amplia ao desempenhar funções que dissolvem seu eu em uma série de ações e respostas exigidas” (MARCUSE, 1999b, p. 90).

É esta apreensão da realidade que atribui ao indivíduo a sensação da ampliação da sua humanidade, atribuindo também a certeza da ampliação da sua suposta liberdade, fundamentada na aparente independência do ser frente ao todo. Neste contexto a liberdade plena e autêntica se mantém representada pelo seu simulacro nas *modificações corporais extremas*, como novas escolhas ou mudanças no padrão de vida, conforme observamos nestas entrevistas: “[...] *a maior liberdade que eu posso sentir é escolher o que eu posso fazer no meu corpo*” (NOGUEIRA, 2015, p. 38). “*Ah, a*

encontrar pausa revigorante. E tudo isso na realidade é para seu benefício, segurança e conforto; ele recebe o que quer. [...] Aquele que seguir as instruções será mais bem-sucedido, subordinando sua espontaneidade à sabedoria anônima que ordenou tudo para ele”.

tatuagem foi numa época de mudança na minha vida também. Eu acho que tem a ver com o de ser livre, poder fazer o que você quiser, ter dinheiro, estar com a sua vida em paz” (LESSA, 2017, p. 38).

Neste processo o indivíduo vivencia na pele a sonhada liberdade, porém, a percepção atrofiada e empanturrada com informações efêmeras e desconectadas lhe impede a apreensão da realidade real, a qual conserva os fundamentos que sustentam a sociedade capitalista. Desta forma: “Tendo o progresso técnico por instrumento, a falta de liberdade – significando sujeição do homem ao seu aparato produtivo – é perpetuada e intensificada sob a forma de liberdades e comodidades” (MARCUSE, 1973, p. 49).

2.2 - Presentificação e trabalho assalariado

Conservando a base material que nos revela a contradição como um processo insolúvel e constitutivo da sociedade burguesa, avançamos com a nossa investigação, realizando um esforço para apreender no próprio objeto de pesquisa as suas mediações e categorias. Neste caminho, seguimos com a mediação fundamental para a produção da vida, o trabalho. Naturalmente trata-se do trabalho na atualidade, na sua forma mais desenvolvida e sofisticada do ponto de vista da exploração produtivista, o trabalho assalariado.

É nesta forma de produção que o trabalho se separa do trabalhador, assumindo as características do trabalho alienado, ou seja: “A alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objecto, assume uma existência externa, mas que existe independente, fora dele e a ele estranho” [*sic!*] (MARX, 1993, p. 160). Possuindo agora uma existência externa, o trabalho se des-integra do sujeito, podendo ser comercializado como uma coisa, a força de trabalho, a qual passou a dar vida ao objeto.

O autor também nos revelou que o valor do objeto é determinado pela quantidade de trabalho humano vivo nele depositado, cuja medida é controlada através da demarcação das frações de tempo. Desta forma, adentramos ao reino do tempo produtivo, um reino que estabelece o valor da mercadoria por meio da delimitação da

porção de fermento vivo do trabalhador, do volume de trabalho transferido para a mercadoria.

Assim, o trabalho, o ingrediente humano na forma histórica de força de trabalho expressa o alcance do domínio do capital, cuja força é capaz de alterar a natureza na sua aparência, neste ponto, acelerando o tempo. Esta nova fantasmagoria ocorre devido à determinação da produção, que objetivando incrementar a produtividade, cria mecanismos que possibilitam a execução das tarefas em frações de tempo menores, atribuindo uma aparente modificação nos ciclos cronológicos regidos por *chronos*, pois, segundo Benjamin (1987c), o tempo atual é o tempo da urgência. A sociedade moderna equiparada a um sistema de engrenagens se submete à lógica da máquina, desta vez, representada pelo relógio, ocorrendo uma manobra hábil em abreviar o tempo, pelo fato deste ser fragmentado, quantificado e controlado pelo poder do interesse produtivo.

Ademais, considerando que a ação produtiva ocorre no tempo presente, ela contribui para que a forma estabelecida da produção através do trabalho assalariado produza o fenômeno da presentificação do tempo, pois, o trabalho só se realiza no ato de transferir a substância humana para o objeto, restringindo a percepção do trabalhador ao fragmento cronológico, ao instante. Este movimento explicita a força da aparência, pois, o trabalho enquanto fundamento constitutivo do objeto não alterou, acumulando o trabalho humano vivo que constitui o valor real das mercadorias. Assim, a presentificação é forma, é a expressão da lógica produtivista e utilitária que alcançou o todo, determinando um novo ritmo para as diversas atividades humanas, e, sob um aspecto aparentemente natural, passou a organizar e a limitar a vida, vivida no eterno presente.

Apreendemos a manifestação deste processo relativo à presentificação do tempo na nossa pesquisa, atuando e influenciando no movimento das pessoas que realizam a *modificação corporal extrema*. Observamos a presença de uma necessária instantaneidade da vida na supervalorização do presente, e por consequência, expressando um desinteresse pelo futuro e pelo passado, conforme os *mutassomaxiados* relatam: “Cada vez que vejo um desenho que gosto, quero tatuá-lo! É o meu dia a dia, estou sempre a pensar fazer mais, já que não vivemos para sempre” (RODRIGUES,

2015, p. 253). “Estou mais interessado nas coisas que posso fazer aqui e agora” (DUARTE, 2015, p. 178).

Assim, o passado e o futuro buscam uma síntese provisória de si no presente, se manifestando como duas faces de uma mesma moeda no fenômeno da presentificação do tempo. As mesmas forças sociais que reúnem o passado e o futuro inúteis no presente produtivo, também submetem a aparência corporal, determinando as suas características que devem expressar ao mesmo tempo, juventude e beleza, capacidade produtiva e realização através da sua própria imagem corporal¹⁴.

Ademais, observamos uma relação de valor estabelecida entre pessoas de diferentes idades, em que o *quarentão* deve se manter jovem, assim como o tempo do idoso já passou e o agora é que importa. Neste sentido, nega-se o passado e o futuro, desta vez, almejando disfarçar e esquecer as marcas do tempo que revelam o corpo que envelhece, através de um esforço para se fixar na afirmação do presente predominante, ou seja:

É que nem eu digo pra uma pessoa idosa. Ela vem e fala: “que coisa ridícula... Se eu tivesse um filho assim, me matava”. Minha senhora, eu não posso viver tua velhice, eu tenho que viver a minha juventude agora. [...] o tempo dela já passou... Não aproveitou, a culpa não é minha né? (RIBEIRO, 2007, p. 120-121).

O que pode um corpo de quarenta, exatamente. Velho, o André Meyer, que já está com essa idade e já fez muitas modificações corporais é um exemplão para mim, ele está quarentão e está melhor que muito de vinte anos por aí (NASCIMENTO, 2015, p. 264).

Conforme aprendemos com Marx (1983), o valor da mercadoria é estabelecido através da quantificação de substância humana transferida para o objeto, de trabalho objetivado, sendo que toda a cadeia produtiva também é considerada, a qual se submete ao mesmo princípio geral. Assim, a presentificação pode se manifestar na forma da necessária atualização que alcança tudo, uma vez que o valor do objeto é desgastado pelo tempo – ou melhor, pelo fetiche da novidade que acelera a esfera da circulação –, tornando-o obsoleto. Este processo é válido para a produção do próprio

14 Destacamos que a concepção de corpo segundo o modelo hegemônico, se refere àquele padrão estético representante da lógica produtivista que domina esta sociedade, visto que, um corpo jovem e forte, capaz de associar saúde e beleza, expressando um estilo de vida feliz e produtivo, que supostamente pode ser alcançado por todos. Baptista (2013) nos esclarece que justamente este processo agrega valor ao corpo na sociedade mercantil, pois, “[...] o corpo dentro deste processo repete a produção das mercadorias produzidas e circuladas diariamente, podendo, assim como qualquer uma delas, aumentar o seu valor pela maior assimilação de trabalho humano, mas mantendo-se como fetiche, afinal, o corpo e a vida humana não têm preço” (BAPTISTA, 2013, p. 221).

homem como trabalhador, o qual precisa da inovação para revigorar a si mesmo como produto e se manter na imperativa lógica do mercado, cuja tendência é de se substituir o antigo pelo novo. Esta relação de valor se manifestou de maneira mais explícita entre os trabalhadores que atuam com a *modificação corporal extrema*: “[...] eu conheço muitos profissionais e tem workshop que custa 800, mil reais, de piercing, tudo num dia. Então, tem gente que não quer gastar. Deus me livre que não vou ao workshop” (RIBEIRO, 2007, p. 127).

Eu tô sempre inovando, porque eu acompanho mais ou menos o que tá acontecendo [...] por exemplo... Inventaram um novo tipo de tattoo que brilha no escuro... aquela coisa entendeu... Daí eu vou lá e faço... Tô sempre acompanhando... inovações... Mesmo porque eu posso passar pro meu cliente... Eu tô sempre por dentro, então eu posso ficar tranquilo que eu não vou ser aquele cara ignorante que vai morrer fazendo piercing no umbigo. [...] tem que tá sempre informado, porque se tu não fizer isso, tu vai ficar na mesmice... Tu não vai crescer (RIBEIRO, 2007, p. 126-127).

Neste contexto observamos um movimento paradoxal, pois, por um lado, há uma desvalorização do passado como algo obsoleto, em que o antigo improdutivo é percebido como antítese ao novo mais eficiente. Por outro lado, há um interesse em eternizar o passado, porém, como fatos isolados, como memórias pessoais e lembranças afetivas, conforme os *mutassomaxiados* relatam: “Porque se passou algo na minha vida, que escolhi ‘eternizar’ em mim, mesmo não estando aqui essa pessoa, está sempre em mim” (RODRIGUES, 2015, p. 169).

Meu pai morreu há cinco anos... Sua última vontade foi que suas cinzas levássemos para a sua fazenda e repartíssemos aí, então levamos as cinzas e jogamos em uma árvore que ele havia plantado há 25 anos, essa árvore que eu me tatuei. Tu não vês que está seca a árvore que levo? Está morta, por isso... meu pai está morto também (PEREIRA, 2007, p. 150).

Ademais, almejando aprofundar a nossa análise acerca do interesse em eternizar o passado, esta entrevista nos auxilia a compreender que a *modificação corporal extrema* também expressa o esforço do *mutassomaxiado* para resgatar a sua história, a sua vida, a humanidade que lhe fora expropriada, ou seja: “Cada tatuagem tem a sua história, [...] É uma coisa que tu sempre vai lembrar do momento que tu fez e que tu viveu” (LOECK, 2010, p. 60). Trata-se de um movimento que pode ser apreendido de maneira sutil no interesse em fixar a sua história no corpo:

Eu era muito pequeno, deveria ter quatro ou cinco anos, [...] E no meio da oração eu comecei a cantar uma música. [...] E daí eu falava que enquanto eu caía do céu, era essa a música que eu ouvia. [...] não me lembro da música, mas eu lembro da imagem da queda, que eu não sei se foi um sonho

ou o quê. [...] daí eu disse: eu quero contar essa história no meu corpo. [...] Em resumo, o anjo surge: [...] Eu fui construindo essa imagem no meu corpo (ARAÚJO, 2015, p. 117).

Diante deste amplo processo, compreendemos a importância da presentificação do tempo enquanto forma de manifestação, expressando a força da particularidade histórica com potencial para subordinar a universalidade. Esta força da forma advém do ocultamento do conteúdo, que se esconde no objeto através do trabalho vivo impregnado, assegurado pela ruptura com o sujeito que trabalha de modo alienado, que produz algo que não lhe diz respeito. Uma análise histórica nos propicia apreender os processos que estão para além da aparência na *modificação corporal extrema*, revelando que trata-se de um esforço para resgatar não apenas elementos individuais, memórias e afetos, mas são marcas corporais que almejam resgatar a vida que fora roubada, alienando o homem do gênero humano.

2.3 – Perda da experiência e a sensação de choque

Diante deste contexto o tempo adquiriu conexão com a produtividade, no ponto em que a sua utilização de modo inoperante com a esfera produtiva passou a ser considerado uma perda, um desperdício. Sob a lógica produtivista da quantificação controlada pelo ritmo da máquina, formalizou-se uma concepção que passou a determinar não apenas a cadência dos homens, mas também a necessidade da destreza, seja esta física ou intelectual. Assim, o tempo, enquanto uma dimensão da natureza, se tornou mais um subordinado ao reino das coisas, pois, as respostas humanas não podem mais serem geridas pelo ritmo natural que requer variações regulares entre pausas e continuidades, mas devem ser rápidas, objetivas e funcionais, manuais ou intelectuais, tal qual o tempo produtivo exige.

Benjamin (1987c) no texto ‘O narrador’ dialoga com este processo se referindo às obras dos artífices, em que o limite estabelecido para a produção era de outra ordem, o da perfeição. Nesta outra forma de produção da vida, o tempo se esgotaria somente quando as pedras duras estivessem *profundamente talhadas e perfeitamente polidas*, contudo, “[...] todas estas produções de uma indústria tenaz e

virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 1987c, p. 206).

As consequências deste movimento histórico que altera a natureza do tempo e lhe atribui um novo significado são desastrosas. Especialmente pelo fato desta lógica produtivista não se restringir apenas ao mercado, mas ela também se embrenha na cultura e na política, na família e nas instituições – inclusive as academias –, em suma, alcança todos os recônditos da vida nesta sociedade. Este processo desarticula a compreensão do indivíduo acerca do tempo histórico, já que naturaliza a *correria* moderna, a qual se justifica em nome do próprio progresso e nos conduz ao mesmo ponto de partida, para um recomeço cíclico. O revelar desta historicidade nos possibilita apreender um dos seus desdobramentos fundamentais, a *perda da experiência* (BENJAMIN, 1987c).

De maneira genérica a experiência que se perde é a possibilidade de reconhecimento da humanidade, mediada pela relação com o outro, através da comunicação carregada de história, cuja particularidade se impregna de universalidade. Diante desta perda, na sociabilidade moderna não há mais tempo para a reflexão e a crítica, para a espera, a atenção e o olhar detido, para a partilha dos saberes, mesmo que oriundo da experiência acumulada pela velhice, pois: “Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?” (BENJAMIN, 1987c, p. 114).

Mesmo considerando que a partilha dos saberes, dos provérbios e das reflexões encontra-se deveras limitada na atualidade, este movimento não deixou de existir enquanto processo coletivo, pois, trata-se da constituição do ser social, da sua essência. Dialogando com este processo, a *modificação corporal extrema* é uma maneira de se buscar uma espécie de indenização pela perda da experiência, da tradição compreendida como uma manifestação da natureza humana, desta vez, impressa no corpo, conforme observamos na fala do *mutassomaxiado*: “Eu acho que isso é uma coisa natural. Você pode ver pela história da humanidade, sempre, as tribos indígenas lá no começo e tal, se pintavam, se modificavam, punham ornamentos e tudo mais” (DIAS, 2014, p. 73).

Assim, este processo anuncia a dificuldade em que a transmissão da experiência se encontra na atualidade, pois, é preciso se refugiar nos ornamentos da tradição ancestral para alcançar algum elemento significativo, impregnado de humanidade. Benjamin se refere à figura do narrador, como aquele capaz de condensar a vida, a experiência, não de forma isolada e individual, mas expressando uma substância ao mesmo tempo social e íntima, uma história que retém um passado que vive no presente, o narrador é um mestre. “Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como sábio. [...] Seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la *inteira*” (BENJAMIN, 1987c, p. 221).

Porém, por um lado, se tais respostas apontam para a ausência dos ouvintes dispostos a empregar o seu tempo na escuta, por outro lado, a possibilidade de *condensar a vida na forma de experiência*, encontra-se comprometida. O autor se referiu aos soldados que voltam do confronto na sua análise: “No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha e não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 1987c, p. 198).

Ampliando o nosso olhar acerca deste contexto, podemos compreender o *narrador* e o *combatente* não como as pessoas imediatamente apreendidas na realidade, mas eles são como personagens que expressam categorias, dialogando com a produção da vida alienada que nos torna menos humanos. Assim, a particularidade não mais se impregna de universalidade, mas a subordina e a limita, e desta forma: “Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’” (BENJAMIN, 1987a, p. 119).

Podemos compreender a potência deste empobrecimento do patrimônio humano, observando a forma em que a pauperização da ínfima moeda do atual alcança a própria *modificação corporal extrema*. Neste momento a sua concepção se perde no vazio de uma marca qualquer, conforme observamos nesta solicitação realizada pelo *mutassomaxiado*: “[...] estou esperando meu primo e queria fazer uma tatuagem no braço para passar o tempo, tem um desenho para mim?” (PEREIRA, 2016, p. 122).

Contudo, aprofundando a nossa análise acerca dos combatentes de guerra, observamos que esta é: “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado,

exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (BENJAMIN, 1987c, p. 198). Como categoria esta passagem nos revela uma universalidade, a qual pode expressar não apenas a luta no campo de guerra, mas uma batalha travada pelos indivíduos, uma labuta que envolve a todos na manutenção da vida.

Esta batalha enfrentada no cotidiano se refere ao trabalho, o elemento produtor das condições de vida, expropriando, necessariamente, diariamente, a humanidade do indivíduo. Dialogando com o nosso objeto, uma vez que o trabalho é alienado e determinado pela emblemática esteira produtiva, a *modificação corporal extrema* pode transmitir uma *sensação* de resgate da sua humanidade roubada, pois, aparentemente, ele realiza a escolha de maneira livre e independente, ou seja: “*Gosto da sensação de saber que vou ter em mim algo que eu quero e escolhi e que gosto*” (RODRIGUES, 2015, p. 169).

Entretanto, esta guerra diária é legitimada pelo monstruoso sistema, e o frágil e minúsculo corpo humano se mantém em meio a este desafio diante de uma nova forma de miséria que se universaliza, pois, “[...] é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie” (BENJAMIN, 1987a, p. 115). Considerando que a realidade é totalitária, esta condição conduz o indivíduo à insensibilidade e ao embrutecimento, a uma pobreza de experiência que o determina e enclausura, ou seja: “Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (IBID, p. 116).

Caminhando com Benjamin (1987a), o autor nos alerta acerca da amplitude, do aprofundamento e do disfarce empreendido por esta nova forma de miséria. Ele se refere até mesmo ao desenvolvimento da ioga, da quiromancia, da gnose e do espiritualismo, como práticas que apontam para uma vida mais transcendente, mais livre do imediatismo, mas são – na verdade –, uma *angustiante riqueza de ideias* que não realizam a renovação autêntica que se propõe, mas a sua galvanização. Neste sentido:

Pensemos nos esplêndidos quadros de Ensor, nos quais uma grande fantasmagoria enche as ruas das metrópoles: pequeno-burguêses com fantasias carnavalescas, máscaras disformes brancas de farinha, coroas de folha de estanho, rodopiam imprevisivelmente ao longo das ruas. Esses quadros são talvez a cópia da Renascença terrível e caótica na qual tantos depositam suas esperanças. Aqui se revela, com toda clareza, que nossa pobreza de experiências é apenas uma parte da grande pobreza que recebeu

novamente um rosto, nítido e preciso como o de mendigo medieval. Pois qual o valor de nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? [*sic!*] (BENJAMIN, 1987a, p. 115).

Portanto, não se trata apenas de uma questão que coloca em xeque o patrimônio humano, mas de se contextualizar um fato histórico, cuja concretude pode ser apreendida nas mediações da realidade. Desta forma, o narrador é uma categoria que expressa tais mediações, as quais se perderam ao longo do processo histórico que nos conduziu ao individualismo e ao isolamento, à aparente autonomia e independência frente ao todo, produzindo uma geração em que o empobrecimento e a limitação se tornaram generalizados. “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiência” (BENJAMIN, 1987c, p. 198).

2.3.1 – Desinformação: a comunicação desconectada e presentificada

Anteriormente os saberes tinham as condições necessárias para viajar no tempo e no espaço, mesmo aqueles advindos de terras longínquas ou de tempos remotos, eles expressavam uma tradição e detinham uma autoridade válida. Atualmente estas substâncias se perderam, e com elas tais condições de uma firmeza reconhecida. Para além dos processos que já analisamos, elas também se dissiparam pelo seu desuso, pela nova sociabilidade e seus padrões modernos mais efêmeros e informacionais, dificultando ao próprio indivíduo o desenvolvimento do intercâmbio de experiências¹⁵, pois: “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN, 1987c, p. 203).

Neste ponto podemos estabelecer um contraponto entre a narrativa e a informação, visto que, por um lado, a narrativa é uma forma de comunicação que não se interessa em transmitir os fatos na forma de relatórios fieis, mas seria uma interlocução mais artesanal, com raízes e memória, tradição e reflexão, em que o narrador deixa

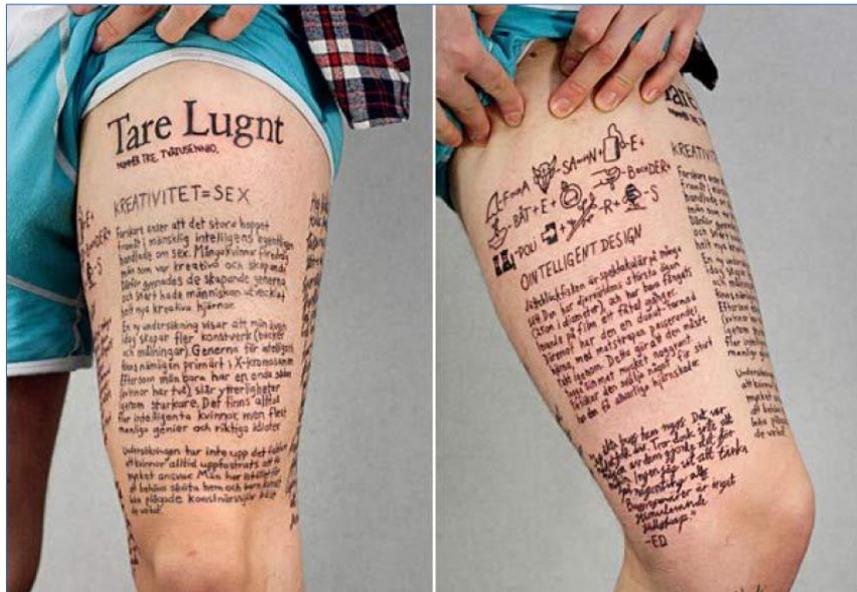
15 Benjamin (1987c), nos expõe mais uma consequência acerca deste processo: “São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. [...] É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1987c, p. 197-198).

rastros de gente humana, de vida e de história por onde passa. “Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987c, p. 205).

Por outro lado, a informação tem prazo de validade determinado pela novidade, uma vez que não possui força e substância suficiente para viajar no tempo e no espaço, é momentânea e efêmera, se submete ao tempo cronológico em detrimento do sazonal, é destituída de universalidade e de interpretação, pois, “[...] os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (BENJAMIN, 1987c, p. 203).

Entretanto, esta é a forma de comunicação predominante na sociedade burguesa, a qual se impõe em tom ameaçador através da imprensa, uma vez que é a informação que influencia de maneira decisiva esta sociedade. Esta capacidade advém da engenhosidade que converte o supérfluo em precisão, levando a informação a se tornar uma necessidade, da qual nos tornamos dependentes. Ademais, ela se adéqua perfeitamente a esta sociedade contraditória, pois, por um lado a informação é rápida e ágil, abrangente e renovada, por outro lado, ela é descontínua e fragmentada, parcial e precária, compromissada apenas com a verdade aparente (BENJAMIN, 1987c; HAUG, 1985; TÜRCKE, 2010).

Aprendemos a manifestação deste processo no nosso objeto, no momento em que o *mutassomaxiado* realiza a marca corporal orientado por estas características atribuídas à informação, desconectada e efêmera, ou seja: “As tatuagens de ‘kanjis’, grafia oriental, ficaram muito populares após seu aparecimento no filme ‘Uma Linda Mulher’ [...] Não é incomum o relato de pessoas com tatuagens cujos significados são desconhecidos ou mesmo completamente equivocados” (KEMP, 2005, p. 70-71). Ademais, também observamos um esforço para tornar a informação mais substancial na sua forma de expressão, no momento em que o web designer Marc Strömberg publicou o texto da sua revista tatuada no próprio corpo, conforme observamos na fotografia a seguir (LOECK, 2010).



Fotografias 3 e 4: Revista tatuada na coxa
 Fonte: Loeck, 2010, p. 62
 Data de acesso: 11/07/2019.

Portanto, não é por acaso que a informação se desenvolve ao ponto de se tornar uma necessidade, ou seja, as suas características se harmonizam muito bem à lógica de funcionamento desta sociedade. Entretanto, o indivíduo adere e absorve estas características sociais para a sua vida, se reconhecendo com esta forma de informação. Caso ele se depare com alguma comunicação mais substancial, logo desiste, mesmo porque o próprio indivíduo nega e se desinteressa por aquilo que exige tempo e reflexão, uma vez que o substancial é de outra ordem, é da categoria da experiência, não passando de uma vivência.

Este processo tornou mais claro o alcance do empobrecimento em que a experiência foi submetida, apontando para a sua conversão em vivência. Portanto, compreendemos que a experiência é da ordem da tradição impregnada de humanidade, que detém memória e história, capaz de conservar o passado vivo e ativo, constituindo o presente; ao passo que a vivência reside na esfera aparente que celebra a aceleração da vida, associada às mudanças constantes desta sociedade, as quais exigem atenção aos eventos externos, cada vez mais destituídos de mediações e de humanidade, mas instituídos de superficialidade e de impessoalidade (BENJAMIN, 1987c).

A origem deste fenômeno advém de uma forma de produção cada vez mais fragmentada e acelerada, desconectada e alienada, que conduz à circulação das

informações de modo análogo. Foi por este caminho que o patrimônio humano gestado através da sabedoria e da tradição, se tornou obsoleto e foi substituído pela novidade, pelo efêmero, explicitando a força da esfera produtiva, que limita o indivíduo e a comunicação às suas determinações (BENJAMIN, 1987c; TÜRCKE, 2010).

Nosso objeto de pesquisa contextualiza este fenômeno, especialmente expressando a ação da novidade e da aceleração, empreendendo ligeiras e novas modificações às modificações corporais, conforme observamos nesta entrevista: “*Então tem coisas aí que vão surgindo e eu fico curioso para testar em mim. O microdermal foi um deles. Eu achei o microdermal interessante. [...] Eu fiz na testa, mas já tirei*” (NASCIMENTO, 2015, p. 254).

Inicialmente este reducionismo expressado pela vivência nos apresenta algumas consequências relevantes, como o empobrecimento e a limitação, da comunicação e do sujeito. Contudo, uma análise acerca deste movimento pode nos auxiliar no desenvolvimento da questão estrutural, qual seja, a perda do sentido histórico, cuja origem encontra-se na fragmentação do processo de trabalho, uma vez que o contexto se refere ao sujeito histórico, ao trabalhador. Desta forma, a vivência se realiza no instante, no tempo produtivo, reafirmando a preponderância do presente, sobre o passado inútil e o futuro inoperante. “Estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro. É o enfraquecimento do sentido do tempo histórico” (LASCH, 1973, p. 25).

Neste movimento, a esfera produtiva detém forças suficientes para modificar o tempo das relações humanas, acelerando-as e tornando-as mais efêmeras e fugazes. É este motor da sociedade que produz a compreensão parcial acerca da *perda da continuidade histórica*, uma apreensão superficial dos fatos, uma vez que a história não está em suspensão temporária, os elementos estruturantes e contraditórios se mantêm na realidade, eles estão vivos e ativos; o que ocorre, na verdade, é o seu obscurecimento. Talvez tenha sido este o motivo que levou Lasch (1973, p. 76) a tal consideração sobre “[...] o sempre presente sentido de descontinuidade histórica – o câncer de nossa sociedade”, pois, afinal, ele contribui para o obscurecimento do sentido do humano, da vida.

2.3.2 - Sociedade da sensação: a necessidade do choque como fascínio e espanto

Todo este processo que expressa a preponderância temporal do instante no fenômeno da presentificação, é produzido a partir das relações de produção, em que o desenvolvimento tecnológico produz um impulso através da reprodução das imagens, dentre estes, “[...] especialmente o ‘click’ do fotógrafo trouxe consigo muitas consequências. Uma pressão do dedo bastava para *fixar um acontecimento* por tempo ilimitado” (BENJAMIN, 1989, p. 124, grifo nosso). A naturalização acerca da utilização dos aparelhos que nos possibilitam apanhar a imagem nos sugere uma certa simplicidade neste processo, porém, a fotografia é extraordinária, pois, *fixa um acontecimento*, e, portanto, congela um tempo, assim como tudo aquilo que a ele remonta.

Desta forma, o mecanismo capaz de apanhar, de capturar uma imagem, captura também todo o conjunto de elementos que ela expressa, seja imediata ou mediadamente. Ademais, diz Benjamin (1987b, p. 167): “Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral”. Porém, se por um lado percebemos as palavras – seja oral ou escrita –, de maneira linear, sequencial e restrita, por outro lado as imagens são captadas pelo olhar de modo amplo e instantâneo. Neste contexto podemos considerar que estamos expostos a uma torrente de impressões e informações que nos chegam pela percepção ótica, a qual nos possibilita realizar um salto quantitativo no fluxo das informações.

Este fato é notório, contudo, é fundamental, pois, é ele que nos conduz ao novo *choque imagético* que se desenvolveu na atualidade. A princípio, segundo Benjamin (1983), o *choc* é um acontecimento mutilado em suas conexões, uma vez que se desconecta até mesmo das outras informações, orientado pela novidade e pela rapidez, e, portanto, constituindo uma superficialidade sintética e artificial. Podemos compreendê-lo como um tipo especial de informação, que dispensa a análise e o pensamento crítico, mas se sustenta apenas pela suposta comprovação empírica, a qual, via de regra, suscita o fascínio e espanto.

Assim apreendemos uma forma de comunicação capaz de agravar o empobrecimento sintetizado pela vivência, o qual é produto do desenvolvimento da

modernidade tecnológica. Embora este fenômeno alcance o todo na vida humana, Türke (2010) se refere ao jornalismo para compreendermos o seu movimento, sobretudo acerca dos profissionais que trabalham com os noticiários ao vivo. Eles recebem uma alta pressão para definir o tema a ser noticiado que não deve se perder no fluxo de informações, sem subestimar os concorrentes e ao mesmo tempo almejando atender o seu público alvo. Considerando que ainda há um aumento do número de canais com tais ofertas: “Essa tríplice pressão da profissão do jornalista é transferida de tal forma ao público como um todo, que gradualmente se transforma em uma pressão existencial do aparato sensorial moderno” (TÜRCKE, 2010, p. 19).

De maneira emblemática este processo expressa um entorpecimento provocado pela oferta do imediato¹⁶, causando uma perda da sensibilidade perceptiva do indivíduo, o qual, mesmo que tenha a possibilidade para acessar outras culturas, não consegue absorvê-las, compreendê-las. Esta limitação se padroniza e se naturaliza, moldando os indivíduos que não reconhecem “[...] uma síncope de um acento no início do compasso, gritam ou tapam os ouvidos tão logo escutam uma música diferente da ‘sua’: a da banda X ou do disc-jôckeí Y, a cujo *som [sound]* eles reagem como o cão de Pavlov ao piscar da lâmpada” (TÜRCKE, 2001, p. 113).

Tragicamente o *piscar da lâmpada* se converteu numa espécie de ontologia do ser, adquirindo sustentação no processo em que a particularidade subordina a universalidade. Entretanto, diante do entorpecimento da dimensão perceptiva do indivíduo, é preciso que a *lâmpada pisque* cada vez mais forte, não no sentido determinista e comportamentalista, mas como expressão da perda da experiência, bem como pela insensibilidade dos sentidos que tornou o choque uma necessidade. Este movimento se confirma no fato de que até mesmo a arte é submetida, pois: “Em suas produções estéticas, bem como no próprio juízo, introduz-se, de forma contundente, o sentimento de que aquilo que não choca também não presta” (TÜRCKE, 2004, p. 64).

Este processo dialoga com o nosso objeto no momento em que o *mutassomaxiado* expressa o seu interesse em realizar as *modificações corporais extremas*, as quais detêm o potencial para suplantar o entorpecimento, a aparência

16 O autor se refere a outro processo que alcança as crianças, esclarecendo que a pressão aumenta para se realizar uma determinada escolha, uma vez que isto implica a negação acerca de tudo daquilo que não foi escolhido. “Quando uma criança pode selecionar a mais bonita de cinco balas, ela alegre-se. Mas se tem que escolher entre 50 ou 100, ela sente-se sobrecarregada” (TÜRCKE, 2010, p. 69).

comum, estimulando a sensação por meio do estranhamento, ou seja: “*Eu andava pela rua e o povo se benzia [...] Causava um puta estranhamento para eles*” (NASCIMENTO, 2015, p. 243). Ademais, o estímulo sensorial também pode se valer da imaginação, no ponto em que esta cria uma aparência extraterrestre, a qual se torna uma referência para a aproximação com o estranho: “*Se eu pudesse eu ampliava o canino. Eu já vi implante do cara botar de uma vez cinco bolas na cabeça, pô eu achei interessante aquilo ali, ficou parecendo um E. T.*” (PEREIRA, 2007, p. 158).

Neste sentido, a crescente prática de atividades e esportes radicais, como o montanhismo, o bungee jumping, paraquedismo, mountain bike, surf, skate, revela um aumento no interesse por sensações cada vez mais intensas. O desenvolvimento desta tendência corrobora com a nossa compreensão acerca do choque como fenômeno, uma vez que a aceleração da vida e o excesso de choques informacionais gradualmente perdem o seu efeito, conduzindo à busca incessante por novas sensações, constituindo a reprodução deste movimento. Desta forma: “As sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo” (TÜRCKE, 2010, p. 14).

Captamos este processo no nosso objeto, uma vez que se trata de modificações corporais, é o próprio corpo que surge como lócus para a manifestação da sensação, conforme observamos nestas entrevistas: “*Meu interesse de usar meu corpo é porque eu sinto que este é o lugar onde você sente*” (DUARTE, 2015, p. 148). Ademais, a modificação corporal é capaz de expressar aquilo que o indivíduo sente, potencializando a sensação pelo fato dele expor na pele aquilo que *envolve o seu coração*, ou seja:

A simbologia, a tatuagem, o escudo do clube, já é uma simbologia muito forte, você carregar a camisa dele, quando essa camisa ta na sua pele, e ela ta na pele porque ela vem de dentro pra fora, o que eu sinto aqui dentro, eu to sentindo aqui fora, então eu tô vestindo aquilo que ta envolvendo meu coração, ta envolvendo a minha pele [sic!] (TOMAZETT, 2017, p. 100).

Diante de todo este movimento, compreendemos a importância do choque imagético e informacional na produção e reprodução da *sociedade da sensação*, uma vez que a torrente de estímulos cria uma espécie de insensibilidade no indivíduo, pois, o espanto e o fascínio são percebidos somente na condição de contraste em relação à estabilidade e à ordem. Ademais, este movimento é fundamental também pelo fato dele descobrir um passado que atua no presente, em que, a partir da invenção da fotografia,

houve um desenvolvimento da técnica que ampliou a preponderância da aparência, mediado pelo crescente destaque da esfera visual, contribuindo para o fechamento da sensação em si mesma, pois, esta é desconectada e veloz, superficial e efêmera, ou seja:

Não há dúvida de que a forma de intuição da sensação, que sob condições microeletrônicas cresceu a ponto de se tornar um poder global paradigmático, por assim dizer abriu os seus olhos na fotografia. Ela é o meio que deu o empurrão técnico decisivo para o deslocamento do significado da palavra 'sensação' de percepção absolutamente inespecífica para percepção do que é sensacional e por fim para o sensacional em si (TÜRCKE, 2010, p. 190).

Neste processo que nos revelou a ascensão da sensação, a evolução da técnica digital desempenhou um papel importante, no ponto em que as imagens e as informações foram convertidas em pacotes de bits, de números binários decodificados, compondo os arquivos informáticos. Neste formato, elas podem viajar utilizando a rede mundial de computadores conectados pela internet, minimizando as distâncias e se tornando mais fugazes e ilimitadas. Porém, este processo nos leva à sensação do suposto contato humano substancial, pela própria comunicação genérica mediada pela máquina, temos a certeza de que tem alguém atrás da tela. Contudo, este processo, “[...] não pode ser confundido com ‘proximidade humana’ no sentido de uma participação mútua e da identificação, que só podem ser gradativamente construídas ao longo do convívio mútuo e da troca de experiências.” (TÜRCKE, 2010, p. 290).

Observando todo este movimento histórico de maneira mais ampla, Walter Benjamin, antes mesmo da era digital o sintetizou com maestria, pois: “Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a *crescente atrofia da experiência*” (BENJAMIN, 1989, p.107, grifo nosso). Embora todas estas questões tendam a deslocar o choque o imagético e informacional para uma posição central do contexto histórico, produzindo e sendo produzida pela aceleração do tempo e a diminuição das distâncias, pela desconexão e a fugacidade comunicativa, elas são apenas a nova roupagem do capital. Entretanto, a importância deste processo reside no fato dele alcançar o todo e a parte, modificando significativamente o plano da sociabilidade de maneira totalitária.

2.3.3 - O corpo que choca: conceito, manifestação e desenvolvimento

Justamente o choque imagético e informacional anunciado e desenvolvido por Benjamin (1983) e Türcke (2010), se refere ao progresso histórico do movimento relativo à atrofia da experiência, da narrativa, da comunicação. Portanto, é na esfera mais evidente, no corpo como o mediador social por excelência, que a imagem corporal modificada de maneira radical surge com potencial significativo para satisfazer a necessidade de expressão do indivíduo acerca das suas características e qualidades individuais. A força do imediato atribui confiança à eficácia deste processo, cuja manifestação amplia a sua atuação na forma do choque.

Naturalmente não se trata de alterações corporais simples, as quais são definidas pelos próprios *mutassomaxiados* como meros acessórios, ou seja, “[...] *tem que ser significativo, grande. Uma estrelinha no braço não é, é um acessório, mas não é uma modificação*” (MANGUINHO, 2012, p. 126). Entretanto, as modificações corporais que podem ser consideradas radicais perpassam por diversos contextos, como o mercado de beleza demarcado pela cultura mainstream – *body building, fitness* e cirurgias estéticas –, as quais, mesmo podendo alcançar níveis extremos na modelagem corporal, possuem aceitação social e manifestam os padrões estabelecidos hegemonicamente.

Ademais, as modificações corporais também podem ter motivações médicas, religiosas ou de culturas específicas¹⁷, assim como aquelas consideradas naturais. Neste último caso, as modificações são realizadas majoritariamente por questões funcionais e higiênicas, conforme o entrevistado relata quando questionado acerca da sua compreensão sobre o conceito de modificação corporal: “*Tudo aquilo que você faz e que altera o seu corpo de alguma forma. Por exemplo, cortar a unha, cortar o cabelo, alimentação, exercícios físicos, remédio, drogas, sexo, tatuagem, piercings, [...] tudo são formas de modificação corporal*” (NASCIMENTO, 2015, p. 255).

17 Observamos a manifestação deste fenômeno entre os habitantes do oeste da Tailândia, na comunidade indígena Padaung, da etnia Karen. Com o propósito de melhorar a sua beleza, as mulheres utilizam argolas no pescoço almejando alongá-los, porém, a força das argolas também projeta os ombros para baixo, produzindo um fenótipo que se aproxima das girafas. Ademais, para conseguir um bom resultado elas iniciam esta modelagem corporal desde a infância, colocando argolas também abaixo do joelho para tornar as pernas mais finas, e conforme a resposta corporal, elas aumentam a quantidade de argolas para atingir seus objetivos (LACAZE, 2016).

É importante destacarmos também os *freaks shows*, apresentações de circo que ocorriam no início do século XX e reuniam diversos personagens bizarros para aquele tempo, tais como, “[...] esquimós, bezerras de cinco pernas, leopardos, gigantes, anões, homens invisíveis – todo tipo de criatura que na época fosse considerada fora do normal” (ARAÚJO, 2005, p. 44). Dentre estes também se apresentavam: “Homens e mulheres com o corpo inteiramente coberto de desenhos” (*IBID*), como o homem zebra e o famoso John Haves, com 780 tatuagens no corpo.

Entretanto, embora estas manifestações corporais sejam radicais, elas não são categorizadas como *modificação corporal extrema*, pois, não carregam os elementos específicos do conceito que estamos desenvolvendo. Por este mesmo motivo as marcas corporais tribais também não remetem ao fenômeno que investigamos, uma vez que a tatuagem tribal verdadeira é conquistada através do ritual de passagem, representando coragem, bravura ou um novo status alcançado conforme as leis particulares do grupo, assim:

Faz parte do ritual de passagem da infância para a adolescência de um Karajá tatuar o rosto com dois círculos – *omaruma* – feitos da mistura da tinta do jenipapo com a fuligem do carvão. O processo é doloroso, pois o instrumento para picar a pele é um dente de peixe-cavalo (ARAÚJO, 2005, p. 22).

Diante desta complexidade, se faz necessário o recorte preciso acerca do fenômeno investigado – a *modificação corporal extrema* –, a qual se refere a toda transformação infligida ao corpo como um todo, ou seja, envolvendo ossos e cartilagens, músculos e pele, cabelos e unhas, alterando até mesmo os dentes e o globo ocular. Trata-se de uma mudança voluntária e radical, chegando ao ponto de causar algum estranhamento, um incômodo ao olhar – para si e para o outro –, podendo utilizar a remoção, remodelagem ou acréscimo de elementos, naturais ou artificiais. Colaborando com este conceito, Lastória (2009) afirma que a *modificação corporal extrema* é:

[...] uma apropriação cidadina de práticas culturais consideradas exóticas ao nosso olhar, e que são ressignificadas de diversas maneiras chegando, em muitos casos, às raias do grotesco. Deve-se ter em conta que as modificações corporais perseguidas e praticadas pelos adeptos dessas tendências retiram seus motivos estéticos de culturas milenares (como a chinesa, indiana, tibetana), de culturas tribais pré-letradas, ou simplesmente baseiam as intervenções corporais na imitação de animais como é o caso do “homem lagarto”, da “mulher vaca”, do “homem gato”, dentre outros (LASTÓRIA, 2009, p. 274).

Neste contexto compreendemos que o termo *body modification* não atende ao rigor necessário para o fenômeno investigado, uma vez que, este pode ser utilizado de modo amplo para qualificar toda modificação corporal. Assim, envolvendo o mercado de beleza, as questões funcionais e higiênicas, as cirurgias estéticas reparadoras ou apenas por elegância, a esfera *fitness*, bem como, a utilização da tatuagem e do piercing como acessórios, são espécies de *body modification*. Portanto, o termo *modificação corporal extrema* nos possibilita uma apreensão mais precisa acerca da especificidade do objeto em causa. A própria descrição do *mutassomaxiado* nos auxilia no discernimento entre a *modificação corporal extrema* e as demais modificações:

Eu tenho os piercings nas orelhas. Tenho piercing no nariz. Tenho piercing no lábio. Tenho piercing no mamilo. E tenho alguns piercings, bom, na verdade, a maioria está ganhando tamanhos maiores, então são alargadores bem dizer. Tenho piercing no umbigo e tenho piercing genital. Daí eu tenho as tatuagens, eu tenho as tatuagens nos braços, no peito, próximo das virilhas, nas pernas, nas costas eu não tenho. Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com branding nas costas. [...] eu estou fazendo remoção de pele, de tecido, com escarificação que é feito com bisturi. Não terminei, mas ainda estou fazendo. Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meias esferas de teflon, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone. [...] Ah, eu tenho a língua bifurcada. Tem dois riscos, que é um trabalho de arte feito com bisturi (GONÇALVES, 2014, p. 133).

Todo este conjunto de formas que envolve a *modificação corporal extrema*, foi possibilitado pelo desenvolvimento da técnica, um processo fundamental para a sua popularização. Portanto, a tecnologia – enquanto utilização social da técnica –, é responsável direta pelo avanço destas modificações, tanto qualitativa como quantitativamente, pois, com a invenção da máquina de tatuar, por um lado, melhorou o controle do profissional sobre o desenho, por outro lado, “[...] muitas agulhas podiam trabalhar ao mesmo tempo e em velocidade, diminuindo a dor do ritual e transferindo com rapidez o desenho para a pele” (ARAÚJO, 2005, p. 45)¹⁸.

18 Neste momento, com o nosso olhar voltado para o processo técnico, por um lado, Benjamin (1987b) nos esclarece acerca da força da realidade material, no ponto em que a reprodução técnica possibilita a cópia em série, com traços de perfeição que suplantam a falsificação, e, no âmbito das artes, permite o acesso à obra, deslocando-a da esfera da tradição e atualizando o seu aqui e agora, ou seja, “[...] enquanto o autêntico preserva toda a sua autoridade com relação à reprodução manual, em geral considerada uma falsificação, o mesmo não ocorre no que diz respeito a reprodução técnica, [a qual] pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar o indivíduo da obra [...]. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial” (BENJAMIN, 1987b, p. 167-168). Por outro lado, o autor nos esclarece os desdobramentos que esta realidade material e tecnológica produz, especialmente na relação entre o sujeito e o objeto, conforme veremos no capítulo 3.

Ademais, aliada à técnica, foi a criatividade que ampliou ao infinito as possibilidades das combinações relativas às modificações corporais¹⁹, seja com a utilização dos elementos básicos como a tinta e o aço, assim como dos químicos, elétricos, térmicos ou magnéticos. Estas possibilidades criativas produzem novas sensações, até mesmo de maneira imediata para os *mutassomaxiados* que possuem implantes magnéticos, conforme eles relatam:

Eu tive minha primeira experiência sensorial 'incontrolável' com o implante. Eu estava na biblioteca verificando meu e-mail, e quando sai havia um portão antiroubo. Quando eu pisei na passagem eu senti meu implante oscilar; e bem perceptível. Minha reação inicial foi de surpresa, já que eu não estava conscientemente prestando atenção ao implante. Após a adrenalina inicial eu andei para trás e para frente através da porta de sensor; e é bastante interessante (DUARTE, 2015, p. 247).

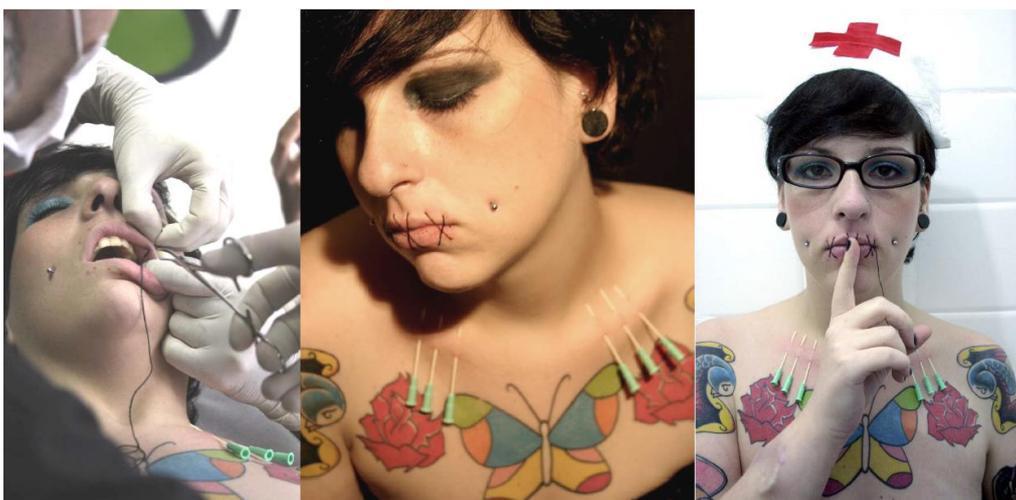
Coisas como cabos transformadores de alimentação, micro-ondas e ventiladores de laptops se tornaram interativos de uma forma totalmente nova. Cada objeto tem seu campo único, com diferentes forças e 'textura'. Eu comecei a parar meu dedo sobre quase tudo que podia, obtendo um sentimento de alcance invisível para cada objeto (DUARTE, 2015, p. 246).

Agora sou capaz de perceber campos magnéticos de forma não possível naturalmente (DUARTE, 2015, p. 255).

Todo este aparato técnico e procedimentos criativos são utilizados para se alcançar o principal elemento constitutivo da *modificação corporal extrema*: o choque. Esta sensação pode ser obtida através da reação das pessoas que: “[...] ficam espantadas ‘nossa, a orelha dele, nossa a tatuagem’” (ARAÚJO, 2015, p. 90). “Eu acho que elas podem ficar um pouquinho desconfortáveis, assim, sabe?” (LESSA, 2017, p. 74). Porém, o desconforto causado pelo choque é considerável, conforme observamos neste relato de uma pessoa que caminhava pelo parque: “Por que eu tenho que conviver com isso? Por que eu tenho que ver isso? Por que estão me obrigando a isso? A ter que conviver com esse tipo de gente aqui no Parque, local de encontros, descontração e prática de atividades físicas?” (GONÇALVES, 2014, p. 157).

19 Embora o corpo estabeleça uma limitação física, podemos afirmar que as possibilidades que envolvem as modificações corporais são infinitas, pelo fato destas serem desenvolvidas em conjunto com a criatividade, a qual é ilimitada. Entre as técnicas podemos citar: tatuagens, piercings, stretching (alargadores), implantes, bifurcação da língua, ear point, eyeball, nulificação, – e as escarificações que podem ser química, cutting, peeling ou skin removal, burning e branding. No apêndice I podemos observar estas técnicas através de imagens. Neste contexto, esclarecemos que a suspensão corporal – em que a pessoa é pendurada por ganchos inseridos na pele – não se enquadra na categoria das modificações corporais pela sua própria característica, mesmo porque, no relato dos *mutassomaxiados*, a suspensão corporal: “Técnicamente não é uma modificação, mas considerado um esporte radical” (SILVEIRA, 2010, p. 24).

Neste outro caso, uma vez que a *mutassomaxiada* teve a sua boca costurada conforme as imagens à frente, o autor relata no diário de campo que: “*Terminado o procedimento, entre os flashes e os olhares curiosos, a linha foi puxada, para selar sua boca. O resultado foi mostrado a todos/as. Dani circulou pela sala, visivelmente orgulhosa e vaidosa*” (BRAZ, 2006, p. 148). Ademais, eles próprios também se chocam ao olhar as modificações corporais extremas: “*Você sabe, quando eu vi Luna Cobra tatuando os olhos, eu disse para mim mesmo ‘Oh, meu Deus!’*” (DUARTE, 2015, p. 148).



Fotografias 5, 6 e 7: Boca costurada
Fonte: Andréa Lavezzaro (BRAZ, 2016, p. 147-151).
Data de acesso: 11/07/2019.

Compreendemos que o choque é uma sensação que transita entre o normal e o estranho, cuja delimitação não é estável, pois, ele se modifica associado às variações das dimensões de espaço e tempo. Aquilo que suscita o espanto no presente, tende a se tornar comum no futuro, e, de maneira análoga, temos o mesmo processo acerca dos centros urbanos mais desenvolvidos na relação com os menos desenvolvidos. Uma análise deste fenômeno nos aponta que se trata da expressão do avanço do capital, em que a sua expansão alcança os recônditos mais ínfimos, criando novos mercados e mercadorias. A apreensão deste movimento rumo ao interior é possível pelo fato da *modificação corporal extrema* ser um fenômeno recente, visto que o capital já se estabeleceu em toda parte. Assim, este objeto é a manifestação material da onda que se expande e reverbera, naturalizando o que não é natural, seja na expressão mais aparente das modificações corporais, seja na expressão mais essencial, na expropriação da vida.

Este processo acerca da naturalização capaz de tornar a desumanização e o estranho em algo comum e normal, emergiu nas entrevistas: “*Hoje o que ‘tá’ se fazendo muito que é um pouco estranho é tatuar rosto. Muita gente tá tatuando o rosto hoje, tá bizarro, mas daqui a 10 anos vai ser muito comum, você vai ver*” (DIAS, 2014, p. 71). Ademais, o movimento que retrata o desenvolvimento do capital rumo ao interior, envolvendo o passado e o futuro também surgiu nos relatos:

[...] eu toco numa banda, e a gente vai pra cidade do interior essas coisas, é engraçado porque o pessoal não tem tanto costume, então você sente aquele impacto visual quando você chega no lugar, todo mundo te olha assim (NOGUEIRA, 2015, p. 31-32).

Aí em...em noventa e... cinco, eu fiz uma outra viagem, onde eu trouxe também pro Brasil o branding. Não tinha o branding (BRAZ, 2006, p. 42).

[...] quando eu tinha um único piercing lá nos anos 90, tinha gente que passava por mim e se benzia. Ou tipo, eu estou dentro do ônibus, está cheio de lugar do meu lado e a pessoa evita sentar do meu lado. E era um piercing que eu tinha, gente! (ARAÚJO, 2015, p. 89).

Apreendemos o movimento deste processo nesta entrevista, a qual nos revela, para além do desenvolvimento espaço-temporal que ameniza o choque provocado pelas *modificações corporais extremas*, o interesse do próprio *mutassomaxiado* em atualizar o seu implante de chifres, retornando a sua aparência para o campo das modificações que produzem o espanto, o choque.

Em 2005 quando os coloquei era impossível passar despercebido, andar de metrô era uma loucura, hoje é tão normal que passa despercebido, como tem que ser. Ainda não pensei em nada de concreto para substituir os implantes, já pensei em colocar transdermal ou em até recolocar umas barras, mas nada certo (GONÇALVES, 2014, p. 144).

Ademais, a quantidade não é um elemento determinante da *modificação corporal extrema*, pois, por um lado, o indivíduo pode possuir várias alterações no corpo e não manifestar o choque, o espanto, conforme apreendemos neste relato: “*A minha irmã tem tatoo nas costas... Umás quatro ou cinco tatoo e tem piercing, mas ela é patricinha... Nada diferente, nem estranho*” (RIBEIRO, 2007, p. 134). Por outro lado, um único alargador pode carregar este potencial extremo e estranho, caso venha acompanhado do choque, sendo capaz de inquietar o observador, conforme percebemos na imagem à frente²⁰.

20 Nesta imagem o *mutassomaxiado* possui alargadores e piercings, porém, bastaria o alargador na bochecha para produzir a sensação de choque no observador. Ademais, a aparência do alemão Joel Migglar cumpre a sua função, lhe atribuindo visibilidade e fama, sendo conhecido como *Bodymoded Punky* (NANBU, 2015).



Fotografias 8 e 9: Alargador na bochecha.

Fonte: acervo www.virgula.com.br

Disponível em: <<http://www.virgula.com.br/album/modificacoes-corporais-insanas>>

Data de acesso em: 19/03/2020.

Diante deste contexto podemos compreender que é a radicalidade da *modificação corporal extrema* que possibilita uma intensificação da sensação, despertando a percepção. Um contexto determinado por uma realidade que debilita a percepção através da torrente de estímulos informacionais, assim como pela experiência empobrecida e pela perda dos elementos significativos da comunicação. Deste modo, é preciso que o choque seja cada vez mais intenso, cuja força potencializada vença esta condição débil de entorpecimento, suscitando o fascínio, o espanto; e o drástico seja capaz de estabelecer o almejado choque, conforme observamos nos relatos:

Tem algumas coisas que ainda quero fazer no rosto, meu rosto eu vou modificar praticamente inteiro, pretendo tatuar o olho todo de preto. Eu tinha muita vontade, mas não sei se vou fazer; que é colocar um alargador na bochecha de mais ou menos uns 30 milímetros de cada lado e fazer as pontas na orelha. A tatuagem no olho eu acho que no mundo inteiro tem cinco ou seis pessoas que tem isso (DUARTE, 2015, p. 167).

Pretendo, com certeza, eu quero botar essa aqui para mais alto e colocar no braço tipo uma coluna de tubarão sabe... Alta com uma bolinha no meio... Vários assim. Vai ficar bem estranho (RIBEIRO, 2007, p. 132).

Naturalmente este contexto que envolve o choque é complexo, um fruto que se desenvolve no movimento histórico, o qual produz alterações reducionistas significativas na percepção sensorial do homem contemporâneo. Como produto histórico, carrega e preserva os fundamentos materiais determinantes na produção da forma de vida nesta sociedade, portanto, ressaltamos que não são processos definitivos, mas transitórios.

Ademais, este tema em questão – o choque –, pode ser apreendido de maneira especial na sua aparência, comunicando uma imagem corporal espantosa capaz de despertar as percepções atrofiadas, e, ao mesmo tempo, empanturradas por estímulos intensos e constantes, o que nos convida a permanecer nesta esfera. Porém, o que buscamos não é algo que reside na superficialidade lenitiva e enganadora, mas que se contextualiza na história, nas relações de produção que envolvem as forças produtivas, em um determinado estágio de desenvolvimento. Desta forma o choque sintetiza a perda da experiência, a presentificação, a vida acelerada, a preponderância da imagem e da informação na sociedade da sensação (TÜRCKE, 2010).

Diante de todo este contexto, podemos compreender que a *modificação corporal extrema* expressa nela mesma este movimento de perdas humanas como síntese histórica, se mantendo contraditória, ao mesmo tempo em que nos revela – para além da sua aparência estranha –, uma manifestação de resgate disso que se perdeu, da sua condição de sujeito. Esta é a importância do passado que ressoa no presente, em que o americanismo e a acumulação flexível são os representantes constitutivos de um modo de vida que nos alcança. Uma realidade que produz o homem-objeto, o trabalho assalariado como ingrediente, a perda da experiência, a comunicação convertida em des-informação, alterando a natureza temporal e espacial com a aceleração e presentificação da vida, criando uma aparente liberdade e autonomia; as condições necessárias para o desenvolvimento do individualismo.

É importante não perdermos de vista que o modo de vida apartada do outro não é uma decisão, uma escolha do indivíduo, mas é a realidade que se produz sob a lógica da propriedade privada, produzindo a ruptura sujeito-objeto. Compreendemos que a síntese histórica que perpassamos dialoga com o objeto investigado, no ponto em que a realidade individualizada e fetichizada cria necessidades e desejos, como o choque. Assim, a *modificação corporal extrema* como manifestação deste processo, por um lado, expressa a limitação histórica a que estamos submetidos, a pobreza de experiência e a perda do outro, impedindo a condição ontológica do ser social, por outro lado, também expressa o esforço do *mutassomaxiado* para resgatar a sua história, a parcela de humanidade perdida, mediado pela aparência corporal estranha, como uma tentativa em que a modificação de forma extrema potencialize a busca pela humanidade expropriada, lhe devolvendo a sensação do protagonismo de sujeito frente ao objeto.

CAPÍTULO 3

O PROTESTO COMO NECESSIDADE E A MERCADORIA COMO MEDIAÇÃO

Todo este contexto histórico que desenvolvemos até este ponto, possui o propósito de iluminar o processo que tensiona a perda da humanidade, dialogando e constituindo a *modificação corporal extrema*, nos revelando a condição de vida do indivíduo contemporâneo. Uma condição complexa e fantasmagórica, pois, é no palco da história que a atomização do indivíduo expressa o triunfo da propriedade privada, cuja limitação, afastamento e empobrecimento do sujeito se revestem de liberdade, realização e completude.

Este enigma instiga a nossa investigação para compreender esta nova forma de vida urbano-industrial, cuja criatura afirma uma realização que não se realiza. A racionalidade instrumental contribui para que a limitação humana seja percebida como liberdade e autonomia, através do aumento no consumo e da melhoria no nível de vida, que se confirmam na lógica funcional e utilitária desta sociedade. Contudo, este movimento se desenvolve com o fetiche da mercadoria, da novidade superficial e impessoal, revelando a falsidade desta realização que encontrou a sua expressão no movimento contra-cultural denominado a Grande Recusa.

Este processo foi fundamental para a constituição da *modificação corporal extrema*, seja como protesto ou como uma estratégia de sobrevivência, uma vez que aparência estranha busca resgatar o outro coisificado em um movimento narcísico. Como uma determinação desta particularidade histórica, as relações humanas são organizadas pela lei das trocas, engendrando a contradição constitutiva desta sociedade,

da qual o objeto investigado não é imune, visto que, a *modificação corporal extrema* é uma mercadoria.

Entretanto, é uma mercadoria singular, pois, denuncia a desumanização, tenciona as perdas e limitações sofridas, especialmente aquelas produzidas pelo capital que tornam os homens estranhos entre si, alcançando o limite do estranhamento e negação ao humano. Almejando desenvolver o nosso diálogo com o objeto, perpassaremos por estes temas, ou seja, a violência social produzida pela violência da privação, potencializando a tensão do protesto, o qual se manifesta, contraditoriamente, pela mercadoria, conduzindo a reações narcisistas como forma de sobrevivência. Partimos do processo que produz um sujeito para o objeto, apreendendo as contribuições do tema racionalidade instrumental para ampliar e aprofundar este diálogo.

3.1 - A produção do sujeito para o objeto

Seguindo nosso itinerário, perseguimos uma compreensão acerca do processo que – através da *modificação corporal extrema* –, o *mutassomaxiado* afirma alcançar a realização e a felicidade, nas suas palavras: “*Sinto-me realizado cá dentro... é algo que mexe com a tua auto-estima e ego e que te faz feliz*” [sic!] (RODRIGUES, 2015, p. 257). Assim, conservando os fundamentos que produzem a realidade na forma de organização social burguesa, investigaremos a princípio, como a racionalidade instrumental colabora para sustentar os mecanismos que desenvolvem esta aparente realização declarada.

3.1.1 - Racionalidade instrumental e sociedade unidimensional

Neste contexto apreendemos a afirmação da realidade tal qual ela se apresenta na aparência, ou seja, as mediações e os processos são desconsiderados, produzindo um reducionismo histórico na própria apreensão da realidade. É a lógica da

ciência positivista que engendra esta racionalidade, um método que deriva das ciências naturais, da causalidade, cujos efeitos podem ser previstos e confirmados. Esta concepção lógica prescinde do seu par histórico, derivando que a empiria e o imediato sejam considerados os únicos critérios de verdade. Assim, entendemos que se trata de um mecanismo paranoico em que toda conduta que não se adequar às suas exigências não é válida, desqualificando tudo aquilo que não cumprir os seus procedimentos predeterminados.

A importância deste processo consiste justamente no desenvolvimento da instrumentalização da razão, ou seja, por um lado, nega-se as possibilidades históricas e críticas frente ao aparato capitalista, as quais são consideradas disfunções improdutivas que não edificam o progresso, por outro lado, afirma-se os interesses particulares dotados de eficiência e sensatez, pelo fato destes responderem de maneira imediata à lógica funcional e útil, os pilares desta racionalidade. Neste sentido, “[...] o aparato ao qual o indivíduo deve ajustar-se e adaptar-se é tão racional que o protesto e a libertação parecem, além de inúteis, absolutamente irracionais” (MARCUSE, 1999b, p. 82).

O avanço dos dispositivos tecnológicos e a automatização desempenham papéis fundamentais neste movimento histórico, desenvolvendo a relação original entre o trabalho vivo e o trabalho morto apresentado por Marx. Agora, a máquina automática – como representante do processo produtivo e da necessária produtividade –, assume a substância humana, determina o ritmo do trabalho e a sua personificação, detendo mais poder e tornando o indivíduo um mero instrumento, cada vez mais dispensável.

Diante deste contexto, o ser humano perde a sua humanidade e encontra a sua perdição na sua condição de aparelho, o qual pode ser substituído por outro do mesmo tipo, que realiza as mesmas operações racionalmente padronizadas. Ademais, esta racionalidade conduz o homem a agir como “[...] alguém que aprendeu a transferir toda a sua espontaneidade subjetiva à maquinaria que serve, a subordinar sua vida à ‘factualidade’ (*‘matter-of-factness’*) de um mundo em que a máquina é o fator e ele o instrumento” (MARCUSE, 1999b, p. 77-78).

Este processo explicita o reducionismo imposto à razão, ao se subordinar às determinações da particularidade histórica que limita as faculdades do homem. Ela é a dimensão especificamente humana que nos permite explorar e desenvolver experiências, nos diferenciando dos animais e nos possibilitando projetar ações idealmente, de forma

consciente, de acordo com a vontade, com liberdade e independência frente às necessidades imediatas. Contudo, sob as leis mercadológicas a razão se irracionaliza, deixando de exercer a sua atribuição ontológica fundamental na elaboração das potencialidades humanas (MARCUSE, 1973; MARX, 1983).

A origem deste processo que se universaliza reside na subordinação do homem ao objeto anunciada por Marx, em que o mundo das coisas passou a deter a humanidade, se organizando pela propriedade privada, engendrando a contradição capital-trabalho como categoria constitutiva desta sociedade. Portanto, não se trata de alterar o eixo de análise para a razão, mesmo porque a história não é produzida no pensamento, mas sim, trata-se de apreender qual é a razão que está sendo produzida nesta realidade capitalista.

Assim, compreendemos que a racionalidade instrumental é uma expressão da submissão do homem ao objeto, fortalecendo suas raízes no ponto em que a lógica funcional e utilitária da esfera produtiva beneficia o indivíduo, elevando a sua qualidade de vida, promovendo mais conforto e segurança. Este processo aprofunda o obscurecimento dos elementos essenciais que continuam vivos e ativos na realidade, em detrimento da falsa aparência manifesta, os quais podem ser apreendidos na igualdade abstrata entre os homens, que significa a verdadeira desigualdade concreta, ou seja:

Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão aparentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecido é compartilhada pela população subjacente [*sic!*] (MARCUSE, 1973, p. 29).

Conforme o autor nos alerta, este processo *não indica o desaparecimento de classes*, porém, é um processo que comunica um suposto nivelamento social na satisfação das necessidades, uma vez que as pessoas de diferentes classes consomem os mesmos produtos. Este movimento é importante, pois, tal planificação colabora para aparentemente esmaecer a contradição estrutural capital-trabalho concernente à sociedade burguesa, conduzindo à sensação ilusória da liberdade e da igualdade universais.

Neste processo as mediações são desconsideradas, produzindo um empobrecimento inimaginável na constituição do sujeito, uma vez que os homens

passam a perceber o mundo a partir de uma concepção integrada, unidimensional, a qual coopera para a manutenção do existente. É incontestável que o esmaecimento da contradição capital-trabalho seja apenas aparente – porquanto a história nos explicita que a exploração privada da vida acirra a condição de miséria humana, fundamentada nesta contradição –, contudo, também é notório que este processo altera a sociabilidade e a constituição do sujeito. Desta forma:

Surge assim um padrão de pensamento e de comportamento unidimensionais no qual as idéias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo [*sic!*] (MARCUSE, 1973, p. 32).

Diante deste contexto compreendemos que a condição de vida do sujeito contemporâneo sofre um reducionismo histórico, pois, os seus pensamentos e comportamentos: “São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa” (MARCUSE, 1973, p. 32), contribuindo para a perda da dimensão qualitativa, a qual é desprezada por esta racionalidade irracionalizada. Assim, por um lado, o universo constitutivo do sujeito se fecha e se limita, sendo esquadrihado pela lógica produtivista, por outro lado, esta mesma realidade se apresenta com a aparente prosperidade, conduzindo os indivíduos a viverem tal qual o aparato, levando: “As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casas em patamares, utensílios de cozinha” (IBID, p. 29).

Neste modo de produção, as mercadorias fabricadas industrialmente tendem a reduzir os seus preços, facilitando o acesso e colaborando para que cada vez mais pessoas tenham a possibilidade de satisfazer as suas ‘necessidades’. É este o processo em que a promessa de realização aparentemente amplia a liberdade e a autonomia, se fundamentando no ganho proporcionado pela racionalidade funcional que se manifesta no imediato, através do aumento do nível de vida que, supostamente, pode ser alcançado por todos (MARCUSE, 1998).

Assim, justamente o aparente aumento do nível de vida e a liberdade imediata expressam o valor funcional e utilitário desta racionalidade, contribuindo para que a pessoa que realiza a *modificação corporal extrema* manifeste a sua felicidade e realização, seu orgulho e fascínio por escolhas supostamente independentes, conforme observamos nestas entrevistas:

É a definição e manifestação do que sou... orgulho-me de ser assim (...) na vida temos todos de fazer escolhas e seguir vários caminhos... este foi o que decidi seguir... penso que serei sempre feliz com a minha escolha que começou há vários anos atrás e que ainda hoje me fascina (RODRIGUES, 2015, p. 282).

Eu acho massa, você usa seu corpo pra isso, é uma forma de se realizar (MANGUINHO, 2012, p. 125).

[...] é uma coisa que me deixa feliz, que eu tenho prazer em fazer apesar da dor; acredito que isso influencia em todo o restante da minha vida né, porque quando a gente “tá” satisfeito com o nosso corpo, com a nossa cabeça o restante, o que tá em torno também fica muito melhor (NOGUEIRA, 2015, p. 33-34).

3.1.2 – A consciência feliz de uma realização que não se realiza

Entretanto, apreendemos uma contradição neste processo, pois, os *mutassomaxiados* também afirmam a sua intenção em fazer mais modificações corporais, ou seja: “[...] hoje em dia a única modificação que eu faço é a *tattoo* e pretendo continuar até eu fechar o meu corpo inteiro” (NOGUEIRA, 2015, p. 32). Desta forma compreendemos que a realização não se realiza verdadeiramente, mas apenas como simulacro, conduzindo o indivíduo à produção de novas modificações de maneira contínua²¹.

Este fenômeno não nos surpreende, pois, o processo constitutivo do sujeito histórico nos revela que os seres humanos são seres sociais e incompletos, cuja

21 Este fenômeno nos revela outros desdobramentos que contextualizaremos adiante, porém, destacamos que esta contradição também se manifesta na entrevista do mesmo indivíduo, no ponto em que ele afirma a sua realização ‘preenchendo as suas necessidades’, ou seja: “*Pensa que massa, você preencher através da modificação corporal as suas necessidades políticas, filosóficas, morais, éticas e estéticas, né*” (NASCIMENTO, 2015, p. 257). Bem como relata a sua intenção acerca de outras modificações corporais: “*Eu quero muito fazer o earpoint, que as pessoas chamam de orelha de elfo [...] Eu quero muito também tatuar meu olho. Quero tatuar os meus olhos de preto*” (NASCIMENTO, 2015, p. 250). Ademais, ele próprio já possui diversas modificações, certificando a nossa compreensão em que a realização não ocorre de fato: “*Eu tenho os piercings nas orelhas. Tenho piercing no nariz. Tenho piercing no lábio. Tenho piercing no mamilo. E tenho alguns piercings, bom, na verdade, a maioria, estão ganhando tamanhos maiores, então são alargadores bem dizer. Tenho piercing no umbigo e tenho piercing genital. [...] O genital é o Prince Albert. Ele tá alargadinho, mas vou alargar mais ainda. Não vejo a hora. Eu uso uma jóia de 4mm. E tenho dois piercings escrotal. Mas esses não estão alargados, são de 1.6mm. Quando eu tinha feito um só eu alarguei 3mm, daí eu tirei e coloquei esses dois de 1.6mm. Além disso eu tenho a língua bifurcada. [...] Daí eu tenho as tatuagens, eu tenho as tatuagens nos braços, no peito, próximo das virilhas, nas pernas, nas costas eu não tenho. Daí tem as escarificações. Tenho escarificação com branding nas costas. [...] Além das escarificações eu tenho implantes. Tenho três esferas, três meia esfera de teflon, mas esse ano pretendo mudar e colocar silicone*” (NASCIMENTO, 2015, p. 249-250).

completude se busca desde o primeiro ato histórico. Ademais, na sociedade capitalista a possibilidade de realização ainda se distancia, uma vez que a vida é produzida pelo trabalho alienado. A importância deste contexto reside no fato dele nos propiciar a compreensão do mecanismo em que o indivíduo desfruta da *sua* felicidade, porém, apenas no reino das formas aparentes e conteúdos efêmeros, lhe sustentando diante da real miséria, a qual tende a se manter enquanto durarem as mediações que engendram as relações de exploração da vida humana.

Este fenômeno dialoga com o processo denominado *euforia na infelicidade*, uma vivência que se resume a um pulsar positivo, uma euforia que não possui base sólida e não se sustenta, uma vez que a vida se edifica sobre a real infelicidade, sobre o trabalho forçado. Assim, apreendemos algumas modificações na sociabilidade, alterando a forma de se relacionar, de se perceber o mundo e de se constituir por uma afirmatividade empírica. “O resultado é a atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica, prevalece a *Consciência Feliz*” (MARCUSE, 1973, p. 88).

Todo este contexto nos auxilia significativamente na compreensão deste processo, em que o indivíduo tem a sua vida expropriada, vivenciando a miséria e a limitação, mas afirmando a felicidade e a realização, ou seja, na verdade, ele está *impedido de perceber as contradições*. Esta condição de vida é produzida pela realidade que se produz de modo oculto, escondendo as mediações fundamentais constitutivas da história. Ademais, destacamos que este apontamento do autor nos revela que a contradição se mantém, sustentando a tensão acerca da apropriação privada da humanidade do trabalhador pela classe burguesa.

Neste breve percurso apreendemos um movimento histórico que individualiza e isola o sujeito, cujas relações possibilitam articulações mais flexíveis e fluidas, propiciando a sensação de que ele está mais livre, realizando seus desejos de maneira independente. Porém, uma análise lógica e histórica nos revela a verdade, ou seja: “O indivíduo paga com o sacrifício do seu tempo, de sua consciência, de seus sonhos; a civilização paga com o sacrifício de suas próprias promessas de liberdade, justiça e paz para todos” (MARCUSE, 1999a, p. 99).

3.1.3 – A forma mercadoria universal: *acho interessante me servir de tela*

Considerando que a sociedade burguesa é regida pelas trocas mercantis, o alcance desta forma de organização é totalitário, despertando o potencial de exploração adormecido – seja nos próprios homens ou no mundo dos objetos. Segundo Isaiah Berlin (1991, p. 193): “Marx demonstrou extraordinária capacidade de previsão ao identificar a principal tendência em operação – a concentração e a centralização da empresa capitalista –, a inexorável tendência à ampliação dos grandes conglomerados”. Ou seja, o capital se expande e se concentra, um movimento que tende a converter tudo em objetos para troca, os quais assumem a forma mercadoria.

A importância do resgate deste processo encontra-se no seu diálogo com o fetiche, pois, partindo do fundamento em que os homens vêm ao mundo como portadores de necessidades, estas são – a princípio –, satisfeitas mediadas pela mercadoria. Neste contexto, destacamos o movimento em que o trabalho adquire as características do trabalho alienado, o qual se esconde no objeto atribuindo-lhe vida e preponderância sobre os homens, a dignidade do autêntico sujeito em que a criatura domina o criador, instituindo o desconhecimento acerca das objetivações humanas.

Ademais, são as mercadorias fetichizadas que produzem novas necessidades e desejos, estabelecendo também a forma em que estas necessidades serão satisfeitas, ou seja: “A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come por meio de uma faca ou de um garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua com ajuda das mãos, unhas e dentes” (MARX, 2008, p. 250). Para além da determinação acerca da forma do consumo constituindo um processo educativo, revela-se também a criação dos consumidores determinados na esfera produtiva.

A produção não produz, pois, unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, produz objetiva e subjetivamente. A produção cria, pois, os consumidores. [...] O objeto de arte, e analogamente qualquer outro produto, cria um público sensível à arte e apto para gozar da beleza. De modo que a produção não somente produz um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto (MARX, 2008, p. 250).

Diante deste contexto, apreendemos a determinação da realidade material, em que, a esfera produtiva não apenas cria o consumidor, mas também estabelece as suas necessidades e a forma do consumo, ou seja, *produz um sujeito para o objeto*. Luz e Sabino (2006, p. 255) dialogam com este processo no âmbito das modificações

corporais, afirmando que: “Quando pensa escolher seu desenho (seja ele qual for), o indivíduo é ‘escolhido’ por todo um conjunto de representações e práticas, estruturas subjetivas e objetivas reproduzidas pelo estilo de vida que articula e imita”.

Observamos justamente este processo na entrevista do profissional que atua com a *modificação corporal extrema*, nos esclarecendo que o protagonismo que o *mutassomaxiado* exerce é apenas aparente, porquanto, são as marcas que detêm o estilo e escolhem seus indivíduos, posicionando-os nas categorias sociais constituídas. “*Geralmente as pessoas mais do hardcore gostam de coisas assim procuram tradicional, os caras que já é mais mafioso, boyzão prefere tatuagem japonesa entendeu? Outros preferem umas tattoo tipo de cadeia, punk*” [sic!] (NOGUEIRA, 2015, p. 34).

Orientado pelo mundo objetivo que detém a humanidade objetivada, este movimento que envolve o estilo de vida colabora para fundamentar os grupos de pertença, conforme observamos nestas entrevistas:

[...] existe sempre algo que nos aproxima... mesmo quando não nos conhecemos, [...] porque é o mesmo estilo de vida, você acaba pensando da mesma maneira, tendo ideias muito parecidas (RODRIGUES, 2015, p. 227).

No grupo de amigos com quem convivo, quase todo mundo tem bastante tatoos, de uma certa forma isso é uma forma de identificação, né [sic!] (LOECK, 2010, p. 43).

Ademais, a relação indivíduo-grupo é interdependente, pois, o indivíduo incorpora as características e os valores do seu grupo de pertença, mas ele também colabora de maneira significativa para a constituição do grupo. Assim, o *mutassomaxiado* se refere às modificações que vão para além das corporais e alteram o seu comportamento:

Tu começa a andar com pessoas diferentes, tu começa a gostar de coisas diferentes. [...] Na tua musicalidade, tu começa a escutar outras coisas [...] tu não vai ir numa festa de pagode [...] tu entra nesse mundo e tu se torna outra pessoa, [...] não tem como evitar [sic!] (LOECK, 2010, p. 63).

Neste contexto, observamos a profundidade em que este processo constitutivo do sujeito dialoga com a conversão do homem em objeto, no momento em que o indivíduo que realiza a *modificação corporal extrema* se assume como objeto do objeto, pois: “*Prá mim, tatuagem é uma pintura, então, eu acho interessante me servir de tela*” (LESSA, 2017, p. 20).

Estas manifestações explicitam a condição de submissão do homem ao mundo das coisas, bem como a produção de um sujeito para o objeto. Um processo que carrega em si uma espécie de jogo de sedução, em que os produtos comercializados são revestidos com características atraentes e que encantam o consumidor, pelo fato destas impregnarem na sua aparência o principal elemento, a promessa de realização²². Este é o processo relativo ao que: “[...] Marx observou certa vez que as mercadorias lançam seus olhares amorosos aos possíveis compradores” (HAUG, 1985, p. 128).

Ressaltamos que este processo não se refere ao deslocamento da análise para o consumo de modo independente, mas sim, trata-se de captar o seu desenvolvimento, captando no consumidor as manifestações que a produção produz. Este contexto se refere justamente àquele em que, “[...] todos os objetivos humanos – seja até mesmo a própria vida, nua e crua – valem para o sistema só como pretexto e como meio [...] todos os esforços de vida, os anseios, as pulsões, as esperanças são somente possibilidades exploráveis” (HAUG, 1985, p. 135).

Assim, considerando que a produção produz um sujeito para o objeto, determinando seus desejos e necessidades, novas necessidades são criadas, ou melhor, inventadas. Compreendemos que neste movimento, a princípio, o supérfluo era dispensável, porém, uma vez acessível este se tornou um elemento de uso contínuo, cuja rotina não mais permite a realização do necessário sem a sua utilização. Este mecanismo engenhosamente converte as bugigangas em precisão, em necessidades verdadeiras²³.

Nas palavras do autor:

Em primeiro lugar possibilita-se que as pessoas façam o necessário; mas depois isto torna-se difícil se as coisas não forem facilitadas e o necessário não poderá ser realizado sem a compra de mercadorias. Daí, o necessário já

22 Contudo, essas promessas e vinculações não são percebidas, conforme observamos na pesquisa realizada por Severiano (2007, p. 349), em que, “[...] a maioria dos participantes nega a influência da marca em suas práticas de consumo [...] entretanto, nesse mesmo grupo, observou-se em um outro momento das discussões pronunciamentos de inquestionável identificação com determinadas marcas: [depoimento] ‘A *Qualy* mostra o futuro, um bom futuro para as pessoas (imagem de família ideal). Pelo menos comigo é assim, eu fico com muito medo do que vai ser o meu futuro’”. Neste outro recorte a autora expõe: “[depoimento] ‘se um cara da minha idade está comprando e ele está se mostrando feliz, pô... eu também quero ser feliz. Eu quero aquilo para mim também, porque todo mundo quer ser bonito’. Ou seja, se o outro que é semelhante a ele, é feliz, completo, belo, então o elo que falta entre ele e o modelo é *este* objeto de consumo: [depoimento] ‘será que eu não sou bonito porque eu não estou bebendo Coca-Cola?’ A Identificação idealizada, no consumo, é, nesse depoimento nitidamente explicitada” (SEVERIANO, 2007, p. 288-289).

23 O autor utiliza a imagem do automóvel para se referir a este processo, confirmando que a conversão do supérfluo em necessidade produz outras dificuldades, ou seja: “O carro particular – quando se abandona os transportes públicos – não destrói menos as cidades do que as bombas e cria as distâncias, que sem ele não podem ser mais superadas” (HAUG, 1985, p. 140).

não pode mais ser diferenciado ao desnecessário, o qual já não se pode mais desistir (HAUG, 1985, p. 139).

Neste processo as falsas necessidades aparecem como necessidades verdadeiras, abrindo caminho para que a criação das novidades encontre espaço para fincar suas raízes. Apreendemos a manifestação deste movimento nesta entrevista, assumindo a direção de um modo de vida, conforme o *mutassomaxiado* relata: “[...] por que eu modifico meu corpo? É isso, é o modo como eu vivo, como eu sei para viver e no momento não sei viver de outra forma, se não for modificando meu corpo” (NASCIMENTO, 2015, p. 256).

Considerando que o contexto em causa é histórico, pelo qual objetivamos analisar os processos e mediações, o consumo tratado aqui se refere aos engenhos e fantasmagorias que se escondem nestas relações. Ademais: “Na medida em que a aparência, através da qual a mercadoria se apresenta, *interpreta os seres humanos*, ela o provê com uma linguagem de interpretação de si mesmo e do mundo” (HAUG, 1985, p. 138, grifo nosso). Ou seja, a aparência *interpreta os seres humanos*, trazendo à superfície o seu desejo, o seu íntimo, a falta que se refere às relações sociais rompidas na realidade e que lhe constituem.

Desta forma, a sociedade do capital reduz o homem à condição de objeto, frágil e carente, oferecendo o mundo das mercadorias com a falsa possibilidade de realização, entretanto: “Ela satisfaz somente com a aparência, torna o indivíduo mais faminto do que saciado” (HAUG, 1985, p. 142). Este movimento contribui para a reprodução social, uma vez que o sujeito não se realiza, a falta se mantém, a qual poderá ser supostamente alcançada através de uma nova promessa.

3.2 – As faces do protesto

Seguindo com o desenvolvimento temático, nos localizamos na segunda metade do século XX, em que a produtividade atingiu níveis elevados, através do aperfeiçoamento da esteira fordista com mecanismos mais flexíveis e funcionais, rentáveis e utilitários, incrementando o consumo e facilitando o acesso aos bens produzidos. Este movimento foi impulsionado pela evolução tecnológica e

informacional, como a globalização e as comunicações via satélite, possibilitando a formação de uma rede de informações mundial e instantânea, colaborando para que o consumo atendesse à produtividade aumentada.

Uma vez que este processo não tornou o capital imune às crises, a própria história apontou o nosso percurso teórico, perpassando pela Grande Recusa, pelos movimentos de protesto que adquiriram expressão através do corpo – como o *hippie*, o *punk*, o *body art* e o *body primitive*. Aprofundando a análise desta conjuntura apreendida, dialogamos com a violência social e a violência privação, o estranhamento e a negação ao humano.

3.2.1 - A Grande Recusa

Inicialmente todo este contexto produziu o estereótipo de felicidade expressado pelo padrão americano, especialmente aquele difundido pelo cinema hollywoodiano, e como estereótipo, ele não possui lastro material, mas apenas na ideia. Exposta às forças históricas, esta falsa aparência destituída de bases sólidas sucumbiu, produzindo uma atmosfera de revolta que se generalizou.

Conforme MUGGIATI (1985, p. 38) nos afirma, “[...] como sempre a música acompanha o movimento”, recorreremos ao recorte que se refere à história do rock, o qual colabora com a nossa compreensão acerca deste movimento histórico. Se por um lado: “Os Beatles e os Stones surgiram num momento em que a classe operária estava em ascensão” por outro lado, em pouco tempo este panorama mudou, pois, “[...] dez anos depois, os punks encontravam o país na recessão e vieram fazer eco à raiva e à frustração de uma juventude sem perspectivas, chegando por isso a ser chamados de ‘roqueiros na fila dos desempregados’” (IBID, p. 70).

Esta mudança contextual que polarizou a ascensão e a recessão, produziu uma instabilidade que fez emergir alguns temas essenciais, os quais se desenvolvem na relação entre a estrutura e o sujeito, a sociedade e o indivíduo, especialmente temas que envolvem as condições de vida nas diferentes nações, como a angústia e a impotência humana frente a tal polarização. Esta condição de vida se manifesta no indivíduo, ou

seja, “[...] não há volume de símbolos de *status* capaz de aliviar sua angústia de *status*, não há símbolos de poder capazes de obscurecer sua impotência para efetuar mudanças reais, não há produtos de beleza capazes de superar seu medo de envelhecimento e da morte” (GABRIEL, 1988, p. 318).

Estes temas e instabilidades colaboraram para colocar a organização e o funcionamento sociedade na pauta principal das discussões, em que a realidade material revelou, até certo ponto, a condição de precariedade e de limitação vivida pelo indivíduo. Assim, era possível vislumbrar o embrião de um movimento que iria se desenvolver, gestado e alimentado pelo desejo coletivo por uma transformação social, por uma sociedade superior, envolvendo principalmente os grupos estudantis e constituindo a Grande Recusa²⁴, em que: “O movimento juvenil protestatário rejeita as normas e exigências da sociedade consumista. Os jovens desejam agora, na medida que isso é possível, decidir por si mesmos [*sic!*]” (MARCUSE, 1979b, p. 67).

Desta forma o *movimento protestatário* foi se consolidando, sustentado pela forma de organização estabelecida pela própria sociedade, que privilegia alguns em detrimento de muitos. Segundo Marcuse (1979a, p. 9, grifo nosso): “Primeiro registrou-se um movimento na Universidade de Berkeley a favor da *liberdade de expressão*; [...]” concomitante a outra manifestação nos Estados Unidos, em que “[...] produziu-se um movimento a favor dos *direitos civis*. Creio que estes dois fatos constituem as principais fontes do movimento juvenil no princípio da década de 60” (IBID). Entretanto, ampliando o nosso olhar acerca do fenômeno relativo aos protestos e à revolta, compreendemos que:

Ela se originou da percepção de que os direitos humanos – referentes aos seres humanos como especificamente humanos, ou seja, como indivíduos que possuem vontades, sentimentos, crenças, ideais e modos de viver próprios – foram esquecidos em meio aos cálculos ‘globais’ e as vastas extrapolações que orientam os planos dos estrategistas e executivos responsáveis pelas gigantescas operações empreendidas por governos, corporações e elites inter-relacionadas (BERLIN, 1991, p. 204).

24 É importante ressaltar que a Grande Recusa não é um movimento revolucionário, mas se consolidou como contra-cultural, um protesto em âmbito mundial, atuando especialmente nas esferas política, cultural e moral. A sua principal bandeira foi contra o consumismo, mas o movimento também se voltou contra a burocracia e a desigualdade social, sobretudo na polarização entre a concentração de renda e a pobreza, neste sentido: “O ano de 1968 ficou conhecido como o ano da ‘Grande Recusa’: recusa aos partidos oficiais, ao comunismo burocrático e ao consumismo capitalista, recusa e exigência de transformação de valores” (BRANDÃO; DUARTE, 1990, p. 57).

Neste sentido, uma vez que este processo de oposição ao sistema social alcançava altos níveis de tensão, o movimento estudantil foi se confirmando como o seu porta-voz, especialmente, “[...] quando eles compreenderam o papel que a sociedade lhes atribuía: serem agentes ilustrados de um acúmulo de injustiça e crimes” (CARANDELL, 1979, p. 130). Nesta organização, os estudantes seriam reduzidos a meros servidores do sistema, pois:

Em outros séculos a universidade havia sido o centro do saber total. Embora o desenvolvimento do capitalismo acarretasse o aumento do número de universitários, o Sistema está interessado em criar especialistas por dois motivos: a) porque precisa deles para o seu desenvolvimento industrial crescente, cada vez mais complexo, e b) porque com a especialização impede que os estudantes possam conceber uma imagem de conjunto do Sistema e, assim, descobrir as bases do respectivo funcionamento (CARANDELL, 1979, p. 130-131).

Este foi o estopim para que as manifestações estudantis eclodissem e se convertessem em um movimento mundial, protestando contra a exploração intelectual e manual do trabalho, assim como pela falta de liberdade. Ademais, a questão fundamental reside em uma dupla submissão ao sistema, ou seja, por um lado, “[...] um número cada vez maior de jovens vê seu futuro como um processo de adaptação a um programa cientificamente bem estruturado” (BERLIN, 1991, p. 204-205); por outro lado, para a ciência: “No entanto, é um fato que esta se converteu em um instrumento de destruição e de domínio, mas não em razão da lógica que lhe é inerente, antes por causa da servidão da ciência perante os interesses das classes dominantes” (MARCUSE, 1979a, p. 17).

Assim, como mais um desenvolvimento, o indivíduo e a ciência sofreram um reducionismo histórico, acirrando a instrumentalização, cujas funções se fragmentam e se isolam, sendo sujeitados à adaptação e à servidão ao sistema socioprodutivo. Neste sentido, os grandes festivais musicais cruzaram o caminho do movimento de protestos, expressando o desejo de união universal e de superação desta condição. Neste caminho, as manifestações artísticas e as mobilizações oposicionistas uniram suas forças, uma vez que: “Os textos das canções serviram para explicitar o que a música simbolizava: o protesto contra o Sistema, a união da juventude, os anseios de união cósmica” (CARANDELL, 1979, p. 98).

Diante de todo este contexto, o que estava explícito era a urgente necessidade de humanização, de combate à pobreza nos seus diversos matizes –

especialmente no terceiro mundo –, uma tarefa que esta forma de organização social não conseguiu realizar sob o princípio fundamental da concentração de capital. Esta conjuntura se manifestou pela desigualdade socioeconômica, cuja disparidade confirmou o fracasso desta sociedade, pois, “[...] o contraste social é especialmente agudo: por um lado, o luxo e o conforto das elites; por outro, a miséria e a pobreza derivadas das condições de vida dos trabalhadores emigrados e dos assalariados” (MARCUSE, 1979a, p. 12).

Este quadro formado pela *miséria e pela pobreza derivadas das condições de vida*, por um lado, explicita em si os motivos específicos acerca do movimento de protesto juvenil, por outro lado, ele abre o caminho para uma investigação mais ampla e profunda do fenômeno em causa. Assim, este quadro revela uma universalidade subordinada à particularidade que destitui a humanidade da vida humana, pois, nas suas manifestações: “Eles exigem o reconhecimento de sua dignidade como seres humanos. Não desejam ser reduzidos a mero material humano, fichas de um jogo jogado por outros” (BERLIN, 1991, p. 205).

Está claro que neste jogo as cartas são marcadas e dirigidas, cada qual com seu valor e seu destino, o que conduz à compreensão de que a vida é vivida e percebida como uma vida tola, sem perspectivas, ou seja, aparentemente não há saída. Esta condição produz o que Christoph Türcke (2001) denominou de *tédio diante da política*, como um reconhecimento que as relações estão pré-determinadas, uma vez que as cartas estão marcadas e o resultado estabelecido, e enfadonhamente a situação se mantém e se reproduz.

A reação acerca desta condição de vida que engana e coage não poderia ser outra, visto que, “[...] a idéia de uma sociedade mais humana, mais livre só é percebida como ‘papo furado’, a recusa de participar da ordem existente vaga errática e fantasmagoricamente como uma espécie de forma de expressão de vida próprias [*sic!*]” (TÜRCKE, 2001, p. 114). Tal reação expressa uma decepção social, um desinteresse pelo diálogo, uma cisão política. Como saldo: “Aos jovens resta o desânimo, o enfurecimento ou o desespero [...] Uma revolta irrompe por todos os níveis” (BERLIN, 1991, p. 205).

Justamente este saldo foi imprescindível para a irrupção de outro movimento jovem fundamentado pelo protesto e pela negação radical à sociedade do

capital, o movimento *punk*. Contudo, como estamos acompanhando, a própria realidade material apontava para a saturação da conjuntura social, refletindo na formação deste agrupamento e indicando outras tendências como características mais desenvolvidas, entre estas a violência²⁵. “O punk veio para ficar, enquanto as sociedades industriais modernas continuarem gerando tédio e frustração. [...] Calças negras decoradas com correntes e zíperes, camisetas negras com inscrições como CAOS, DESTRUA e NÃO HÁ FUTURO” (MUGGIATI, 1985, p. 76).

3.2.2 - Marcas corporais: os legados *hippie*, *punk*, *body art* e *body primitive*

Dialogando com este processo, apreendemos o desenvolvimento de outros movimentos representativos dos jovens, como o *beat* nos Estados Unidos e o *provo* na Europa, os quais se posicionavam de maneira negativa frente à sociedade capitalista. Entretanto, o movimento que obteve mais popularidade e destaque entre o público jovem foi o movimento *hippie*, cuja proposta era construir uma sociedade diferente, pois:

Estes opunham-se ao Sistema no seu conjunto: ao respectivo materialismo, ao conformismo característico dos cidadãos massificados, à burocracia que dirige e anquilosa a fluidez da vida, ao jogo de normas e proibições que pretensamente representam liberdade mas que só a coartam e ao quadro de valores dominante, quer dizer, a propriedade, o trabalho, o dinheiro, a concorrência, as diferenças de classe, a segregação racial, a repressão ideológica, etc. [*sic!*] (CARANDELL, 1979, p. 121).

A importância deste breve percurso histórico para o nosso estudo, reside no fato dele contribuir com a nossa compreensão acerca da própria constituição da *modificação corporal extrema*, como um movimento histórico e social. Esta é a riqueza do diálogo que estabelece a interdependência com os outros movimentos como o *punk* e o *hippie*, adquirindo a rebeldia e o protesto, o inconformismo e a luta por mudanças sociais, e, de maneira especial, são manifestações que buscam no corpo a sua expressão.

25 Segundo Christoph Türcke (2001, p. 109): “Quando durante os ‘dias caóticos’ de 1995, em Hannover, uma grande quantidade de coquetéis molotov voou pelos ares, e ruas inteiras estavam cobertas de pedras e cacos, mesmo os extremamente tolerantes se viram obrigados a reconhecer: o que os punks estão fazendo aqui já não é mais a violência para qualquer finalidade digna de respeito ou apenas merecedora de discussão qualquer, mas apenas a violência para instaurar o caos”. Através da radicalidade do movimento punk, podemos compreender o endereço da violência praticada por eles enquanto caos pleno, qual seja, a própria sociedade hipócrita.

Desta forma os *mutassomaxiados* lançam a força do choque e do espanto impressos no corpo para potencializar o protesto contra a sociedade capitalista, possibilitando que a *modificação corporal extrema* questione e conteste a condição de vida vivida, conforme observamos nas entrevistas:

[...] é o sistema do capital, eles querem pessoas iguais, para desempenhar funções que as pessoas não pensem, não questionem, iguais assim, que não questionem nada, fantoches (GONÇALVES, 2014, p. 134).

O começo de tudo foi isso, [...] de eu saber, tomar consciência que as modificações do meu corpo poderiam questionar muita coisa. Poderia contestar o racismo, a homofobia, poderia contestar o mundo através das modificações que eu faço em meu corpo (NASCIMENTO, 2015, p. 256).

Eu posso questionar a sociedade na qual estou inserido, eu posso questionar o meu tempo através do meu corpo (DUARTE, 2015, p. 161).

[...] isso veio pra mim através disso, de não aceitar tudo que me é imposto pela sociedade (NOGUEIRA, 2015, p. 33).

Dialogando com este processo, a negação à sociedade capitalista – aos seus padrões ideais e arquétipos personalizados –, também se manifestou no momento em que a *modificação corporal extrema* posiciona o próprio *mutassomaxiado* a parte desta sociedade, em que ele escolhe não pertencer ao lado comum:

Foi uma escolha do tipo que agora já estou deste lado, já não pertencço àquele, entre aspas (...) o outro lado talvez seja um lado mais simples que me possa dar outras oportunidades que agora já não posso ter, que possa ser vista de outra maneira, isso é uma coisa que não me faz diferença nenhuma porque eu não tenho objetivos desse lado, só tenho deste [sic!] (RODRIGUES, 2015, p. 283).

Seguindo nosso percurso, a *modificação corporal extrema* também recebeu influência do *body art* como um movimento de protesto, pois, trata-se da arte engajada, tencionando a ruptura com o sistema socioprodutivo, comunicando uma negação à forma de vida contemporânea e questionando as relações estabelecidas, tais como, “[...] a identidade sexual, os limites corporais, a resistência física, as relações homem-mulher, [...] a relação com os objetos etc. O corpo é o lugar onde o mundo é questionado” (LE BRETON, 2013, p. 44-45). Neste sentido: “A *body art* é uma crítica pelo corpo das condições de existência. [...] contesta os funcionamentos sociais, culturais ou políticos por um engajamento pessoal e imediato” (IBID, p. 44).

Desse modo o movimento *body art* não é uma expressão artística de deleite e contemplação, assim como *modern primitive*²⁶ não se constitui como uma forma de retorno ao primitivo e resgate da tradição. Mas são modificações corporais cujo sentido é de resistência e contestação ao estabelecido, conforme observamos na entrevista: “Uma das modificações mais extremas que eu tenho é o braço preto e significa isso pra mim, não aceitar tudo que é imposto, na verdade tem o significado tipo assim *modern primitive* entendeu?” (NOGUEIRA, 2015, p. 33).

Neste caminho, para além da influência advinda dos movimentos *modern primitive* e *body art*, a *modificação corporal extrema* teve o seu surgimento demarcando na década de 1970, através da rebeldia contestatória que tomou emprestada do movimento *punk*. Porém, conforme acompanhamos as manifestações e os protestos ocorridos naquela época, se por um lado a recusa *punk* é dinâmica, expansiva e inconsequente, ou seja, é “[...] apenas a violência para instaurar o caos” (TÜRCKE, 2001, p. 109), por outro lado, os jovens estão convencidos pela “[...] idéia de uma sociedade mais humana, mais livre só é percebida como ‘papo furado’ [sic!]” (IBID, p. 114).

A relevância deste processo reside na sua expressão como desinteresse e desesperança do jovem pela política e pelo futuro, é o abandono, a retirada do jovem do campo de batalha sócio-histórico, é um virar as costas ao sistema. Desta forma, “[...] os jovens preferem inscrever seus atos de protesto no próprio corpo a protestar com palavras de ordem coladas a alguma ideologia racional indicativa de transformação da sociedade” (LASTÓRIA, 2009, p. 283).

Neste sentido, uma vez que as marcas corporais radicais se lançaram como um posicionamento de negação ao sistema capitalista, elas acabaram por “[...] chamar a atenção do resto do mundo para um sistema econômico que desemprega, escraviza e submete o homem” (ARAÚJO, 2005, p. 69). Diante deste contexto, a negação ao capital também é manifestada pelos *mutassomaxiados* como contestação ao modelo estético

26 O movimento *modern primitive* refere-se aos rituais e modificações corporais baseadas nas práticas ancestrais e aspectos tribais, inspirando as pessoas que realizam a *modificação corporal extrema*. O seu principal representante é Fakir Musafar, e as primeiras manifestações deste grupo ocorreram a partir da década de 1950, sendo que, “[...] sua dimensão estética ou sua qualidade de desempenhos físicos é o que conta primeiramente” (LE BRETON, 2013, p. 38). Ademais, a influência produzida pelo grupo *modern primitive* também indica um processo especial de “[...] colagem de práticas e rituais fora de contexto, flutuando em uma eternidade indiferente, longe do seu significado cultural original” (IBID, p. 37).

padronizado, fato que os conduz a *inscrever seus atos de protesto no próprio corpo*, constituindo uma concepção de beleza oposta à hegemônica.

[...] ninguém tem que gostar das minhas tatuagens ou piercings. Mas, todos os meus piercings e tatuagens vêm com esses valores agregados de beleza (GONZAGA, 2011, p. 103).

Os corpos modificados ao extremo mostram à sociedade que existe uma infinidade de possibilidades de se relacionar com o belo. Que as pessoas podem ser felizes sem seguir os padrões majoritários... Que as revistas de moda mentem, que a igreja mente, que as novelas mentem e que a maioria dessas empresas todas tentam te vender a ideia absurda de que você é feio (GONÇALVES, 2014, p. 141).

[...] bem cuidado e tudo fica bonito. [...] Tu não tá se sentindo feio, tu tá embelezando ele só que no teu conceito (RIBEIRO, 2007, p. 130).

3.2.3 - Violência da privação: a matriz das violências sociais

Observando os procedimentos em que os *mutassomaxiados* realizam as *modificações corporais extremas*, produzindo uma aparência que alcance o choque e seja oposta à hegemônica, compreendemos que são intervenções relacionadas ao patamar de violência ao corpo. Notamos este posicionamento nestas entrevistas:

Na verdade assim, machuca o corpo, se pensar assim, você transpassa o corpo, você perfura o corpo (NASCIMENTO, 2015, p. 254).

[...] qualquer agressão muito grande que você faz no seu corpo é extrema. Algumas eu acho bonitas, interessantes, outras eu já vejo e acho que não tem motivos de se fazer (GONZAGA, 2011, p. 106).

A análise acerca destes fenômenos apreendidos na esfera imediata pode nos indicar que estes processos são mais amplos, que “[...] existe uma corrente de agressividade, de ânsia destruidora e de violência em *todas as esferas da vida*” (MARCUSE, 1979b. p. 64, grifo nosso). Diante desta ampliação do campo de alcance da violência imediata, para *todas as esferas da vida*, podemos compreender que ela se refere à verdadeira violência – a violência da privação –, aquela que se generaliza por ser engendrada pela propriedade privada, a qual organiza a forma da vida nesta sociedade, produzindo a privação do acesso aos bens materiais e espirituais, antagonizando não apenas as classes, mas também os trabalhadores entre si. Assim, a

violência é produzida socialmente em grande escala pelos poderes estabelecidos, conduzindo os jovens para que:

Seus protestos por vezes assumem formas racionais e, outras vezes, violentamente irracionais, constituindo-se principalmente em tentativas exibicionistas e históricas de desafios aos poderes constituídos, insultando-os até que se conscientizem dos efeitos totalitários de suas políticas, sejam estes intencionais ou não (BERLIN, 1991, p. 205).

Observando o fenômeno de forma mais detida, apreendemos a naturalização da violência ao corpo, uma vez que, segundo o *mutassomaxiado*, esta pode ser correlacionada com outras situações que impõem alguma condição extrema ao corpo, ou seja: “[...] para mim, um exercício físico muito intenso tão extremo quanto participar de uma maratona, fazer sexo a noite inteira (risos), subir uma montanha são formas que seu corpo também são – violentados” (NASCIMENTO, 2015, p. 254).

Neste contexto, compreendemos que a produção da naturalização da violência ao corpo dialoga com a naturalização da violência social – especialmente a desigualdade, o individualismo e a concorrência que antagoniza os indivíduos pela competição generalizada –, uma violência em que o maltrato ao corpo é visto e aceito como natural. Entretanto, este fenômeno se desenvolve, chegando à naturalização da mutilação corporal²⁷, conforme observamos nesta entrevista: “No mundo moderno a mutilação está cruzando a fronteira. Mas eu acho que está certo se um dia você acha que você quer se livrar de um de seus membros, por que não?” (DUARTE, 2015, p. 148).

Ademais, apreendemos a manifestação da violência social na forma de preconceito, a qual emergiu de maneira significativa nas categorizações de delinquente e ignorante, como perseguições e implicâncias, envolvendo os espaços público e privado, na família e no comércio, não há trégua:

27 Neste ponto destacamos a relação estabelecida entre os processos que envolvem a mutilação corporal e a violência ao corpo, cujo resultado é potencializado pela evolução da técnica, agregada à criatividade ilimitada. Dentre estas modificações podemos citar: a amputação de dedos, mamilos, dentes, umbigo ou de membros inteiros; as injeções de silicone que aumentam a circunferência do pênis em até 300%, ou a penectomia que se refere à retirada parcial ou total do pênis, produzindo uma condição sem gênero; o stretching anal que consiste no uso de alargadores, elevando a circunferência retal em até 38 centímetros, por 12 de diâmetro, ou mesmo o anal bleaching, que consiste na tatuagem anal na cor branca (RODRIGUES, 2015, p. 90-91). Neste contexto, observamos também o comportamento do homem lagarto nas suas apresentações, o qual possui a inscrição *freak* – aberração – tatuada no peito, conforme a fotografia 1: “Erick Sprague, o ‘homem lagarto’, [...] faz shows para exibir seu corpo e realizar algumas performances, como comer insetos” (MANGUINHO, 2012, p. 105).

Socialmente mudou tudo, andar de transportes públicos é o mesmo que passar pelo 'corredor da humilhação', é insultos, olhares maldosos e de lado... abanos de cabeça e pouco querem saber se são discretos ou não (RODRIGUES, 2015, p. 207).

Tive os problemas em casa também, foram exemplos de preconceito e talvez os mais complicados de se enfrentar (GONÇALVES, 2014, p. 145).

As pessoas acham que não somos credíveis, somos ignorantes, como te disse sou licenciada em biologia, não me faltam estudos (RODRIGUES, 2015, p. 200).

Eu corria de punk, eu corria de skinhead, ouvia muito xingo, nossa eu já fui muito xingado na minha vida. ... me chamavam de tudo. De monstro a... os básicos, viado, filho do capeta, drag queen... eu ouvia de tudo que você possa imaginar (NASCIMENTO, 2015, p. 243).

Já fui discriminado por vendedores de carros, em ourivesarias e mesmo em supermercados (RODRIGUES, 2015, p. 211).

[...] a polícia, por me ver tatuado assume que sou delinquente ou toxicodependente (RODRIGUES, 2015, p. 189).

A exclusão social preconceituosa também constitui o cotidiano das pessoas que realizam a *modificação corporal extrema*, alcançando a esfera profissional, ou seja: “Quando eu sai de lá por conta da terceirização, eu comecei a procurar emprego de novo. E quem disse que eu conseguia emprego? Nem fodendo. Preconceito com o meu corpo. Total” (NASCIMENTO, 2015, p. 248). É no movimento da vida que a violência da exclusão lhes perpassa, e os *mutassomaxiados* aprendem pela força, a limitação que lhes é imposta, pois: “A maioria dessas pessoas aqui sofreram discriminações profundas e com convivência difícil e conturbada com as demais pessoas, repletas de rejeições e subjugações” (GONÇALVES, 2014, p. 137).

3.2.4 - Estranhamento e negação ao humano: do ódio ao suicídio

Assim, todos estes aspectos relativos à violência social comunicam um conjunto de características desta sociedade, em que o *mutassomaxiado* compreende como uma ‘má formação’, conforme o seu relato: “Na rua me chamam de mil coisas, de monstro, de bicho ... isso acontece muito. É um problema de má formação dessa sociedade hipócrita de deixar como se todo mundo fosse robotizado, todo mundo Playmobil, tudo igual” (LOECK, 2010, p. 42).

Justamente esta apreensão acerca do funcionamento desta sociedade, hipócrita e violenta em diversos matizes, contribui para que o *mutassomaxiado* deseje se posicionar fora desta sociedade, um distanciamento que se manifesta como negação à humanidade atual e se concretiza como uma negação ao humano, um desejo que emergiu nesta entrevista: “*Meu parceiro tem dois chifres. [...] para ele é mais uma aproximação com o animal. Por exemplo, ele adora os chifres das cabras, dos antílopes, então para ele os implantes são mais para se aproximar ou se afastar da construção do humano*” (DUARTE, 2015, p. 146).

Esta manifestação de negação à sociedade capitalista e de *ódio da raça humana* alcança o nível mais trágico, aquele em que o indivíduo age contra a vida, como uma tentativa de aniquilar a sua própria existência. Nesta entrevista o fato se manteve como intenção: “*Já falei que eu já tentei suicídio?*” (NASCIMENTO, 2015, p. 246), porém, em outros casos o suicídio se concretizou, conforme observamos no relato da namorada do *mutassomaxiado*: “*Ele dizia que queria ser cada vez menos humano. Sentia ódio da raça humana [...] Eu acho que é por isso que ele se matou. Ele queria ser o menos humano*” (OLIVEIRA, 2004).

Diante deste contexto, compreendemos que a violência ao corpo e à vida é uma expressão da violência social, seja contra si ou contra o outro, imediata ou com mediações. Assim, a violência da privação é a matriz das violências, a qual produz a exclusão e o isolamento, e, sobretudo, a própria violência social. Este movimento é naturalizado pela forma de vida moderna, potencializando as perdas e limitações impostas, constituindo o empobrecimento – objetivo e subjetivo –, produzindo e tensionando a desumanização do sujeito contemporâneo.

Estes processos e relações nos revelam a verdadeira condição de vida do sujeito frente a estrutura social, explicitando a grave situação vivenciada – rompendo com a essência do homem como ser coletivo, isolando-o em meio à multidão, submetendo-o ao objeto –, e apontando o caminho em que esta particularidade histórica tem se dirigido. Neste sentido, Marx (2006, p. 28) questiona: “*Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo?*”.

Ora, o próprio autor considera que: “Então um demônio sussurrou-me que uma pessoa não se mata pelo simples fato de querer morrer” (MARX, 2006, p. 47). Embora a ação singular seja produzida pelo indivíduo, este sussurro demoníaco nos leva a suspeitar que a sustentação deste processo não se encontra no ser individual, ou seja, “[...] o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral” (MARX, 2006, p. 29). Michael Lowy (2006) dialoga com este movimento e contribui com a nossa compreensão, pois:

As pessoas agem entre si como estranhas, numa relação de hostilidade mútua: nessa sociedade de luta e competição impiedosas, de guerra de todos contra todos, somente resta ao indivíduo é ser vítima ou carrasco. Eis, portanto, o contexto social que explica o desespero e o suicídio (LOWY, 2006, p. 16).

Esta condição de vida adquire expressão através da *modificação corporal extrema*, no momento em que, por um lado, ela comunica a desistência do combate, à ruptura do diálogo, a negação como um virar as costas ao sistema, por outro lado, como um protesto violento contra o domínio e a privação. Este é o contexto em que, “[...] tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos” (MARX, 2006, p. 29).

Neste ponto alcançamos o momento predominante em que as *modificações corporais extremas*, nessa particularidade histórica, sintetizam as forças sociais que tensionam a perda da humanidade. São os fundamentos que se desenvolvem engendrados pela chave da propriedade privada e do trabalho alienado, que coisificam o homem e humanizam as coisas criando necessidades e desejos, estabelecendo relações de produção que produzem uma vida estranha, onde não há reconhecimento, mas individualização do ser que é essencialmente social. Esta realidade produz relações em que: “A opinião é muito fragmentada em razão do isolamento **dos homens**; é estúpida demais, **depravada** demais, **porque cada um é estranho de si e todos são estranhos entre si**” (MARX, 2006, p. 42).

3.3 - *Modificação corporal extrema: a contradição de uma mercadoria indigesta*

Esta síntese histórica nos possibilita compreender os fundamentos determinantes que estruturam a sociedade e constituem o indivíduo, os quais são produzidos pela contradição capital-trabalho. Isto nos explica que a sociedade capitalista se produz assim, com todos estes fundamentos que se desenvolvem a partir da sua origem, de maneira estranha, alienada, fetichizada, reificada e individualizada. Ademais, ressaltamos que esta forma de produção da vida é uma invenção desta particularidade histórica, em que as necessidades – do estômago ou da fantasia –, são satisfeitas pela mercadoria.

Portanto, a mercadoria já carrega nela mesma e conserva todos estes fundamentos, os quais se desenvolvem, se tornam mais sofisticados e fantasmagóricos. Recuperando o momento predominante na produção da mercadoria, apreendemos o engenho em que o trabalho, a substância humana se transfere e se funde com o produto, porém, ele não detém a humanidade verdadeira que seja capaz de reconhecimento, pois, o que se deposita na mercadoria é o trabalho alienado, indiferenciado, um ingrediente qualquer.

3.3.1 - *Moda e mercado: você se esforça, mas você vira cópia*

Apreendemos a manifestação e o desenvolvimento deste processo, no momento em que a busca pela satisfação mediada pela mercadoria aponta para uma profunda insatisfação. Desta vez, segundo Urbim (2005, p. 71): “Os canadenses Gillian Hyde e Clive Mathias não queriam um anel para selar o casamento. Decidiram morder [e decepar] a ponta do dedo do outro. ‘Não queria um compromisso de metal, mas de carne’”, conforme fotografias à frente. O que se mutila e se rompe na verdade, é a relação entre o sujeito e o objeto, é o reconhecimento do outro e de si, em que a aliança de ouro não é a culpada.



Fotografias 10, 11 e 12: Casal decepa o dedo como símbolo de casamento.

Fonte: acervo www.tedioso.com

Disponível em: <<https://www.tedioso.com/52681-nulificacao-modificacao-corporal-extrema.html>>

Data do acesso em: 21/04/2020

A importância deste fato reside na sua expressão como potencialização da insatisfação, uma vez que o objeto mercadorizado acirra a impessoalidade que se generaliza, pois, ele é fabricado pelo trabalho alienado. Este acirramento é produzido justamente pelo capital que avança como uma sombra, e se expande desconsiderando qualquer obstáculo. Assim, o princípio mercadológico se desenvolve conservando os seus fundamentos, cujo avanço tende a possuir todos os objetos, assumindo a forma mercadoria, a representante por excelência do capital.

Na sociedade das trocas o desenvolvimento deste processo é previsível e estabelece um diálogo com o nosso tema. Emblematicamente, por um lado, os *hippies* com sua bandeira contra o conformismo, a burocracia e a propriedade, formaram um novo nicho, os *hippies de boutique*, por outro lado, os *punks*, com uma estética que nasceu de um remendo de roupas feito com alfinetes de fraldas, movidos pela precariedade financeira e pela negação ao consumismo, se converteram em mais um segmento de mercado (MUGGIATI, 1985).

A *modificação corporal extrema* também foi alcançada pela lógica do mercado, incrementando o seu desenvolvimento no ponto em que esta se tornou popular e com uso massificado, produzindo não apenas novidades, mas também um sujeito para o objeto, adeptos à moda. Alguns artistas recebem tratamento especializado na sua aparência, utilizando alterações corporais falsas durante as suas apresentações públicas, contribuindo para a entrada das *modificações corporais extremas* no ideário popular. Apreendemos as primeiras manifestações deste fenômeno na produção do álbum

“Thriller”, de Michael Jackson, lançado no ano de 1982, em que o grupo de artistas apareceu caracterizado como zumbis, cadáveres em decomposição. Em 2011 a cantora norte-americana Lady Gaga produziu um vídeo promocional para o álbum “Born this way”, utilizando falsos implantes subdermais, modificando o rosto, os ombros e as costas.

Neste sentido, podemos citar o *pocketing*, cuja técnica consiste em realizar dois conjuntos de implantes de argolas alinhadas, posteriormente cruzando fios entre as argolas, como observamos na imagem a seguir. Porém, esta modificação caiu em desuso e não é mais utilizada pelos *mutassomaxiados*, está fora da moda, ou seja: “*Aquela coisa de botar os filzinhos (pocketing) para mim já é passado*” (SILVEIRA, 2010, p. 71).



Fotografia 13: Pocketing fora de moda.
Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br
Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>
Data de acesso em: 13/04/2020

Podemos observar o desenvolvimento deste processo envolvendo a moda em escala mundial. Desta vez, Segundo Benício (2019), o canadense Rick Genest, o *Zombie Boy*, se tornou modelo das grandes grifes, como a Mugler e a *Ausländer*, pela qual desfilou no Brasil, no Fashion Rio Verão 2012. Ele também participou de uma campanha publicitária para a empresa de cosméticos L’Oreal, produzindo um vídeo em

que as suas tatuagens foram maquiadas, devolvendo a mesma aparência anterior às modificações corporais²⁸, conforme observamos nas fotografias à frente.



Fotografias 14, 15 e 16: *Zombie Boy* com tatuagens cobertas por maquiagem.

Fonte: acervo www.terra.com.br

Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/morte-de-zombie-boy-encerra-carreira-fantastica-na-moda>>

Data de acesso em: 14/01/2019.

Este movimento contribui para a ampliação do mercado, especialmente na forma de cópia, pois, os piercings utilizados nas passarelas da moda determinam as novas tendências, “[...] *houve algumas tendências que estavam ocorrendo, Jean Paul Gaultier tinha modelos com piercings em seus shows e de repente as pessoas foram aparecendo, pessoas nas lojas procurando aqueles piercings particulares*” (DUARTE, 2015, p. 138).

Assim, o caráter radical e estranho das modificações corporais foi absorvido pelo mercado, banalizando o seu aspecto extremo justamente pelo fato de se tratar de mais uma mercadoria, cujo elemento fundamental é o trabalho, ou melhor, o trabalho alienado, uma gelatina indiferenciada que atribui impessoalidade ao objeto. Embora não consideramos a empiria como uma dimensão com função de comprovação teórica, apreendemos este processo impregnado na materialidade de um implante, ou seja:

28 O vídeo produzido teve mais de seis milhões de acesso e pode ser assistido através do link: https://www.youtube.com/watch?time_continue=16&v=CukxjO0l67w.

E até implante hoje em dia, onde você for você vai ver implante de bolinha, de estrela, de coração, todo mundo tem. Já está virando uma coisa banal também (DUARTE, 2015, p. 168).

[...] o piercing no umbigo é uma coisa não extrema, porque já banalizou, todo mundo tem...virou...Carla Perez pôs, virou mania nacional (BRAZ, 2006, p. 34-35).

Neste contexto, mesmo aqueles profissionais e *mutassomaxiados* que se esforçam para minimizar estas perdas e superar as adaptações, sucumbem à força da produção mercadológica, pois, é esta força que impulsiona a circulação da mercadoria, contra a qual é impossível lutar: “[...] você se esforça, pega referência, tal é cria um trabalho artístico [...]. Você digita lá o nome do trampo lá e vai aparecer 60 igual” (NOGUEIRA, 2015, p. 105). Embora na *modificação corporal extrema* não ocorra a reprodução em série, de maneira industrial, a lógica reprodutiva que se universaliza na forma mercadoria alcança este objeto, neste ponto, se expressando como cópia, visto que: “Hoje você escolhe [...]. Mas você vira cópia” (NOGUEIRA, 2015, p. 97).

Ressaltamos a importância deste processo que envolve a técnica como forma de reprodução e cópia, pois, é esta aparência superficial que nos possibilita apreender as forças sociais em causa que produzem este fenômeno. O trabalho alienado é o fermento vivo, o fundamento da forma histórica da força de trabalho, um ingrediente indiferenciado que indiferencia os homens e os objetos, produzindo a perda da especificidade e do reconhecimento humano. Esta perda se manifestou na *modificação corporal extrema* no momento em que o *mutassomaxiado* solicita a produção da modificação conforme o seu valor monetário, revelando que a especificidade do objeto é indiferente: “Quero um tribal de 120 reais no braço” (PEREIRA, 2016, p. 66).

3.3.2 – Perdas e resistências: a luta legítima de um corpo que é mercadoria

Compreendemos que este processo articula a insatisfação e a moda, a banalização e a cópia, potencializando o descompromisso com as *modificações corporais extremas*. Sob as determinações da forma mercadoria que cria os desejos e direciona a satisfação conforme a fluidez da novidade fetichizada, o indivíduo é incentivado a realizar constantes alterações corporais mais descompromissadas, sendo

estimulado a entrar em uma espécie de metamorfose permanente, a qual emergiu de maneira *unânime* entre os *mutassomaxiados*:

Eu queria apagar e começar tudo de novo, cada dia fazer uma coisa nova. Só que bô! Eu só tenho um corpo! Eu queria ter seis braços, cara, ter quatro pernas, aí ia ser legal (LOECK, 2010, p. 54).

[...] enquanto tiver espaço eu vou tatuando, no dia que não tiver mais onde tatuar eu começo a cobrir as outras (NOGUEIRA, 2015, p. 37).

Podemos dizer que busco uma metamorfose, uma transformação, uma evolução, uma mudança (DUARTE, 2015, p. 110).

Este contexto nos revela que a realização não se realiza, a satisfação e a felicidade afirmadas pelo indivíduo não acontecem, mas são postergadas para a próxima novidade. Envolvendo este movimento o *mutassomaxiado* se refere aos seus implantes: “*Me vejo hoje atrás de coisas novas, tenho comigo que já vivenciei tudo com “eles” estou em busca de coisas novas*” (GONÇALVES, 2014, p. 139). Para além da irrealização explicitada, a obscuridade como desconhecimento acerca do processo produtivo da mercadoria também contribui para que o sujeito se perca no objeto. A forma de produção em que o trabalho é depositado, se esconde e passa a pertencer ao objeto é fundamental neste processo, pois, é esta obscuridade que obstaculiza a percepção acerca da sua constituição e domínio sobre os homens.

Este processo se desenvolve e produz frutos amargos, fragmentando a realidade e a subjetividade, alienando e precarizando a condição da vida humana, atualizando e aprofundando o mal-estar contemporâneo, ao ponto de o indivíduo negar esta sociedade e buscar o *não humano*. Assim, a *modificação corporal extrema* materializa o protesto e coloca o corpo no epicentro desta forma de repúdio à sociedade capitalista, em que o *mutassomaxiado* objetiva chamar a atenção para uma condição de vida que padroniza a miséria, e, ao mesmo tempo, se posicionando fora desta sociedade, conforme seus relatos:

Sabendo como essa sociedade se mostra doente, eu me sinto um sortudo por não me sentir parte dela (GONÇALVES, 2015, p. 152).

[...] eu não posso destruir a humanidade, mas eu não me sinto de acordo com ela (DUARTE, 2015, p. 110).

Compreendemos que este posicionamento de *destruição da humanidade* e de protesto expressa a radicalidade da negação a esta sociedade, protagonizados pelos indivíduos que realizam a *modificação corporal extrema*. Como expressão, a luta contra

a violência socialmente produzida pelos poderes estabelecidos é legítima e necessária, pois, são poderes que expropriam, roubam a humanidade do homem, cuja privação se desenvolve e tenciona a própria perda da humanidade. Entretanto, esta luta necessária, o protesto, a negação efetiva-se mediada pela forma mercadoria.

Diante deste contexto, compreendemos que a contradição capital-trabalho constitutiva da estrutura social também se revela no sujeito, adquirindo expressão no momento em que ele compra a mercadoria *modificação corporal extrema*, comprando a representante de tudo aquilo contra a qual ele protesta. Ademais, o sujeito de classe é também uma mercadoria enquanto força de trabalho, o qual se torna indigesto para esta sociedade ao imprimir no corpo aquilo que não é palatável para o mercado, pois, ele denuncia precisamente a condição desumana da humanidade.

Embora o conteúdo desta denúncia seja amplo e profundo, a perda da humanidade não se concretiza de maneira integral, ou seja, mesmo que a submissão do homem ao objeto seja significativa, ela não é plena e definitiva. Portanto, estamos diante de perdas e limitações, mas também de resistência e enfrentamento, conforme o *mutassomaxiado* provoca: “A sociedade não gosta de quem a enfrenta, ela tenta comê-los. Acho que já estive várias vezes sendo mastigado por ela, mas não fui devorado ainda. Talvez eu seja indigesto, rs” (GONÇALVES, 2014, p. 142).

3.4 - Narcisismo: o necessário resgate do outro coisificado

Compreendemos que esta complexidade é a síntese de um processo histórico, em que a ruptura entre o sujeito e o objeto – como uma determinação desta particularidade histórica –, produz esta condição tensa e contraditória. Neste sentido, destacamos a importância deste movimento para a formação do ser, uma vez que é na relação como os outros homens que ele se reconhece e se constitui como ser social. É esta relação fundamental que está rompida na sociedade capitalista, a qual se produz pelo trabalho alienado, alienando os homens.

3.4.1 - O vazio narcísico do espírito de uma época

Esta realidade determina uma nova forma de sociabilidade engendrada pela propriedade privada – fundamentada na alienação e no individualismo –, articula a perda do outro e compromete a constituição do sujeito. No momento em que o trabalho passou a ser vendido como mercadoria, se produziu uma ruptura na relação fundamental entre os homens, provocando uma lacuna neste processo, em que a ausência do outro acirra a falta e a incompletude, acirrando a angústia e o vazio da vida. Assim, a riqueza da existência humana foi empobrecida, subsistindo relações reificadas e limitadas, pois: “Experiências de vazio interior, de solidão e de inautenticidade não são de modo algum irreais, [...] Originam-se das condições *hostis* que invadem a sociedade americana, dos perigos e incertezas que nos cercam e de uma perda de confiança no futuro” (LASCH, 1973, p. 49).

Uma vez que as mediações que produzem as *condições hostis* e a miséria são camufladas, especialmente na forma de trabalho assalariado e na fragmentação social, a volta a si, ao próprio ser isolado e supostamente autossuficiente, tem se tornado uma resposta cada vez mais adequada a esta realidade. Ou seja, a organização social atual cria e instaura um conjunto de desventuras ao indivíduo, mas lhe recompensa com a falsa promessa de um lenitivo a ser alcançado individualmente: a liberdade, a autonomia, o sucesso, em uma palavra – a realização.

Este processo ensinou ao homem que o sucesso individual dependia somente do seu esforço, em que a forma de vida expressada pelo americanismo e seu desenvolvimento, potencializou esta possibilidade através da aparente elevação na qualidade da vida. Este movimento contribuiu para colocar o consumismo na pauta principal das discussões na sociedade americana, pois, a superação das condições *hostis* e a suposta realização se efetivaria nesta dimensão, ou seja: “É em se voltando para dentro e investindo seu ego das qualidades imaginárias dos objetos por ele consumidos que o narcisista moderno procura escapar da existência zumbiesca da vida pública” (GABRIEL, 1988, p. 349).

É notório que tal realização não se realiza, porém, este processo é capaz de atribuir um aparente *escape da existência zumbiesca da vida pública*, atribuindo à vida privada uma espécie de refúgio, um reduto capaz de isolar e imunizar o indivíduo das

condições hostis desta sociedade. Assim: “Após a ebulição política dos anos sessenta, os americanos recuaram para preocupações puramente pessoais. Desesperançados de incrementar suas vidas com o que interessa, as pessoas convenceram-se de que o importante é o autocrescimento psíquico [*sic!*]” (LASCH, 1973, p. 24).

Esta importância atribuída ao *autocrescimento psíquico* não significa o deslocamento do nosso estudo para o sujeito psíquico, mas trata-se de apreender no indivíduo novas relações, uma nova forma de comportamento que se universaliza, atualizando o passado que ressoa no presente. Neste sentido, “[...] o narcisista moderno é, antes, produto do desamor do mundo moderno, de seu empobrecimento cultural e espiritual e da dominação da economia, da luta política e da cultura por organizações impessoais de larga escala” (GABRIEL, 1988, p. 307).

Portanto, compreendemos que estamos diante de um processo histórico, em que o fenômeno coletivo se revela no indivíduo, produto do desenvolvimento de longo prazo. Assim, o narcisista “[...] emerge das cinzas do homem econômico e, em particular do homem da organização” (IBID), nos possibilitando apreender um conjunto de elementos que caracterizam o *espírito de uma época*, o qual tensiona o enfrentamento de uma realidade empobrecida, na constituição de um sujeito fragilizado pela ausência do outro.

Poucos rótulos parecem ter captado melhor o espírito de uma época do que o de narcisismo, [...] em particular, o colapso das comunidades tradicionais e de seu simbolismo integrador, a fragmentação dos valores, a desilusão generalizada com a política, a busca do prazer pelo prazer, sobretudo através do consumo de bens e imagens, a evitação das responsabilidades geradas pelos compromissos afetivos duradouros e a necessidade simultânea de intimidade e aprovação, o recurso à terapia como meio de solucionar problemas pessoais e a privatização generalizada do que é denominado de ‘a geração do eu’ (GABRIEL, 1988, p. 306).

3.4.2 - Uma estratégia de sobrevivência: *eu sou o sonho das pessoas*

A condição frágil do indivíduo contemporâneo revela que o narcisismo é a expressão precisa deste arquétipo. Neste conjunto de características também destacamos a tendência hedonista e descompromissada nos seus posicionamentos, formando um feixe de aspectos fundamentais para desenvolver o desinteresse pela realidade.

Ademais, diante da desilusão pela política e da desesperança: “As pessoas deixam de sonhar com a superação de dificuldades, mas simplesmente passam a sobreviver a elas” (LASCH, 1973, p. 75).

Este ponto é fundamental, pois, por um lado, nos possibilita desmistificar a simplificação que envolve o conceito de narcisismo, sobretudo, através da sua utilização como sinônimo de amor-próprio, egoísmo, espelho do eu, ou como uma forma pós-moderna de um individualismo fluido e instável. Este reducionismo ocorre devido ao movimento que se restringe a observar apenas o investimento libidinal que o indivíduo realiza em si mesmo, constituindo o popular espelho narcísico. Esta compreensão não é falsa, porém, é restrita e incompleta, uma vez que ela expressa somente a face imediata do fenômeno²⁹.

Por outro lado, esta condição em que o objetivo das pessoas se restringe a *sobreviver às dificuldades*, nos lança para a face oculta do fenômeno. Esta dimensão é engendrada por mediações que detêm as determinações fundamentais, as forças sociais envolvidas e os seus desdobramentos. Assim, seja como desinteresse pelo externo ou recolhimento em si mesmo, como autocrescimento psíquico ou transcendência espiritual, este movimento produz o *espírito de uma época*, cuja força social original e determinante é a ruptura entre o sujeito o objeto.

Este contexto histórico nos revela o segredo fundamental, qual seja, – uma vez que a ruptura em causa se refere essencialmente aos homens –, o que se busca na verdade é o resgate do outro que fora coisificado, perdido. Considerando que o indivíduo se constitui se exteriorizando e se relacionando com o outro, o qual é necessário para a constituição e o reconhecimento da sua própria condição humana, o narcisismo se tornou uma estratégia de sobrevivência. Diante de uma realidade que se produz pela lógica mercantil que aliena os homens, esta é uma tentativa de captura do outro alienado e reificado.

Neste momento as duas faces do fenômeno dialogam, não como partes repartidas que se tocam, mas como um todo interdependente que não se separa, adquirindo expressão no objeto investigado. Por um lado, apreendemos a manifestação

29 Embora consideramos a magnitude da psicanálise e a riqueza da contribuição freudiana para o estudo do narcisismo, não desenvolveremos o tema neste trabalho devido ao nosso recorte epistemológico. Para aprofundar este tema e seus fundamentos ver: FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

imediate do narcisismo como amor-próprio, entretanto, por outro lado, o indivíduo alcança esta condição pelo processo em que ele enxerga a si mediado pelo olhar do outro, ou seja, é o deslumbre alheio angariado que lhe confirma a sua condição, conforme observamos nestas entrevistas: “[...] *tu faz uma tatoo bonita, daí tu chega na turma... Todo mundo olha... Meu deus, mas que coisa mais linda!!*” (RIBEIRO, 2007, p. 125). “*Posso dizer que me adoro [...] Sinto amor por mim*” (RODRIGUES, 2015, p. 261-262).

Esta autoconfirmação em si, bem como a esfera em que ela ocorre, nos aponta a profundidade e o comprometimento em que a constituição do sujeito se encontra. Considerando que a forma de organização desta sociedade é alienante, não há intersecção entre os homens, mas isolamento, e tal constituição se restringe à esfera aparente. Neste sentido, é a superficialidade do aspecto exterior, da aparência apreendida pelo olhar do outro que lhe constitui, e, neste caso, são os aspectos de uma aparência corporal diferenciada que cumprem esta tarefa. Em outras palavras, diante do individualismo, ser igual ao outro consiste em não existir, revelando a limitação do processo constitutivo do ser social que se orienta pela diferença impressa no corpo, apreendida pela aparência visual.

Eu sou uma pessoa diferente agora, e eu sinto que em vários sentidos, eu não sou um garoto comum na rua. Num sentido mais público, minhas tatuagens afirmam essa diferença (BRAZ, 2006, p. 90).

[...] é uma coisa que me deixa ‘eu’, entendeu? Tu sabe que sou eu e não tem ninguém igual [sic!] (LOECK, 2010, p. 51).

Esta constituição do sujeito demarcada pela concepção – *sou eu e não tem ninguém igual* –, é produzida por esta sociedade, produzindo o indivíduo isolado e concorrente de si mesmo. Neste contexto, o corpo emerge como uma esfera capaz de contribuir para estabelecer as características singulares, satisfazendo a precisão da constituição de si mediada pela imagem corporal modificada, conforme observamos neste relato: “[...] *foram acontecendo e eu, fui-me encontrando, e fui-me formando e fui percebendo aquilo que eu era e que eu gostava de ser, é porque é algo que vem de dentro, tem a ver um bocado com a tua maneira de ser e pensar*” (RODRIGUES, 2015, p. 253).

Diante desta limitação que restringe o processo constitutivo do sujeito à sua aparência, consideramos importante ressaltar que não se trata de uma insuficiência

intrínseca à *modificação corporal extrema*, mas trata-se da forma pela qual esta sociedade se produz, produzindo perdas que alcançam tudo e todos. Este contexto se refere à esfera da sociabilidade, cuja forma se universaliza mediada pela mercadoria, a representante que carrega os fundamentos do capital. Uma vez que as mercadorias são produzidas pelo trabalho alienado, um ingrediente desumanizado, este fundamento determina a sociabilidade como relações humanas coisificadas, limitando a sua humanidade.

Neste sentido, considerando que o indivíduo prescinde o imprescindível – o outro –, as relações sociais se tornaram impessoais, as vinculações mais efêmeras e a socialização mais individualizada. A importância do narcisismo para este estudo reside justamente no fato dele expressar o esforço realizado pelo indivíduo para resgatar o outro, cuja relação consiste no critério ontológico acerca da constituição do próprio sujeito. Porém, na sociedade das aparências as relações reificadas determinam a limitação entre os homens, acirrando o empobrecimento do contato que se restringe à dimensão visual, pois: “Na verdade, a condição do ver e do ser visto foi transformada em um verdadeiro critério *ontológico* para a existência do sujeito contemporâneo” (BIRMAN, 2013, p. 48-49).

Neste ponto podemos compreender que a visibilidade social não se encontra no escopo opcional para o indivíduo, uma vez que determina a sua condição de existência, conforme observamos nestas entrevistas:

[...] todo ato do ser humano é voltado para a visibilidade, o eu existo... as pessoas que fazem trabalhos mais extremos de agressividade até os mais simples são pelos mesmos motivos: visibilidade (PEREIRA, 2007, p. 158).

Fiz as modificações pra se sobressair de uma multidão (LOECK, 2010, p. 46).

A tendência à irreversibilidade inerente às *modificações corporais extremas*, bem como a sua expressão capaz de chocar, contribui com o esforço realizado para resgatar o outro, capturando o seu olhar. Desta forma a estratégia de sobrevivência também se tornou condição de existência, em que o indivíduo depende de ser visto para se constituir, um processo tal qual “[...] um vampiro que crava seus dentes na vítima que está a sua mercê, de modo que a vítima a ele se vicia e se adapta. [...] Eles absorvem uma enorme quantidade de excitação quando injetam, incessantemente, seu ‘ser notado’” (TÜRCKE, 2010, p. 280).

Conforme compreendemos que a percepção sensorial se encontra atrofiada, a *modificação corporal extrema* possui a capacidade de despertar a sensação, excitando e atraindo o olhar do outro, ou seja, “[...] porque as minhas modificações são ao extremo né? É impossível eu passar sem alguém não torcer a cabeça para olhar” (ARAÚJO, 2015, p. 67). Com o critério ontológico reduzido a atrair a atenção, a captura do olhar alheio potencializa a sensação de existência e evidência social daquele que está sendo visto: “Tipo comprar coisas no hipermercado faz-me sentir uma estrela de rock, toda a gente a olhar” (RODRIGUES, 2015, p. 191). Apreendemos a manifestação deste processo também entre os torcedores de futebol: “Eu fico um pouco mais conhecido na torcida, seu nome fica falado, o pessoal se espelha pra querer fazer mais também” (TOMAZETT, 2017, p. 97).

Ademais, a dependência à visibilidade como emissão compulsória também se tornou compulsiva, pois, a realização não se realiza, conduzindo a satisfação desta necessidade para um movimento que se repõe indefinidamente, conforme o *mutassomaxiado* afirma: “Tu gosta, tu vai fazer outra... Tu não vai parar. (Pergunta) E qual é o limite? Nunca tem limite” [sic!] (RIBEIRO, 2007, p. 125). Diante da ausência de limite, a sensação *da falta* avança:

Sinto que preciso fazer mais que está faltando, hoje eu já tenho nove tatuagens do Goiás já e pretendo fazer mais umas oito ou dez [...]. Já estou na terceira já. Pretendo fazer mais [...]. Uai cara, a sensação foi de querer mais né, de querer fazer mais (TOMAZETT, 2017, p. 129).

Neste caminho, os investimentos extremos na aparência corporal expressam o seu diferencial, diferenciando os *mutassomaxiados* que suscitam o choque e o espanto, atribuindo-lhes visibilidade social: “Eu entro num shopping, eu conheço todo mundo das lojas... É incrível, eu conheço todo mundo! [...] Todos me conhecem! É impossível não me conhecer (risos)” (RIBEIRO, 2007, p. 128). Assim, a *modificação corporal extrema* estabelece um diálogo de proximidade com o narcisismo, em que a sua radicalidade possibilita a conquista da admiração do outro:

Socialmente sou sempre o ponto de atracção de onde quer que esteja, basta-me sair de casa de t-shirt e pronto (...) se for num bar, discoteca, uma festa... é diferente e sabe bem de certa forma as pessoas repararem em ti, e colam a olhar; e tu obviamente que sabes porque é que é e epá sentes-te bem, as pessoas se olham é porque lhes chama a atenção e gostam e és tu que tens aquilo que lhes está a chamar à atenção. Como disse a pouco, também gostava disso, saber que era ‘diferente’ e que olhavam para mim (RODRIGUES, 2015, p. 208).

Todas estas relações e processos ocorrem de fato na realidade, a *modificação corporal extrema* – mesmo na esfera aparente –, propicia a diferenciação, a captura do olhar que se espanta e admira, e especialmente, a sensação de realização, conforme observamos nesta afirmação: “*Eu vou te dizer o que eu sou: eu sou o sonho das pessoas*” (LOECK, 2010, p. 56). Entretanto, aprendemos que a realidade não é transparente, podendo se apresentar de maneira falsa, como uma sala de espelhos, os quais enganosamente refletem uma condição de liberdade e realização. São apenas sensações aparentes e efêmeras, pois, são impregnadas de fetiche, uma magia que cria necessidades, submete o homem ao objeto e lhe convence acerca desta condição supostamente alcançada:

Eu sou o sonho das pessoas, elas ficam sonhando com aquilo e não podem. Quantas pessoas já me falaram “bá! Que legal, como eu queria ter uma tatuagem na cabeça e não posso”, isso acontece direto. Então eu sou o desejo das pessoas. [...] Todo mundo olha pra mim e acha ridículo, mas ela queria ter uma tatoo no pescoço, ela não pode porque o emprego não deixa, porque a mulher não deixa, porque o pai não deixa... ou ele olha e diz “bá, que ridícula aquela tatoo no braço”, mas ele queria ter aquela tatoo no braço, ele só não faz porque tem muita coisa que não pode, porque tem discriminação com tudo, então o que acontece? Eu sou o sonho das pessoas (LOECK, 2010, p. 56).

Considerações finais

Diante de todo este movimento histórico compreendemos que o sonho afirmado e materializado no corpo do *mutassomaxiado*, é produzido pela diferenciação de uma aparência capaz de chocar, comunicando uma suposta liberdade e realização, bem como resgatando o outro através da sensação visual excitada que atribui existência a si, funcionando como uma estratégia de sobrevivência. Assim, o choque e a tendência a irreversibilidade inerentes à *modificação corporal extrema*, constituem uma tentativa de vencer a percepção torpe e as relações rompidas, alienadas e reificadas. Precisamente este processo nos revela que estas relações não romperam por completo, a alienação e a reificação não venceram de modo integral, pois, estas modificações corporais são produzidas para que alguém veja, para serem exibidas para o outro, é o olhar alheio que lhe interessa; o que não ocorreria entre homens de fato isolados e autossuficientes.

Este contexto nos confirma a condição ontológica humana, ou seja, somos seres essencialmente sociais, coletivos. Assim, esta condição nos acompanha desde o primeiro ato histórico, em que estabelecemos relações com o outro para satisfazer as necessidades que se desenvolvem, revelando que somos seres da falta, da apetência. Uma incompletude que também reafirma a importância do outro para a constituição do próprio sujeito, abrindo caminho para uma verdadeira saga que se busca a realização e a felicidade. Embora a completude plena seja uma condição inatingível em qualquer particularidade histórica, as forças sociais que organizam a sociedade capitalista criam um engenho enigmático, em que, quanto mais se busca menos se encontra.

Observamos a manifestação deste enigma na *modificação corporal extrema*, no momento em que o *mutassomaxiado* busca uma espécie de metamorfose de intensidade progressiva, ele também busca a beleza e a visibilidade, mas convive com a feiura e a sensação de inexistência, busca autenticidade e diferenciação, mas encontra a banalização e a cópia, busca a felicidade e a realização, mas vive a desventura e a desesperança. Para desvendar o mistério produtor deste fenômeno recorreremos a um questionamento elementar: o que é *modificação corporal extrema*? É trabalho. Embora esta resposta seja simples ela não é elementar, pois, se refere ao processo original produtor de todo o engenho enigmático burguês, o qual converte o trabalho ontológico em força de trabalho, assegurado pela propriedade privada.

Partindo deste movimento histórico compreendemos o desenvolvimento deste enigma, pois, a busca não conduz à realização, ao alcance do objetivo traçado, mas acirra as perdas para o sujeito. O que sustenta esta enganação é a falsidade que engendra os fundamentos da sociedade burguesa, em que a propriedade privada, supostamente justa, se estabelece como apropriação desigual, o trabalho como alienação – cujo processo os homens perdem os objetos, a si mesmo e os outros homens como categoria genérica –, o fetiche como submissão humana ao mundo dos objetos, os quais adquirem e escondem o trabalho, criam necessidades e desejos satisfeitos pela mercadoria, e a reificação como um processo produtivo que padroniza o pensamento e especializa as ações, fragmenta a realidade e a subjetividade, produtos e produtores, instrumentalizando a razão e constituindo a consciência unitária, coisificando os homens e humanizando as coisas.

A determinação fundamental de todo este movimento encontra-se na ruptura sujeito-objeto, sintetizando um conjunto de forças sociais que constituem a contradição capital-trabalho. Este ponto é decisivo, pois, é esta base material histórica que nos revela as mediações que tensionam a categoria central do fenômeno em causa, a *perda da humanidade*, a qual não é plena e definitiva, mas é profunda e significativa.

O lastro que assegura esta verdade advém da materialidade, revelada no processo do trabalho em que o homem existe para o capital como força de trabalho, a qual se realiza apenas na sua função física – não importando a esfera intelectual ou manual. A parcela de humanidade que está para além da força de trabalho não interessa para o capital, é isto que se perde. Uma vez privado de desenvolver e desfrutar o potencial humano, o que resta limita-se à dimensão biológica, ou seja, “[...] (o trabalhador) só se sente livremente activo nas suas funções animais – comer, beber e procriar, [...] enquanto nas suas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal” [*sic!*] (MARX, 1993, p. 162).

O descortino deste processo ilumina nossos caminhos e nos orienta para alcançarmos o essencial acerca da *modificação corporal extrema*, uma totalidade que estabelece uma forma de sociabilidade narciso-individualista, fundada por uma realidade alienada, fetichizada e reificada, que produz a desumanização da vida, vivida de forma fragmentada e individualizada, autossuficiente e narcisista, submetida ao objeto, conforme desenvolvemos ao longo desta exposição.

A riqueza da apreensão deste movimento histórico reside no fato dele nos possibilitar avançar para além da aparência, alcançando o essencial, ou seja, o imprescindível não é a evolução da técnica e das novidades imediatas, não é o que se faz em si, mas *o que produz o que se faz*. Portanto, é esta complexidade histórica que se desenvolve, produzindo o empobrecimento e a limitação da vida, tensionando a perda da humanidade. Neste sentido o homem perde a condição de sujeito, perdendo o objeto, a si e ao outro – o qual é fundamental para a sua própria constituição, perdendo a condição de reconhecimento –, perde a experiência e a comunicação, a noção do todo e da parte que se fragmentam e se desintegram, perde a sensibilidade e atrofia a percepção, produzindo o choque como uma necessidade.

Neste ponto podemos estabelecer uma correlação desta condição de vida àquela anunciada por Marx (2010), em que o trabalhador produz a riqueza, a seda e o ouro, mas para ele, a prosperidade humana se reduz, “[...] talvez a uma roupa de algodão, a umas moedas, a um quarto no porão” (MARX, 2010, p. 36). Esta pobreza material imediata é a expressão das perdas e limitações vividas pelo sujeito histórico nesta sociedade, um empobrecimento que se refere à condição da vida humana que se precariza, cuja origem reside no momento em que o homem passou a vender a sua vida como mercadoria, na forma de força de trabalho, de modo privado.

Diante deste contexto, destacamos uma característica importante acerca da *modificação corporal extrema*, o protesto, conforme observamos nestas entrevistas: “[...] sempre achei uma coisa de maloqueiro, sei lá, contravenção, assim, tudo” (PEREIRA, 2016, p. 81). “[...] pode ser alguma forma de revolta” (RODRIGUES, 2015, p. 172). Na voz do próprio *mutassomaxiado* apreendemos a direção empreendida ao protesto por ele realizado, seja como *contravenção ou revolta*, “[...] ou mostrar alguma ousadia ou até às vezes de chocar as pessoas” (RODRIGUES, 2015, p. 172). Assim, compreendemos que o protesto não se constitui como um movimento que mira os fundamentos, os pilares que asseguram o capital, mas é uma negação ao sistema e se dirige ao imediato, à vida financiada por *umas moedas* e vivida no *quarto do porão*.

Contudo, outras modificações corporais não possuem o potencial contestatório que a *modificação corporal extrema* detém, pelo fato dela se manter como uma mercadoria indigesta para o sistema. Esta resistência é assegurada pelo choque provocado, em que as modificações radicais suscitam o espanto e captam a admiração,

através de corpos que buscam o não humano – aproximando a sua aparência com o zumbi, o lagarto ou o vampiro. Assim, o *mutassomaxiado* vive na carne a marca que demarca a sua aversão ao social estabelecido, denunciando a desumanização da vida, se desumanizando.

Talvez a *modificação corporal extrema* seja a expressão mais desenvolvida e atualizada do alto nível de desumanização da vida, em que a aparência estranha reverbera como um grito e alcance o todo, comunicando a condição selvagem que nos domina e submete. Ao mesmo tempo este grito também comunica o desejo pelo resgate destas perdas, desta vez, almejando o contato com a dimensão humana na sua condição mais simples, na forma do valor de uso, instaurando uma tentativa de romper com o valor de troca que a tudo reveste. Portanto, compreendemos que este objeto é uma significativa resistência ao capital, uma vez que o próprio sistema lhe nega, ou seja:

Quando eu decidi modificar o meu corpo, eu sabia que eu tinha um preço a pagar. – E isso não é questão financeira, é questão de sociedade, né? (ARAÚJO, 2015, p. 67).

[...] as chances de encontrar um bom emprego em outra coisa com orelhas de elfo são provavelmente pequenas (DUARTE, 2015, p. 156).

Assim, mesmo consciente acerca do *preço a ser pago*, o *mutassomaxiado* conserva a sua posição de enfrentamento à realidade mercantil, a qual produz uma forma de vida hostil, acelerada e incerta, provocando reflexões em todos nós, sobre as possibilidades que envolvem os nossos próprios corpos nesta sociedade. Neste contexto, por um lado a *modificação corporal extrema* é resistência e protesto, denunciando a limitação e o empobrecimento de uma condição de vida que se desumaniza, por outro lado, é uma mercadoria, é o meio pelo qual se protesta contra aquilo que lhe produziu, revelando uma contradição interna do objeto.

Todo o movimento histórico que perpassamos contribui com a nossa análise acerca do problema original desta pesquisa, envolvendo a perda da humanidade tensionada por forças sociais estranhantes, capaz de tornar a *modificação corporal extrema* indigesta e estranha ao capital, bem como alienante e estranha ao sujeito. Um movimento que nos possibilita apreender o momento predominante das relações reificadas que, nesta particularidade histórica, sintetizam as mediações sociais e produzem o objeto desta investigação.

Embora a história não seja produzida no pensamento, mas na realidade, revelar este amplo e complexo processo na esfera teórica, sob essa lente que propomos, com esses autores e trabalhos, é uma intervenção também prática, pois, ambas são inseparáveis. Da mesma forma, inseparáveis são os sujeitos psíquico e histórico. A importância desta compreensão reside no fato dela nos revelar que o sujeito psíquico está presente no tema desta pesquisa, na relação dialética entre a parte e o todo. Porém, é preciso outra lente para novos desenvolvimentos da questão aqui abordada, talvez, sob o olhar da psicanálise.

Assim, com esta concepção indissociável de um fenômeno que não detém uma resposta final, mas uma riqueza imprescindível para o desenvolvimento humano, encerramos com este diálogo produzido pela sétima arte, entre uma árvore e uma criança, o qual instiga reflexões que podem envolver a *modificação corporal extrema*, envolvendo as *feras humanas*:

Árvore: Você apenas queria que a dor terminasse. Sua própria dor. É o desejo mais humano que existe.

Criança: Eu não queria isso.

Árvore: Você queria, e ao mesmo tempo não queria.

Criança: Como as duas coisas podem ser verdade?

Árvore: Como um príncipe pode ser um assassino e ser amado por seu povo? Como um apotecário pode ser mal-humorado mas pensar com clareza? Como um homem invisível pode ser tornar mais solitário ao ser visto?

Criança: Eu não sei. Suas histórias nunca fizeram sentido para mim.

Árvore: Porque os humanos são feras complicadas. Vocês creem em mentiras confortáveis, embora saibam a verdade dolorosa que torna essas mentiras necessárias. No fim das contas, Conor, não importa o que você pensa. Apenas importa o que você faz.

Criança: Então o que devo fazer?

Árvore: O que você fez agora. Falar a verdade.

Criança: Só isso?

Árvore: Acha que é fácil? Você preferia morrer a dizer a verdade.

Criança: Estou tão cansado, cansado de tudo isso.

Árvore: Então, durma. Temos tempo (BAYONA, 2017, filme, 1h48min).

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a morfologia do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. Editora Cortez, 2006.

_____. Os exercícios da subjetividade: as reificações inocentes e as reificações estranhadas. **Caderno CRH - Revista de Ciências Sociais de Centro de Estudos e Pesquisas em humanidades da Universidade Federal da Bahia**. Salvador, v. 24, n. spe01, p. 121-131, 2011.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARAÚJO, A. M. A. **Corpo e subjetividade: estudo sobre body modification e suspensão corporal**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2015. Disponível em: <<http://btdt.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **A educação do corpo na sociedade do capital**. Curitiba: Appris, 2013.

BAYONA, Juan Antonio. **Sete minutos depois da meia-noite**. Brasil: Diamond Films, 2017 (1h48min).

BENÍCIO, Jeff. **Morte de Zombie Boy encerra carreira fantástica na moda**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/morte-de-zombie-boy-encerra-carreira-fantastica-na-moda>> Acesso em: 14/01/2019.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

_____. A obra de arte na era de reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987b.

_____. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987c.

_____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: Adorno, Theodor; BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.** In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERLIN, Isaiah. **Limites da Utopia: capítulos da história das ideias.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BIRMAN, Joel. Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão. In: AUBERT, Nicole; HAROCHE, Claudine (orgs.). **Tirania da Visibilidade: o invisível e o visível nas sociedades contemporâneas.** São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

BRANDÃO, Antonio C. e DUARTE, Milton F. **Movimentos culturais de juventude.** São Paulo: Editora Moderna, 1990.

BRAZ, C. A. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: 2006. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

CARANDELL, José Maria. **A contestação juvenil.** Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979.

DIAS, B. S. F. **Os limites do corpo: modificações corporais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas). Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bauru: 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/128183>> Acesso em: 11/07/2019.

DUARTE, B. N. **O futuro do corpo: tecnociência, pirataria e metamorfose.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2015. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo>> Acesso em: 11/07/2019.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1980a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14).

GABRIEL, Yannis. **Freud e a sociedade.** Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDMANN, Lucien. A reificação. In: **Dialética e cultura.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

GONÇALVES, A. S. **Corpos modificados ao extremo – o eu, o outro e a sociedade.** Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília – UNB. Brasília: 2014. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo>> Acesso em: 11/07/2019.

GONZAGA, E. S. F. **As práticas de modificações corporais e a formação de identidades somáticas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Goiânia: 2011. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 3. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Cadernos do cárcere**. v. 4.. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Cadernos do cárcere**. v. 6. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HAUG, Wolfgang Fritz. A crítica da estética da mercadoria. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **A linguagem da sedução: a conquista das consciências pela fantasia**. São Paulo: COM-ARTE, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KEMP, Kenia. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

LACAZE, Roberto. **Mae Hong Son e as mulheres girafa – Tailândia**. Disponível em: <<http://www.gentedomundo.com/2011/05.html>> Acesso em 07/09/2019.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

LASTÓRIA, Luiz C. N. Utopias somáticas como contraface da distopia social. In: PUCCI, Bruno; ALMEIDA, Jorge; LASTÓRIA, Luiz C. N. **Experiência formativa e emancipação**. São Paulo: Nankin, 2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2013.

LESSA, L. L. **Representação simbólica da tatuagem e seu significado**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo: 2017. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo>> Acesso em: 11/07/2019.

LOECK, Leonardo. **Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas**. Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24916>> Acesso em: 11/07/2019.

LÖWY, Michel. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUZ, Madel; SABINO, César. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **Revista Saúde Coletiva PHYSIS**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, 2006, p. 251-272. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a07.pdf>>.

MANGUINHO, J. V. F. **Arte prazer e bisturi**: construção corporal através da body modification. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2012. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

_____. As causas da rebelião juvenil. In: CARANDELL, José Maria. **A contestação juvenil**. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979a.

_____. A juventude perante o sistema. In: CARANDELL, José Maria. **A contestação juvenil**. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979b.

_____. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. v. 1.

_____. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. v. 2.

_____. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999a.

_____. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. Volume I, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MUGGIATI, Roberto. **Rock: os anos da utopia e os anos da incerteza (1967-1984)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, v. 2.

NANBU, Gabriel. **Alargador na bochecha**. Disponível em: <<http://www.virgula.com.br/album/modificacoes-corporais-insanas>> Acesso em: 19/03/2020.

NASCIMENTO, M. A. N. **Corpos (con)sentidos: cartografando processos de subjetivação de produto(re)s de corporalidades singulares**. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista – UNESP. Assis: 2015. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

NOGUEIRA, Danielle. **O quebra-cabeça da montagem do 737**. 07/04/2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/o-quebra-cabeça-da-montagem-do-737>> Acesso em 11/10/2019.

NOGUEIRA, N. S. **Corporalidades, body modification e a sociedade contemporânea**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva). Universidade de Brasília – UNB. Brasília: 2015. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/11667>> Acesso em: 11/07/2019.

OLIVEIRA, Renan Antunes. A tragédia de Felipe Klein. **Jornal Já**. Porto Alegre, 20 dezembro 2004. Matéria especial. Disponível em: <<https://www.jornalja.com.br/a-tragedia-de-felipe-klein>> Acesso em: 05/02/2019.

PEREIRA, B. P. **“O mais profundo é a pele”**: processos de construção de identidade por meio da tatuagem. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2016. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

PEREIRA, F. M. G. **Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais: aproximações interetnográficas entre Recife e Madri**. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2007. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

RIBEIRO, M. R. **Primitivos modernos: a modificação corporal e o retorno do corpo animal entregarás teu corpo/animal em sacrificio ao grande outro**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2007. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

RODRIGUES, M. A. F. **O Corpo como objecto de marca(s): modificações corporais e a procura de significado num território não demarcado**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Fernando Pessoa – UFP. Porto: 2015. Disponível em: <<https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/5177>> Acesso em: 11/07/2019.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Narcisismo e publicidade**: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade. São Paulo: Annablume, 2007.

SILVEIRA, A. A. **As produções discursivas de jovens sobre as práticas do body modification**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande: 2010. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 11/07/2019.

TOMAZETT, L. C. **A marca no corpo**: futebol, tatuagem e educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação – UFG. Goiânia: 2017.

TÜRCKE, Christoph. A luta pelo Logotipo. In: DUARTE, Rodrigo; FIGUEIREDO, Virgínia (orgs.). **Mímesis e expressão**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2001.

_____. Sociedade da sensação: a estetização da luta pela existência. In: ZUIN, Antonio; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton (orgs.). **Ensaio Frankfutianos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

_____. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.

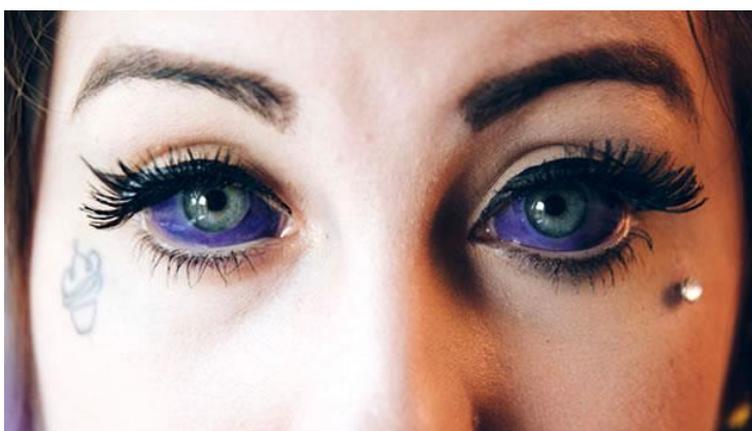
URBIM, Emiliano. Navalha na carne. **Revista Superinteressante**. São Paulo, nº 213, p. 68-71, 10 de maio de 2005.

APÊNDICE
TÉCNICAS DE MODIFICAÇÃO CORPORAL EXTREMA

1 - TATUAGEM

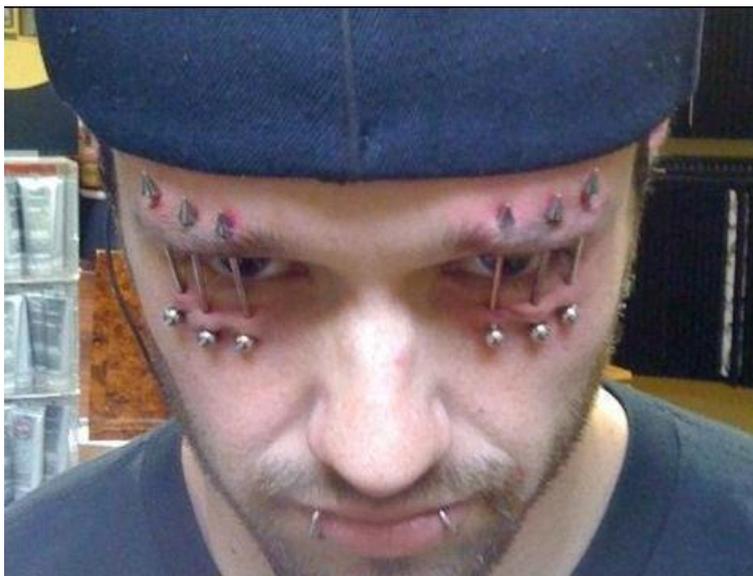


Fotografia 17: Tatuagem na pele
Fonte: acervo próprio.



Fotografia 18: Tatuagem no globo ocular - eyeball
Fonte: acervo mundointrigante.com
Disponível em: <<https://mundointrigante.com/8-modificacoes-corporais-extremas/>>
Acesso em: 21/04/2020

2 – PIERCING



Fotografia 19: Piercing na sobrancelha

Fonte: acervo www.gadoo.com.br/

Disponível em: <<https://www.gadoo.com.br/entretenimento/veja-os-piercings-mais-radicais-usados-por-seres-humanos/>>

Acesso em: 21/04/2020



Fotografia 20: Pocketing

Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>

Acesso em: 13/04/2020

3 – STRETCHING – ALARGADORES



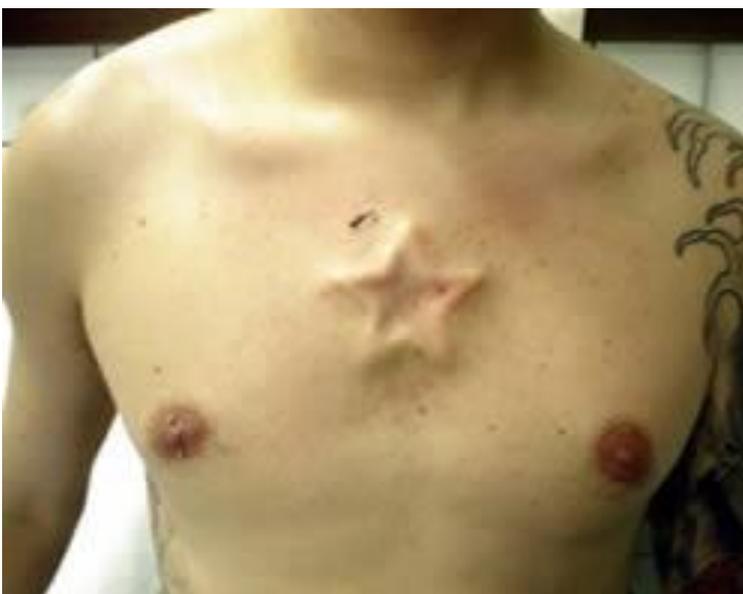
Fotografia 21: Alargador na orelha e nariz

Fonte: acervo www.gadoo.com.br

Disponível em: <<https://www.gadoo.com.br/entretenimento/veja-os-piercings-mais-radicaais-usados-por-seres-humanos/>>

Acesso em: 21/04/2020

4 – IMPLANTES

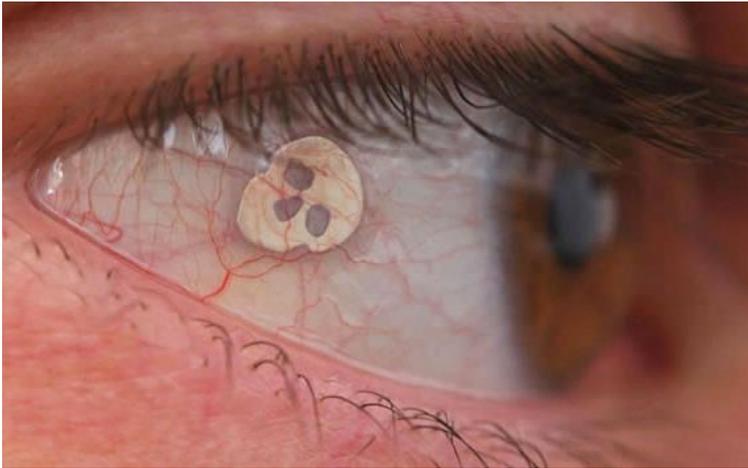


Fotografia 22: Implante subdermal

Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>

Acesso em: 13/04/2020

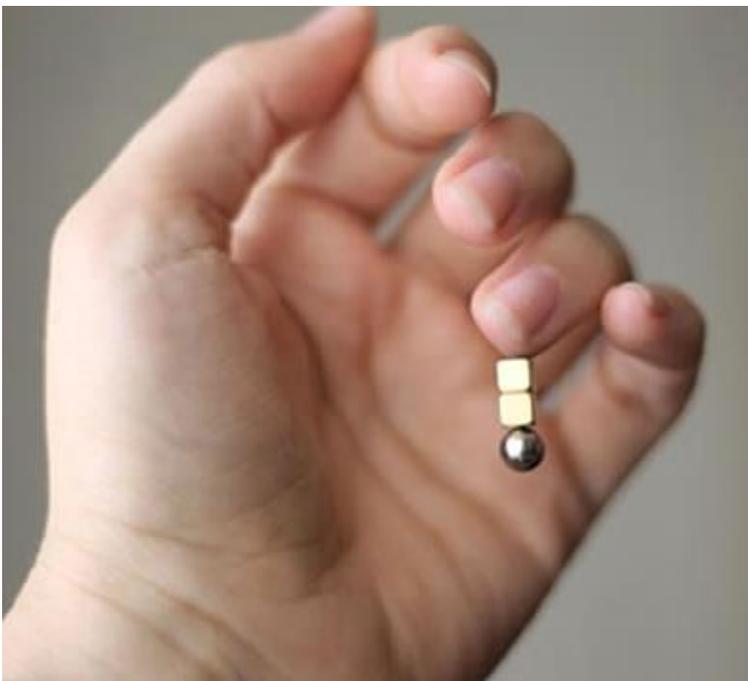


Fotografia 23: Implante no globo ocular

Fonte: acervo mundointrigante.com

Disponível em: <<https://mundointrigante.com/8-modificacoes-corporais-extremas/>>

Acesso em: 21/04/2020.



Fotografia 24: Implante magnético

Fonte: acervo mundointrigante.com

Disponível em: <<https://mundointrigante.com/8-modificacoes-corporais-extremas/>>

Acesso em: 21/04/2020.



Fotografia 25: Implante transdermal

Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>

Acesso em: 13/04/2020

5 - ESCARIFICAÇÃO – CICATRIZ



Fotografia 26: Escarificação química

Fonte: acervo www.tintanapele.com

Disponível em: <<https://www.tintanapele.com/escarificacao/>>

Acesso em: 21/04/2020



Fotografia 27: Escarificação cutting

Fonte: acervo www.mundodastatuagens.com.br

Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2015/>>

Acesso em: 13/04/2020



Fotografia 28: Escarificação peeling ou skin removal

Fonte: acervo www.mundodastatuagens.com.br

Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2015/>>

Acesso em: 21/04/2020



Fotografia 29: Escarificação burning

Fonte: acervo www.mundodastatuagens.com.br

Disponível em: <<https://www.mundodastatuagens.com.br/blog/2015/>>

Acesso em: 21/04/2020



Fotografia 30: Escarificação branding

Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>

Acesso em: 13/04/2020

6 - BIFURCAÇÃO DA LÍNGUA



Fotografia 31: Língua bifurcada

Fonte: acervo www.brasilecola.uol.com.br

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/body-modification.htm>>

Acesso em: 13/04/2020

7 - ORELHA DE ELFO – EAR POINT



Fotografia 32: Orelha de elfo – ear point

Fonte: acervo mundointrigante.com

Disponível em: < <https://mundointrigante.com/8-modificacoes-corporais-extremas/>>

Acesso em: 21/04/2020.

8 – NULIFICAÇÃO



Fotografia 33: Nulificação - remoção do umbigo

Fonte: acervo www.virgula.com.br

Disponível em: <<http://www.virgula.com.br/album/modificacoes-corporais-insanas>>

Acesso em: 19/03/2020.



Fotografia 34: Nulificação - remoção dos dedos

Fonte: acervo www.tedioso.com

Disponível em: <<https://www.tedioso.com/52681-nulificacao-modificacao-corporal-extrema.html>>

Acesso em: 21/04/2020.